

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS:

o impacto do programa Vence na E. E. Prof. José Vieira Macedo

LETÍCIA GOMES DE SENA

GUSTAVO ANDREY DE ALMEIDA LOPES FERNANDES

São Paulo – SP

2018

DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS:

o impacto do programa Vence na E. E. Prof. José Vieira Macedo

Resumo

Sendo a implementação de programas de vinculação de cursos técnicos ao Ensino Médio, uma prática vista há muitos anos no Brasil e que tem se mostrado uma política constante tanto em governos estaduais, como no governo federal; buscou-se levantar o histórico do ensino profissionalizante no país, com a finalidade de destacar os seus principais eventos, pontos convergentes e divergentes em mais de 400 anos de história. Juntamente com estes levantamentos, utilizando os estudos de Pierre Bourdieu entre outros autores, buscou-se destacar quais os impactos que a existência de dois ou mais sistemas de ensino podem gerar, como também buscou-se apresentar e destacar tipos de desigualdades de oportunidades educacionais nestes sistemas, separando por fatores intraescolares e extraescolares. Vinculando os estudos sobre os sistemas de ensinos técnicos de nível médio no país e as teorias aqui introduzidas, escolheu-se o programa estadual paulista “Vence”, da modalidade Integrada, para se explorar com base nas teorias de desigualdades de oportunidades educacionais, a experiência dos alunos do Ensino Médio Regular (não participantes do programa) e do Ensino Técnico Integrado ao Médio (participantes do programa).

Para a realização deste estudo, utilizou-se da pesquisa qualitativa aplicada a metodologia de “estudo de caso único incorporado” do Robert K. Yin (2001). A escola escolhida para se realizar o estudo de caso foi a E. E. Prof. José Vieira Macedo, com a sua Classe Descentralizada da Etec Profª. Ilza Nascimento Pintus, em São José dos Campos. Os métodos utilizados para a obtenção dos dados, abrangeram o princípio da triangulação (diversificação do uso de fontes de evidência) e seguiram as principais fontes de informação para um estudo de caso, apresentados por Yin, que são os documentos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos; outra ferramenta que foi amplamente utilizada para se chegar aos levantamentos foi a aplicação de questionários.

Os resultados obtidos após se fazer uma análise detalhada das respostas dos alunos, professores, funcionários e equipe diretiva da escola; mostraram que há uma diferença no perfil

dos alunos do Ensino Regular e do Ensino Técnico. Essa diferenciação aponta que os alunos do Vence têm condições socioeconômicas e socioculturais mais elevadas que os alunos do Regular. Estes estudantes também apresentam uma tendência maior de ingressarem no ensino superior que os demais alunos, apesar de o nível de aspiração para se alcançá-lo seja relativamente o mesmo entre os módulos. Em relação as condições de acesso à informação do Vestibulinho da Etec, se apresentaram praticamente as mesmas; diferentemente, das condições de entrada ao Vestibulinho, os quais os alunos do Vence tiveram um maior aporte de cursinhos pré-vestibulinhos que os alunos do Regular que chegaram a prestar o Vestibulinho da Etec. Em relação aos impactos na escola com a entrada e permanência do Vence, na questão da infraestrutura e dos recursos recebidos as mudanças foram mínimas. Por fim, um dos principais levantamentos feitos, mostraram que há dentro da escola um tratamento e posturas diferenciadas para cada um dos módulos.

É possível concluir que este programa, da maneira como foi implementado e é conduzido, reproduz as desigualdades de oportunidades educacionais no tocante aos fatores intraescolares na vida dos alunos. E com o levantamento do perfil dos estudantes de ambos os módulos analisados, chegou-se também a conclusão de que há entre os estudantes, desigualdades de oportunidades ligadas aos fatores extraescolares.

Palavras-chaves

Educação Técnica, Ensino Integrado, Programa Vence, Desigualdade de Oportunidades Educacionais, Centro Paula Souza.

| | |
|---|-----------|
| Sumário | |
| Resumo | 1 |
| Palavras-chaves | 2 |
| Sumário | 3 |
| Introdução | 4 |
| Hipóteses | 5 |
| Objetivos | 6 |
| Objetivo Geral | 6 |
| Objetivo Específico | 6 |
| Metodologia | 6 |
| Referencial Teórico | 11 |
| Desigualdades de Oportunidades Educacionais | 11 |
| O Histórico do Ensino Técnico no Brasil | 15 |
| Centro Paula Souza | 21 |
| Escolas Técnicas Estaduais | 23 |
| Classes Descentralizadas | 25 |
| Programa Vence | 26 |
| São José dos Campos | 29 |
| EE Prof. José Vieira Macedo | 31 |
| ETEC São José dos Campos | 32 |
| Extensão - EE Prof. José Vieira Macedo | 32 |
| Resultados | 33 |
| Taxas e Índices Escolares | 33 |
| Infraestrutura Escolar | 38 |
| Professores, Funcionários, Equipe Diretiva e Coordenação Etec | 45 |
| Alunos do Ensino Regular e Alunos do Etim | 56 |
| Perfil dos alunos | 56 |
| Perfil Socioeconômico e Familiar | 61 |
| Educação | 65 |
| Etec e Programa Vence | 74 |
| Relacionamentos e Escola | 76 |
| Ex-alunos e Ex-alunas | 83 |
| Ex-alunos Etim | 83 |
| Ex-alunos Regular | 85 |

| | |
|--------------------|----|
| Conclusão | 87 |
| Referências | 97 |

Introdução

A implementação de programas de vinculação de cursos técnicos ao Ensino Médio, é uma prática vista há muitos anos no Brasil, principalmente a partir da Reforma Capanema (1942), em que a educação profissional passou dos anos iniciais, o chamado grau primário, para os anos finais do Ensino Secundário. Porém, com estas mudanças, diversos questionamentos e embates sondavam a Educação Profissional e Técnica. Estas dúvidas sobre o rumo e as características destas modalidades de ensino, não ocorreram apenas nestes períodos em que o tema passou a tomar um espaço permanente nas agendas dos governos centrais do Brasil; mas estas questões sondavam sistemas educacionais como os da Prússia, França e Estados Unidos (Ringer, 1989) (Lucas, 2001). Entre as questões que eram levantadas nestes sistemas, estavam a matéria de como que se ocorria a seleção e destinação dos alunos para os determinados segmentos de ensino; qual era o perfil e quem eram esses alunos que estavam participando de cada uma destas modalidades; quais os impactos que esses programas tinham em suas vidas; e qual a relação e correlação com a entrada destes ao ensino superior, tal como qual era a posição, condição financeira e status que estes diferentes grupos ocupavam perante a sociedade.

A partir destas discussões, outros temas eram debatidos de forma conjunta e paralela a estes, entre eles, a questão das desigualdades de oportunidades educacionais. Nestes estudos e teorias, se exploravam e buscavam entender os impactos que as diferenciações existentes nos sistemas educacionais, tal como a diferença nas origens e características dos alunos, implicavam nas questões de acesso aos níveis de educação e de qualidade, assim como a ligação destes fatos aos problemas de estratificação social de uma classe, tida como homogênea na sociedade e nas instituições mais avançadas de educação.

As questões debatidas ao entorno do Centro Paula Souza - CPS e as suas Escolas Técnicas Estaduais (Etecs), bebem das discussões anteriores introduzidas, e levantam um questionamento sobre o perfil dos alunos que estudam nessas instituições, assim como a

qualidade destas escolas quando comparadas com as demais escolas públicas da rede de educação do estado de São Paulo. Dado a estes fatos já conhecidos, os quais são explícitos ao se analisar e comparar os seus índices escolares e constatar o descolamento dessas realidades; não procurou-se nesta pesquisa se atentar diretamente às Etec, mas o objeto principal aqui analisado, foi um de seus braços em parceria com a Secretaria da Educação, chamado “Vence”.

Este programa foi escolhido para se analisar as variáveis das teorias de Desigualdades Oportunidades Educacionais, justamente por vincular dois tipos de modalidade de nível médio (Regular e Técnico), assim como uma gestão compartilhada de duas instituições tanto nas bases de formulação, implementação e gestão do programa, CPS e Secretaria da Educação; como na gestão compartilhada na ponta do serviço do programa, através das escolas estaduais e das Etecs participantes. Dado que este programa conta com a disponibilização física das escolas estaduais e do seu serviço de Ensino Médio para se fazer a integração com os cursos técnicos disponibilizados pelo CPS; visa-se explorar nesta pesquisa como se dão as relações e interações dentro destas instituições, os impactos sofridos com a sua aderência e como que este programa impacta a vida dos alunos participantes. Assim também, busca-se explorar como as teoria das Desigualdades de Oportunidades Educacionais, aqui levantadas, se manifestam em um programa dúbio como o referido “Vence”.

Para que se possa fazer esta pesquisa dada as condições, restrições e os recursos disponibilizados, visou-se, como um estudo inicial, realizar um estudo de caso com a E. E. Prof. José Vieira Macedo, com a sua Classe Descentralizada da Etec Profa. Ilza Nascimento Pintus, dado que esta escola participa do Vence, desde o seu primeiro ano de execução em 2012.

Pergunta da Pesquisa

O programa estadual “Vence” reproduz as Desigualdades de Oportunidade Educacionais entre os alunos do Ensino Médio Regular e do Ensino Técnico Integrado ao Médio (Etim)?

Hipóteses

- i) Os alunos do Etim recebem um tratamento diferenciado (dos professores, dos funcionários e da coordenação) em relação aos alunos do Ensino Médio Regular;
- ii) A maior parte dos alunos do Etim não seguem o ensino superior nos cursos de seus técnicos, e não se inserem no mercado de trabalho do nível técnico;
- iii) A escola passou a receber mais recursos (humanos, materiais e financeiros) e melhores colocações desde a vinda do Etim;
- iv) Os alunos do Etim têm mais projeções e probabilidades de entrar em um curso superior, do que os alunos do Ensino Regular;
- v) Há diferenças no perfil socioeconômico e sociocultural entre os alunos dos dois módulos;

Objetivos

- Objetivo Geral
 - Esta pesquisa visa analisar a reprodução das Desigualdades de Oportunidades Educacionais entre alunos do Ensino Médio Regular e os alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio (Etim), participantes do programa “Vence”.
- Objetivo Específico
 - Analisar as transformações e os impactos que a E. E. Prof. José Vieira Macedo sofreu ao aderir o programa estadual “Vence”;
 - Analisar as diferenças entre o perfil do alunato do Ensino Médio Regular e do alunato do Ensino Técnico Integrado ao Médio;
 - Estudar os diferentes caminhos que estes dois grupos traçam após se formarem;
 - Analisar a relação entre as coordenações do Ensino Técnico e do Ensino Médio, verificando as competências de cada uma;
 - Analisar a relação entre a Etec Sede e as Extensões de Etec;

- Verificar se o Ensino Técnico é efetivo na vida profissional dos estudantes egressos do Etim.

Metodologia

A presente pesquisa visa a compreender as transformações, os diversos impactos e as relações na EE Prof José Vieira Macedo, após a adoção do programa estadual “Vence”, implementado na escola em 2012. A pesquisa busca entender também, os perfis e as trajetórias de dois grupos de alunos selecionados, os alunos e ex-alunos do Ensino Médio Regular e os alunos e ex-alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio; com o intuito de se analisar esses grupos à luz das diferentes frentes e referências que trabalham a teoria das Desigualdades de Oportunidades Educacionais. Levantou-se também o Histórico do Ensino Técnico no Brasil, buscando entender a construção da imagem e reputação desta modalidade de ensino, assim como as suas transformações e dualidades levantadas nas últimas décadas.

Deste modo, a abordagem que melhor se enquadraria para buscar e se analisar os dados necessários para se atingir os objetivos da pesquisa é através da pesquisa qualitativa. Uma vez que segundo Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa qualitativa tem como premissa analisar e interpretar questões de forma mais aprofundada, descrevendo a complexidade do comportamento humano e dando a possibilidade de obter análises mais aprofundadas e detalhadas sobre os comportamentos, significados, processos e demais objetos de estudo. A pesquisa qualitativa se enquadra melhor com a proposta do trabalho, pois ela consegue captar melhor o ponto de vista do grupo a ser analisado, conforme cita Creswell (2010) sobre abordagem qualitativa, que é “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. A pesquisa qualitativa não busca a generalização, mas sim possibilita uma maior complexidade analítica, devido ao fato de lidar com um número menor de casos e de aferir informações que não podem ser mensuradas numericamente, como os sentimentos das experiências vividas pelos alunos e os comportamentos da direção e professores para com o ETIM; possibilitando deste modo, maior detalhamento e reflexão ao se examinar os dados.

A abordagem específica escolhida para se trabalhar a pesquisa é o estudo de caso, com direcionamento e base no livro “Estudo de Caso” de Robert K. Yin (2001). Segundo Yin (2001) “O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinar acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes [...] o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações-”, estas variedades de evidências foram exploradas ao longo da pesquisa, justificando mais uma vez, o estudo de caso como a melhor forma de se explorar o tema escolhido. Dentre o primeiro par de categorias de estudo de caso que o autor apresenta, estudo de caso único e os estudos de casos múltiplos, o modelo escolhido desde o projeto de pesquisa foi o estudo de caso único; e dentre o segundo par de tipos de projetos, holísticos e incorporados, o que melhor se adequa à proposta do referido trabalho é o incorporado. O estudo de caso único incorporado proporciona uma exploração mais focalizada e detalhada na unidade escolar escolhida, como também possibilita acrescentar subunidades de análises de um caso único, de forma que propicia desenvolver um projeto mais complexo (Yin, 2001) e no caso desta pesquisa, possibilita explorar os pontos ligados à escola e aos alunos.

Os métodos utilizados para a obtenção dos dados, como já citados anteriormente, abrangeram o princípio da triangulação (diversificação do uso de fontes de evidência) e seguiram as principais fontes de informação para um estudo de caso, apresentados por Yin em seu livro, que são, “documentos, registros em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos”. Dentre as seis, as fontes utilizadas na aludida pesquisa foram:

i) A análise de documentação, isto é, analisou-se documentos administrativos (documentos internos) sobre os detalhes, normas e planejamentos do “Plano de Expansão II” do Centro Paula Souza, fornecidos pelo coordenador da Extensão Prof José Vieira Macedo. Analisou-se também publicações do site da Secretaria de Educação e publicações em páginas de jornais de grande circulação, que traziam conteúdo sobre o programa Vence.

ii) Entrevistas, esta foi a mais importante fonte para recrutar informações da escola, alunos (Regular e Integrado), professores, funcionários, equipe diretiva e coordenação da Etec. Utilizou-se pesquisas semi-estruturadas e questionários online para todos estes segmentos; dentre os questionários, os tipos de perguntas que mais se diferenciavam, foram nos questionários dos

alunos, pois as questões foram construídas com o intuito de conhecer o perfil socioeconômico, sociocultural, familiar, profissional e acadêmico/escolar; diferindo dos demais questionários aplicados que exploraram mais as questões das transformações da escola, gestão, análise do programa e de relacionamento; os questionários aplicados aos alunos foram feitos embasados nos formulários socioeconômicos aplicados no Enem, Encceja, Enade e Prova Brasil, sempre aludindo e ligando com as teorias aqui apresentadas sobre Desigualdades de Oportunidades Educacionais e demais referenciais teóricos; por fim, o número de entrevistas realizadas foram resultantes da possibilidade de - acesso -, não de uma amostra pré-definida, e os contatos com os entrevistados foram feitos através de abordagens na escola, redes sociais, ligações e emails.

iii) Observação direta, ao realizar a visita de campo na escola, foi possível analisar a infraestrutura do prédio, cartazes diferenciando os lados do “Macedo” e “Etec”, o comportamento dos alunos, o clima da escola, e foi possível observar também uma atividade da escola em que os dois módulos de ensino trabalharam juntos; algumas fotos foram registradas, conversas informais realizadas e algumas questões formuladas a partir dessa visita de campo que possibilitou uma observação direta.

iv) Observação participante, em função de a pesquisadora ser ex-aluna da escola, a possibilitou interagir mais com os entrevistados, principalmente com os funcionários, alunos e coordenação da Etec; assim, ela pode participar de uma aula de educação física do Ensino Regular do Macedo e realizar um debate de 30 minutos, com 40 alunos do primeiro ano do ETIM da turma de Marketing, em que teve o papel de facilitadora e apresentou alguns temas trabalhados nesta referida pesquisa para o debate dos alunos, no qual houve uma boa recepção e participação; por fim a observação participante segundo Yin (2001), permite a percepção da realidade do ponto de vista de alguém de "dentro" do estudo de caso, e de ter a oportunidade de uma participação ativa do pesquisador.

v) Artefatos físicos, neste caso foi feita uma adaptação das definições de Yin, e classificou como “artefatos físicos” a estrutura física do prédio. Durante a visita de campo buscou-se analisar as condições a infraestrutura da escola, não apenas para avaliar se a direção estava mantendo sua parte no acordo do Vence, de ser responsável pela manutenção da infraestrutura da escola; mas analisou-se as distribuições feitas e a ocupação dos espaços pelos

alunos. E buscar entender de que forma a separação física e a estrutura do prédio impacta no dia a dia e na construção de relações dos alunos.

A organização foco foi a EE Professor José Vieira Macedo, situada no Município de São José dos Campos. A escolha do local foi devido a maior facilidade de acesso e familiaridade. Os grupos entrevistados foram oito professores e ex-professores; uma ex-coordenadora da escola; a atual diretora; uma funcionária; o coordenador atual da Extensão da Etec; a ex-coordenadora da Extensão; trinta e três alunos do Ensino Regular e trinta e três alunos do Ensino Integrado. Como dito anteriormente, esses números derivaram do acesso, isto é, das pessoas que receberam e aceitaram responder ao questionário. Previamente, contava-se com um número maior de participação de funcionários, professores e equipe diretiva do ensino regular. Como exposto, o perfil dos entrevistados é composto de pessoas que estão atualmente ligadas com a escola e de pessoas que já não estão mais, ponto importante uma vez que deseja-se explorar as narrativas destes dois grupos, buscando divergências e confluências.

Em relação à análise de dados, os dados e as plataformas utilizadas foram o site do QEdu, onde possibilitou o acesso ao fluxo escolar, notas e participação no enem, distorção idade série, informações da infraestrutura da escola e os números de matrículas, através dos dados do Censo Escolar. Em relação as notas e metas do Índice de Desenvolvimento da Educação de São Paulo¹ - IDESP, do ano de 2011 a 2016, foram retirados diretamente do site do Índice. A seleção destes anos se deu a fim de se conseguir captar informações da escola um ano antes do programa entrar na escola, até o ano mais recente, o qual se tinha o maior número de informações disponíveis. Finalmente, para a construção da parte da teoria desta pesquisa, utilizou-se decretos e leis, reportagens, artigos, pesquisas, livros, aulas, sites e demais trabalhos acadêmicos, sendo eles principalmente no formato digital.

A princípio, a pesquisa visava responder as hipóteses levantadas no projeto de pesquisa. Mas devido ao fato de se optar por trabalhar com grupo de alunos de 2011 até 2018, a amostra

¹ “O IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) é um indicador de qualidade das séries iniciais (1ª a 4ª séries) e finais (5ª a 8ª séries) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Na avaliação de qualidade das escolas feita pelo IDESP consideram-se dois critérios complementares: o desempenho dos alunos nos exames do SARESP e o fluxo escolar. O IDESP tem o papel de dialogar com a escola, fornecendo um diagnóstico de sua qualidade, apontando os pontos em que precisa melhorar e sinalizando sua evolução ano a ano”. IDESP (2018)

levantada não seria suficientemente representativa; assim, optou-se por fazer uma pesquisa que mesclasse os métodos exploratório e descritivo. Uma vez que levantou-se um conjunto de bibliografia para buscar identificar se há desigualdades de oportunidades na escola; e ao mesmo tempo, descreveu-se os dados levantados a partir dos questionários aplicados. Não tendo assim, pretensões explicativas, ainda que mantendo as hipóteses iniciais levantadas, com o fim delas terem sido direcionadoras para a formulação dos questionários e para as pesquisa documentais e teóricas.

A metodologia utilizada na análise dos resultados, buscou interpretar as questões aplicadas aos alunos e ao corpo escolar, visando fazer conexões entre as respostas e dados levantados tanto com as próprias respostas dos grupos, quanto com as informações obtidas através da visita de campo. Em cada um dos resultados explorados buscou-se fazer conexões e remeter as análises com o referencial teórico levantado, principalmente com a de Desigualdade de Oportunidades Educacionais.

Conforme anteriormente abordado as hipóteses inicialmente levantadas, foram desconsideradas como finalidade principal da pesquisa, posto que as bases para a sua formulação foram levantamentos empíricos fundamentados no conhecimento prévio da temática, do programa e da causa; sem por sua vez haverem sido feitas pesquisas mais aprofundadas sobre a teoria e o programa Vence. Contudo, em virtude do questionário aplicado aos alunos ter a sua formulação direcionada pelas hipóteses, objetivos e pergunta da pesquisa; assim como o seu conteúdo ter se mostrado ser pertinente aos se analisar os resultados finais obtidos, decidiu-se por manter as hipóteses na formulação da conclusão, ainda que o objetivo do trabalho não seja de levantar um conteúdo conclusivo com bases nas hipóteses. Deste modo, os resultados obtidos nesta pesquisa não buscaram ser matéria de generalização, mas sim um estudo inicial detalhado, que poderá servir de base para a formulação de hipóteses para uma pesquisa futura, de preferência com um teor quantitativo e adotando o modelo de estudos de casos múltiplos (Yin, 2001), para que se possa alcançar uma noção mais ampliada do tema e se tornar cabível de generalização.

Referencial Teórico

Desigualdades de Oportunidades Educacionais

A formação e o desempenho de um aluno não dependem exclusivamente de seus esforços individuais, mas é formado por um complexo que envolve questões raciais, condições socioeconômicas, background familiar, entre outros fatores. A partir dessas condições iniciais, há desigualdades geradas e projetadas antes mesmo da avaliação de seus desempenhos. O nome desse fator é conhecido como desigualdade de oportunidades educacionais, o qual se estabelece, entre outros, reproduzindo problemas intergeracionais (Ribeiro, 2009).

Como Pierre Bourdieu (2004) apresenta em sua obra “Sociologia da Educação”, em meados do século XX a educação foi superestimada como um agente de transformação e ascensão social; o qual se acreditava que ela formaria uma sociedade mais justa, moderna e democrática, ainda que pautada no ideal de meritocracia e autonomia individual. A educação pública apareceu para eles, como o meio que levaria ao acesso desses objetivos, além de oferecer igualdade de oportunidade para todos os cidadãos (Machado, 2017); acreditava-se que haveria uma competição justa, pois todos competiriam em condições iguais, e aqueles que conquistassem sucesso na vida escolar e uma boa posição na vida profissional, os alcançariam por meio do mérito individual (Nogueira & Nogueira, 2002 apud Machado, 2017).

O que de fato ocorreu com a educação pública francesa, e pôde ser visto também replicado em outros países, foi uma desilusão com tal sistema. No final dos anos 50 houve uma série de pesquisas realizadas pelos governos inglês, americano e francês, os quais apresentaram que a democratização ao acesso à educação básica, não resultaria em maior igualdade educacional (Boudon, 1973 apud Lara, 2015). Tais pesquisas (Aritmética Política inglesa, Relatório Coleman – EUA, Estudos do INED – França) mostravam que a origem social decisivamente influía sobre o rendimento escolar do aluno e na persistência de desigualdades (Machado, 2017).

O que foi levantado também no final dos anos 50, foi um sentimento de frustração das classes desfavorecidas, causado pelo baixo retorno social, econômico e do mercado de trabalho. Parte dessa desvalorização ocorreu por conta de uma educação básica massificada, e uma

escolarização de longa duração monopolizada e ainda elitizada (Bourdieu & Champagne, 2004). Levantados esses pontos, Bourdieu aponta que a especulação da educação não estava mais posta como um canal de transformação, mas sim de estratificação e de propagação de privilégios. Dubet (2008) complementa que a sequência dos estudos, se dá mediante ao desempenho do estudante, e que este está ligado as suas origens sociais. O que leva a compreender que as desigualdades no desempenho, se manifestam desde o início da vida escolar, e assim geram dificuldades e desigualdades no acesso aos níveis de ensino superiores, se perpetuando cada vez mais (Machado, 2017).

O pesquisador Ringer (1989) traz o estudo de como as desigualdades se manifestam dentro dos sistemas de ensino, no cenário europeu no fim do século XIX e no início do século XX. O autor fez um estudo pautado na diferença curricular de estudantes de séries iguais, segundo as suas origens sociais, por meio de subdivisões existentes dentro do mesmo grau de ensino. Ele analisou o sistema da Prússia e da França, os quais dividiam os alunos mediante o desempenho e orientações. Majoritariamente, os estudantes de classes mais altas eram alocados para o ensino acadêmico, deverasmente prestigiado, e os alunos de classes mais baixas para o ensino profissional e técnico.

Nos Estados Unidos, os estudos de Lucas (2001) se voltam para a questão das desigualdades educacionais dentro do sistema escolar. Tais estudos trabalham as clivagens entre os diferentes tipos de ensinos, ofertados dentro de um mesmo sistema educacional. Os quais resultam em diferentes diplomas, com distintos graus de reconhecimento, rentabilidade e progressão (Machado, 2017). Nesse sistema com graus desiguais, geralmente a oferta do ensino básico é ampla, mas é na questão do acesso aos níveis de ensino superiores, que as desigualdades se deslocam e aparecem. Nesse caso, a origem social, como já vista em outros estudos, influencia nas decisões dos alunos. Em que em determinados graus de ensino, que são os mais valorizados, grande parte das vezes são ocupados pelas classes mais altas; os quais recebem uma qualidade de ensino mais elevada e voltada ao ensino superior. Já as classes mais baixas ficam com graus de ensino mais distantes de oferecer uma continuidade acadêmica. O autor nomeia essas distinções como *effectively maintained inequality*.

Outro ponto trabalhado por Lucas, é no que tange os meios de entrada ao nível superior. Uma vez que, uma das suas conclusões, se dá ao fato de que como as classes altas dominam os graus de ensino mais elevados, eles se beneficiam dos modelos de entrada desses. Pois uma parte considerável de processos seletivos para o ingresso ao nível superior são, por exemplo, através provas que medem a competência de aprendizado dos estudantes; levando a uma clivagem entre os grupos de alunos que tiveram acesso a uma educação melhor, para com os que tiveram uma educação com outros focos. Lucas (2001), complementa com um dos seus principais argumentos, ele explora que os grupos sociais em vantagem, conservam esse sistema para seus próprios interesses. Assim, é possível identificar que o sistema de ensino tem sua parte na perpetuação das desigualdades sociais.

Pereira (2015) aponta que essas desigualdades se perpassam através do ideal de “equidade formal”. Tal ideal é injusto, uma vez que ele parte do pressuposto de que todos são iguais em relação aos domínios dos códigos culturais estabelecidos. Tratando os estudantes do mesmo modo, ainda que com características diferentes. O resultado da manutenção dessas práticas pedagógicas, é a expansão das disfunções educacionais ao longo da vida escolar do aluno; com isso, se propaga uma estratificação educacional e social. Pereira acrescenta mais, com a citação de Nogueira e Catani (2007) sobre o sistema escolar, “um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural”.

Em relação as questões voltadas à avaliação da estratificação educacional extraescolar, para Demeterco (2009), considerar as características da família do estudante dentro da sua estrutura econômica e social, é indispensável para avaliação das condições de acesso deste, a educação, a permanência na escola e a qualidade de ensino. Uma vez que a renda familiar e o desempenho escolar estão intensamente ligados (Pereira, 2015). A Estratificação educacional, explica a relação que há entre as características da origem socioeconômica dos estudantes, na entrada do sistema escolar, e as características individuais vistas em sua saída (Silva; Souza, 1986 apud Pereira, 2015). Mont'Alvão Neto (2011) complementa que, a estratificação educacional faz referência entre o alcance educacional e as origens socioeconômicas dos alunos; quanto menor a relação entre esses dois fatores mais democrático esse sistema é (Pereira, 2015).

Prosseguindo com a ligação entre o desempenho escolar e o relacionamento familiar do aluno; os autores Lahire (1997) e Consorte (1959) complementam, ressaltando que a convivência de um indivíduo com seu ciclo social e familiar, é bem mais significativos do que a convivência deste no espaço escolar. A relação e os hábitos familiares, podem ser vistos reproduzidos desde de seus trabalhos e atividades escolares (Silva; Ney; Caetano, 2011).

Lahire (1997) enfatiza que, para que a criança tenha uma boa conexão com o universo escolar, é necessário que ela tenha mais que acesso aos bens culturais, econômicos e sociais; para que haja uma socialização inicial, é indispensável que existam bases específicas familiares que transmitam e assimilem esses legados sociais. O autor aponta cinco traços familiares, pertinentes à leitura sociológica, que são imprescindíveis para o bom desempenho do aluno. O primeiro traço, aborda a cultura da escrita e a relação da família para com o aluno, que por meio de interpretações de texto e de histórias apresentadas pelo pais dos estudantes, os alunos futuramente assimilam esses conhecimentos adquiridos com suas escritas e leituras. O segundo e terceiro ponto apresentado pelo Autor, trabalham na questão da importância de haver uma configuração familiar, por meio de respeito a moral e ao exercício de compreender e obedecer as autoridades familiares, preparando para que o venham reproduzir na sociedade. O quarto passo está ligado à visão que os pais têm entorno da educação e o quanto que eles investem nisso para os seus filhos. E por fim, a autora apresenta o último passo, o qual pode não vir a ser de amplo alcance, mas que é em relação as condições econômicas básicas e específicas; ainda que o autor mostre que essas condições não são suficientes para garantir um bom desempenho escolar; a estabilidade e a segurança financeira advindas com um bom emprego, garantem condições de o aluno manter atividades cognitivas regulares (Silva; Ney; Caetano, 2011).

A partir da exposição do histórico da educação, das relações de algumas das desigualdades de oportunidade intra e extraescolares, além de outros estudos apresentados; houve um ponto de relação visto presente em quase todos eles. Esse ponto de convergência é a condição socioeconômica, o qual o aluno pertence. A desigualdade, como vista, é perpassada através de diversos sistemas e causas, mas a questão socioeconômica do aluno é posta em praticamente todos os estudos apresentados. Assim, notadamente, segundo as teorias, os alunos

em níveis socioeconômicos menores, tendem a ser bem mais vulneráveis em relação ao seu desempenho escolar, a oportunidade de progressão, e a alcançar os níveis de ensino superiores.

O Histórico do Ensino Técnico no Brasil

Dada a escolha do programa para o estudo de caso trazer como proposta a oferta do ensino técnico de nível médio; compreendeu-se a necessidade de entender o histórico que políticas similares já passaram no Brasil, e a dinâmica que essa modalidade de ensino desenvolveu desde sua criação, afetando a maneira de ser vista e aplicada até os dias de hoje.

O autor base utilizado tanto como referencial para os estudos que compuseram a bibliografia desta pesquisa, quanto utilizado diretamente nesta análise é o autor Celso Suckow da Fonseca, com sua obra “História do Ensino Industrial no Brasil”, de 1961. Sendo considerado um clássico da historiografia da educação brasileira. O livro é indispensável para aqueles que desejam se aprofundar no campo da formação profissional, e para aquele que almejam entender a organização da evolução do ensino técnico nacional. A obra aborda o ensino profissionalizante na período do Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República (Rodrigues, 2002).

A história do ensino profissionalizante tem o seu início desde a colonização do Brasil. Os jesuítas, entre suas outras funções, iniciaram o processo de educação na colônia; como parte de sua atuação, eles também ministravam o ensino de ofícios manuais, apesar desse ensino não ter um caráter “educador”, mas sim, tinham como teor suprir suas necessidades de acordo com as demandas do período. Uma questão levantada desde o início do ensino técnico é a imagem negativa que este segmento de ensino tinha; pois desde sua origem, qualquer tipo de trabalho braçal/manual era malvisto, e posteriormente associado diretamente a figura do índio e do escravo negro.

A história do ensino técnico acompanha a descoberta do ouro em Minas Gerais, o qual surgiu a necessidade de uma mão de obra qualificada para atuar na lavra do metal e na sua fundição; um exemplo de demanda por essas capacitações foram as Casas de Fundição e de Moeda. Na capacitação dos aprendizes para a atuação nessas casas, houve uma maior rigidez comparada a de outros casos, como nos engenhos, sendo necessária a exposição das suas habilidades para uma banca, para então obterem um certificado (Garcia, 2000). O perfil dos

aprendizes também era diferente dos que trabalhavam nos engenhos, sendo compostos por homens brancos e grande parte deles filhos dos funcionários dessas Casas; a posição social daqueles que trabalhavam na fundição do ouro, também se diferenciava, pois eram um dos poucos ofícios socialmente mais valorizados.

Com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, D. João VI permitiu o estabelecimento das indústrias no país, que até então eram proibidas. Com essa abertura, logo foi criado o Colégio das Fábricas, considerado o primeiro estabelecimento público com a finalidade de oferecer capacitação aos aprendizes e artistas. A cada novo tipo de indústria que ia se instalando no país, novos ofícios surgiam, e assim novas demandas por capacitação. Para Fonseca, o reinado de D. João VI foi um marco positivo na história do ensino industrial, devido as suas políticas de incentivo à indústria e paralelamente ao ensino de ofícios. Mas é importante destacar que, apesar de o ensino profissionalizante estar crescendo, a imagem sobre o tal ainda permanecia estigmatizada, pois a associação com o trabalho escravo ainda era muito forte.

Outro ponto muito importante que contribuía para uma visão negativa e para o afastamento das classes médias ao ensino de ofícios, era o caráter assistencialista o qual o ensino técnico vinha tomando. Muitos dos quais que recebiam esses “cursos” eram meninos pobres, abandonados ou órfãos. Um exemplo, é o Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos, segundo Manfredi (2002), esses meninos aprendiam ofícios como tipografia, sapataria, tornearia, carpintaria, sapataria, entre outros. Assim, essa fase da educação profissional no Brasil trouxe consigo um novo estigma, o qual essa modalidade passou a ser vista como destinada a grupos marginalizados e com baixas condições sociais, tendo como finalidade diminuir os comportamentos que atentassem a boa ordem.

Em 1827, houve uma movimentação no campo do ensino profissional, quando a Câmara aprovou a organização das escolas públicas pela primeira vez, dividindo-as em quatro graus. O ensino de ofícios foi incluso, aparecendo no equivalente a 3º série do ensino fundamental, e aparecendo também nos chamados Liceus equivalentes ao 2º Grau.

Já no início do século XX, o caráter assistencialista do ensino profissionalizante foi dando espaço para uma nova fase que se iniciava no país, a industrialização. Houve um sentimento conjunto de que deveria haver um ensino que preparasse uma mão de obra, para atuar

em atividades industriais, que estavam em expansão no país. Mas ainda sim segundo Romanelli (1980), a mentalidade escravocrata presentes em todas as classes do Brasil, ainda associava trabalho com escravidão, assim a classe média era ainda resistente a uma educação voltada ao trabalho. Apesar disso, no campo político o ensino industrial ganhava espaço; em 1906, pela primeira vez no país, um presidente (Afonso Pena) fazia referência ao ensino industrial na sua base de governo.

Mas foi o no governo de Nilo Peçanha, o qual o ensino industrial realmente ganhou um espaço na agenda. Através do decreto que marcou a história do ensino profissionalizante, o decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909, o qual estabeleceu em todas as capitais estaduais uma Escola de Aprendizes Artífices, destinada ao ensino profissional. Em 1910, dezenove dessas escolas estavam sendo instaladas nos estados, mas em péssimas condições e com professores sem preparo.

Após o surto industrial que ocorrera no país e a diminuição da importação de produtos manufaturados devido a Primeira Guerra Mundial, a questão do ensino profissionalizante e da industrialização passaram a ser temas de debate no congresso; o qual em 06 de janeiro de 1918, estabeleceram a lei nº 3454, em que trouxe diversas mudanças para o ensino industrial, tais como cursos voltados ao aperfeiçoamento dos trabalhadores nos contraturnos; o estabelecimento de concursos públicos e provas práticas para a melhor seleção dos professores, como também a transferência das Escolas de Aprendizes Artífices do Ministério da Infra-estrutura (agricultura, comércio e indústria), para o Ministério da Educação e Saúde Pública.

Apesar de o Estado ter mobilizado algumas leis e tentativas, regulamentado e impulsionado a criação de mais escolas técnicas; ele não obtinha a eficiência necessária que indústria demandava para a qualificação da mão de obra. Assim, foi-se transferindo para ela (a indústria) grande parte do papel de capacitação da força de trabalho. Criou-se então, por meio da Confederação Nacional das Indústrias - CNI e através do Decreto-Lei nº. 12 4.048/1942, o Serviço Nacional dos Industriários, que viria a se chamar mais tarde Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI. Tal decreto viria a mudar os rumos da educação profissional do país.

... o empresariado industrial, não mais diretamente pela fábrica, mas através de um sistema de formação profissional paralelo e complementar à política estatal de preparação para o trabalho, tomou a si a tarefa de formação técnico-política de uma

parcela da classe operária já engajada no mercado de trabalho fabril. (Neves, 1991 apud Garcia, 2000)

Após a Reforma Capanema (1942), a educação passou a ser dividida em educação básica e em ensino superior. A educação básica se repartia em curso primário e curso secundário, este último se subdividia em ginásio e colegial. A educação profissional, segundo Celso Suckow da Fonseca, não viria mais a pertencer ao grau primário, mas passaria a aparecer no final do ensino secundário, o qual havia a possibilidade de escolher entre o curso regular (“normal”), industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico, tendo todos o mesmo período de duração. No entanto, os cursos técnicos não habilitavam o aluno para o ingresso no ensino superior (a não ser em carreiras correlatas ao técnico) (Rodrigues, 2002). A respeito dessas categorizações, Moura (2007) levantou uma crítica apontando que elas viriam a gerar um processo de dualidade; pois ao escolher o ensino técnico o aluno não poderia ingressar diretamente no ensino superior, afastando uma grande parcela das classes médias do contato com o ensino técnico, passando a denominá-lo novamente como um ensino das classes econômicas mais baixas.

A minimização dessa dualidade veio a ocorrer com a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que entrou em vigor em 1961. Dentre um cenário muito conflituoso, devido aos diversos jogos de interesse, a LDB garantiu a equivalência entre o colegial regular e o ensino profissionalizante, possibilitando o ingresso direto ao ensino superior, transferência de cursos, entre outras coisas. Tal dualidade não foi completamente findada, pois os vestibulares ainda se mantinham cobrando os conteúdos tradicionais, ou seja, os conteúdos ministrados no colegial regular, deixando os estudantes em posições desiguais. Apesar desses pontos, Fonseca teve uma postura bem positiva quanto a essa lei e os conteúdos do ensino profissionalizante que ela aborda

Em 1971, durante o governo militar, houve uma grande reforma no campo da educação básica com a Lei no 5.692/71, Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus. A Lei renomeou e agrupou o primário e o ginásio, passando a se chamar 1º grau, e o colegial passou a ser o 2º grau. Mas a transformação que trouxe o maior impacto, foi ter tornado o segundo grau compulsoriamente profissionalizante. A compulsoriedade do ensino profissionalizante se restringiu as escolas públicas (municipais, estaduais...), mas não chegou até as escolas particulares, que mantiveram a grade originária clássica científica, visando atender as elites. Na

prática, nas escolas públicas o sistema compulsório não foi bem executado e nem implementado completamente. A formação geral do estudante era empobrecida com a visão predominante de preparação para o mercado de trabalho. O discurso que o governo mantinha a respeito dessa medida, era de que a integração da teoria com a prática era importante para a formação do cidadão. (Moura, 2007).

Novas movimentações surgiram com o processo de formulação da nova LDB, após a promulgação da constituição de 88. O texto final aprovado pelo Congresso em 1996 estrutura a educação em dois níveis, a educação básica e a educação superior. A educação profissional, no entanto, não apareceu inclusive em nenhum dos níveis, mas foi tratada em um pequeno texto, o qual abriu espaço para que houvesse a possibilidade de articulação com o ensino médio. Assim, ainda que fora da educação básica, o ensino profissionalizante tinham a abertura para atuar tanto individualmente, com os cursos técnicos, quanto conjuntamente de forma integrada.

Cláudio de Moura Castro (2005), apresenta em sua obra “Educação técnica: a crônica de um casamento turbulento”, a transformação da história do ensino técnico no Brasil em meados da década de 80. Nesse período, a educação profissionalizante no país recebeu altos recursos e empréstimos, como do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Assim, com o investimento, os Institutos Federais e algumas redes estaduais de ensino técnico passaram a apresentar resultados mais elevados de qualidade. Dada a escassez da oferta de ensino gratuito de qualidade, a demanda por matrícula nessas poucas escolas era tanta, que as instituições passaram a aplicar testes para selecionar os alunos.

O problema que surgiu com essas transformações, foi que a medida que esses colégios recebiam investimentos e iam aperfeiçoando os cursos profissionalizantes, eles igualmente ficavam bons no ensino regular. Com tal apresentação de bons resultados, as elites passaram a se voltar para essas escolas, e a dominarem os seus métodos de entrada (vestibulinhos). Quanto mais esses grupos se voltavam para essas instituições, mais a formação técnica e a preparação de mão de obra iam sendo deixadas de lado, e o foco no ensino propedêutico e a preparação para instituições acadêmicas aumentavam. O grupo de jovens que não tinham acesso a uma boa educação base ou a cursinhos preparatórios, ficaram excluídos desse processo; não recebendo nem uma educação de qualidade, nem um ensino profissionalizante. A solução que minimizou

tal questão foi aplicada nos anos 90, passando a separar o ensino médio regular dos cursos técnicos. Assim, aqueles que quisessem se preparar para vestibulares e para as universidades concorriam para essa primeira modalidade, e os que visassem entrar no mercado de trabalho escolhia a última.

Em 2011 o Governo Federal criou o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec, por meio da Lei 12.513/2011, visando interiorizar, expandir e democratizar a oferta de cursos de educação técnica e profissional no país. Entre 2011 e 2015 houveram mais de 9,4 milhões de matrículas realizadas. O Pronatec conta com cinco iniciativas que integram suas ações, que trabalham em diferentes abordagens da educação técnica e profissional, como na oferta de ensino à distância; parcerias e fomentos das escolas técnicas das redes estaduais; acordos de gratuidade com o objetivo de ampliar a oferta de cursos do SENAI e SENAC; expansão da Rede Federal de Educação Profissional; além da oferta de cursos de formação inicial, continuada, e de qualificação profissional. Em 2016, o Governo lançou o programa MedioTec, se integrando ao Pronatec 2017, o objetivo do programa é oferecer uma educação técnica de forma simultânea com o ensino médio. A iniciativa, que conteve o investimento de 700 milhões de reais, antecipa e faz parte de um conjunto medidas para a reformulação do ensino médio.

Centro Paula Souza

O CEETEPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza é uma autarquia de regime especial do Governo do Estado de São Paulo, responsável pela educação profissional do Estado, por meio da administração das FATECS - Faculdades de Tecnologia e das Etec - Escolas Técnicas Estaduais. Em sua fundação, o CPS - Centro Paula Souza foi vinculado administrativamente à Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, e financeiramente à Secretaria da Fazenda; mas a partir de 1994, a maioria das escolas já haviam sido transferidas para a SDECTI - Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo.

O CEETEPS, antes chamado CEET - Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo, foi Instituído pelo governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967 – 1971), através do

Decreto-lei de 6 de outubro de 1969, com o intuito de criar uma instituição tecnológica referência, que incentivasse a expansão da educação profissional em São Paulo (Filho, 2012). O objetivo da instituição descrito no decreto, citava que a autarquia fosse voltada a articular, realizar e desenvolver a educação tecnológica no Estado, em que analisasse e levasse em conta as necessidades e características do mercado de trabalho nacional e regional (DECRETO-LEI DE 6 DE OUTUBRO DE 1969).

Após institucionalizado, a missão atribuída ao órgão foi então que se tornasse o responsável por organizar e gerir os primeiros cursos superiores de tecnologia do estado, que viriam a ser as Fatecs - Faculdade de Tecnologia. Mas a partir de 1980, com a revogação do ensino profissionalizante compulsório, conhecido como segundo grau, instituído no período da Ditadura Militar com a Lei 5.692 de agosto de 1971, entrou a questão das escolas técnicas estaduais, passarem da Secretaria da Educação para o CEETEPS. Esse debate encontrou resistência em segmentos do governo e na SEE, mas após a segunda sessão pública do Fórum de Educação do Estado de São Paulo (FEESP), o qual expôs a temática de ensino técnico no estado, uma postura política já parecia direcionada à transferência das escolas públicas, ainda que contestado pela Secretaria de Educação.

No dia 4 de dezembro de 1980, por meio do Decreto Estadual nº 16309, as primeiras Escolas Técnicas foram transferidas para o CEETEPS, que igualmente receberam no dia 5 de fevereiro de 1982, por meio do Decreto Estadual de nº 18421 mais um grupo de escolas técnicas. Em 1990, grande partes das Etecs ainda permaneciam na Secretaria da Educação. Uma decisão geral ainda não havia sido tomada, mas a dinâmica do ensino profissionalizante, não apenas estadual ou nacional, tendia para que houvesse uma separação, sendo uma posição expressa até pelo Banco Central:

Tomando, agora, como referência o plano mundial, o Banco Mundial tem feito recomendações explícitas, desde o início da década de 90, a respeito da educação técnico-profissional, entendida como um elemento estratégico de mudança da estrutura educacional. Neste sentido, seu documento de política sobre Educação Técnica e Formação Profissional (1992) contém um item destinado à separação da educação e da capacitação, no qual utiliza um tom direto, raramente empregado pelos formuladores das reformas educacionais em cada país, ainda que busquem o mesmo objetivo. [...] No que concerne o formato institucional, o banco chegou a recomendar a retirada das escolas técnico-profissionais do âmbito do ministério da educação de cada país. (CUNHA, 2002 apud Filho, 2012).

Em 1991, através do Decreto Estadual nº34032, a supervisão das escolas técnicas passou da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. O processo foi gradual e se findou no dia 27 de outubro de 1993, com o Decreto Estadual 37.735, transferindo oitenta e duas Etecs para o CEETEPS.

Em 2008, o CPS iniciou o “Plano de Expansão I”, cujo um de seus principais objetivos era em ampliar a oferta de vagas das Etecs, e de dobrar o número de Fatecs existentes até o ano de 2012. Em 2009, o Governo do Estado deu início ao “Plano de Expansão II”, em que firmou um convênio com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e com as prefeituras locais, para que as salas de aulas ociosas no período noturno, sejam ocupadas com cursos técnicos oferecidos pelo CPS, chamadas classes descentralizadas, ou como também conhecidas “extensões”. E em 2011 o Governo do Estado lança o Rede Ensino Médio Técnico (que viria a se chamar Programa Vence), mais uma parceria do CPS com a SEE, ampliando o número de vagas na modalidade Etim - Ensino Médio Integrado com o Técnico.

Atualmente a Diretora-Superintendente da autarquia é a Laura Laganá, junto com o Vice-Diretor-Superintendente Luiz Antonio Tozi. O Centro Paula Souza atua hoje em aproximados 300 municípios, com 221 Etecs e 68 Fatecs, atendendo mais de 290 mil alunos. Só as Etecs atendem mais de 211 mil alunos, oferecem 140 cursos técnicos, e atuam em diferentes áreas, como agropecuária, serviços e industrial. Nas modalidades presenciais, EAD - Ensino a Distância, cursos livres, MBA, técnicos semipresenciais; além das modalidades específicas para o ensino médio que são elas: O Ensino Médio com Habilitação Técnica Profissional; Ensino Médio Regular; Ensino Médio com Qualificação Profissional; e ensino médio integrado ao técnico na educação de jovens e adultos, chamado PROEJA. Enquanto as Fatecs, atendem mais de 80 mil alunos, e oferecem 73 cursos de graduação em diversas áreas, como informática, mecânica, logística, entre outras; além de cursos de pós-graduação.

Escolas Técnicas Estaduais

As Escolas Técnicas Estaduais - Etecs são instituições que oferecem ensino médio, ensino técnico e ensino técnico integrado ao médio. São administrados pelo CEETEPS,

vinculado Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, e se distribuem em mais de 150 municípios.

O processo seletivo adotado para o ingresso tanto para os cursos técnicos quanto para o ensino médio, se dá por meio de um vestibulinho que ocorre semestralmente, oferecendo no total mais de 78 mil vagas. Para prestar o vestibulinho os candidatos devem ter concluído o ensino fundamental, tanto regular, quanto por Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou por Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Devem se inscrever pelo site da Etec e pagarem uma taxa de R\$ 27,80 para a realização prova. No teste ao todo são 50 questões, que cobram o conteúdo visto do 6º ao 9º ano.

O Vestibulinho conta com um sistema de Cotas, chamado de “Inclusão Social”, o qual oferece um Sistema de Pontuação Acrescida, que concede um bônus de 3% a estudantes que se autodeclararem afrodescendentes e de 10% a candidatos vindos da rede pública (que cursaram do 6º ao 9º ano em escolas públicas), os bônus podem ser acumulados.

As Etecs oferecem seis modalidades de ensino, que se dividem entre: (i) Ensino Médio Regular, em que é ministrado as disciplinas básicas da Base Nacional Comum, em meio período (manhã e tarde). (ii) Ensino Médio com Qualificação Profissional, é ministrado em meio período, tem uma jornada de até 30 aulas semanais e mistura os componentes da Base Nacional Comum, com alguns componentes profissionalizantes; no final dos três anos o aluno sairá com a certificado de qualificação profissional e com o diploma do EM. (iii) Ensino Médio com Habilitação Técnica Profissional, essa modalidade é ministrada em meio período, tem uma jornada de até 30 aulas semanais, mistura disciplinas da Base com componentes do Ensino Técnico, ao final dos três anos o aluno sairá com diploma de Técnico, que lhe dará o direito de exercer a habilitação profissional e certificado do EM. (iv) Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, essa modalidade é ministrada em período integral (manhã e tarde ou tarde e noite), em uma jornada de até 40 aulas semanais, em cada uma das 3 séries do EM, no final do curso o aluno sairá com o diploma de ensino médio e o diploma de técnico; o ETIM, como também conhecido, pode ser ofertado de dois modos, através do Centro Paula Souza, dentro das Etecs, ou através do Programa Vence tendo a possibilidade de estudarem tanto o EM nas escolas estaduais e fazerem os técnicos nas Etecs, quanto fazerem ambos na escolas estaduais. (v) Ensino Técnico

Integrado ao Ensino Médio na Modalidade EJA, destina-se aos candidatos que tenham concluído o ensino fundamental e tenham 18 anos completos até o início das aulas. O período é oferecido unicamente no noturno, o curso é dividido em módulos semestrais, dando a cada módulo finalizado um certificado; quando finalizado o EM e o técnico o aluno sai com o certificado e o diploma de técnico. E por fim, (vi) Ensino Técnico, destina-se a candidatos que já terminaram o Ensino Médio, ou que estejam cursando o 2º ano do EM; são ministrados nas modalidades Presencial, Semipresencial e Online; seu objetivo é oferecer uma habilitação profissional ao aluno; ao final do curso, mediante a aprovação do trabalho de conclusão de curso, o estudante tem direito ao diploma de técnico, desde que já concluído o EM.

As Etecs aparecem como referência de qualidade entre as escolas públicas, no Exame Nacional de Ensino Médio - Enem se destacaram pelo desempenho acima da média das escolas estaduais. Segundo o Jornal Folha em 2016, das 20 melhores escolas públicas da Capital, 20 eram Etecs; e entre as 20 melhores estaduais do Brasil 8 eram Etecs. Parte da explicação desses resultados se dá pela seleção dos alunos e dos professores. A média de candidatos por vaga no EM é de aproximadamente de 5,5 nas Etecs, mas em casos como a Etesp, a melhor posicionada no estado, essa concorrência passa para 20 candidatos por vaga. Outro fator que é levantado, é no que se diz ao perfil socioeconômico dos alunos da Etec, que destoam da realidade da grande maioria dos alunos da Rede Pública. Em 2015, o Enem divulgou pela primeira vez o perfil socioeconômico das escolas que tiveram representação de participação no exame. Segundo o jornal G1, entre as 10 melhores escolas públicas, oito apresentaram um perfil econômico “alto”, enquanto outras duas apresentaram um nível econômico “muito alto”, incluindo a Etesp.

Classes Descentralizadas

As Classes Descentralizadas, também chamadas de Extensões, são classes de aula cedidas, através de uma parceria entre instituições de ensino público e Etecs localizadas nos municípios definidos no Programa Expansão da Educação Profissional Gratuita do Estado de São Paulo II. Nessas Classes Descentralizadas, ocorre o uso compartilhado das dependências da escola pública, e no período em que há a ministração dos cursos técnicos, uma determinada quantidade de salas de aula são reservadas para a Etec. Os cursos técnicos nas Extensões duram

cerca de um ano e meio e são ministrados majoritariamente no período noturno, devido à maior disponibilidade de salas de aula e maior demanda por parte dos alunos. Muitas Classes Descentralizadas recebem também turmas de ETIM por meio do programa Vence, essas classes em questão estudam em período integral (manhã e tarde ou tarde e noite) e permanecem nas escolas durante esse período.

As condições para o município receber uma classe descentralizada é de estar localizado em um raio de até 50 km de uma Etec e da cidade ter no mínimo 10 mil habitantes.

As classes descentralizadas são uma maneira eficiente e flexível de se utilizar salas de aula e espaços ociosos, pois possibilitam aumentar a rede de ensino profissionalizante, levando escolas para municípios que não se enquadrariam nos critérios de receber uma Etec ou um Instituto, como também para outros bairros, além de onde está localizado a Etec sede.

Programa Vence

Por meio do Decreto Nº 57.121, de 11 de Julho de 2011, o Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin e o secretário da Educação professor Herman Voorwald, instituíram o Programa Rede de Ensino Médio Técnico - REDE, hoje chamado de programa Vence. O programa foi constituído através de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação - SEE, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP, além de outras escolas particulares credenciadas mediante a chamada pública. Conforme o Decreto, este programa tem como objetivo oferecer gratuitamente o ensino médio articulado à educação profissional técnica aos alunos da rede pública estadual; devido a crescente procura desses cursos pelos jovens e trabalhadores e pela transformação tecnológica dos setores produtivos. Os cursos oferecidos pelo programa se dividiam em duas modalidades: o integrado e o concomitante.

O Vence integrado é voltado aos alunos concluintes do ensino fundamental, que iniciarão o 1º ano do Ensino Médio. Nessa modalidade, os alunos estudam em período integral, cursando em meio turno o ensino básico, sob responsabilidade de uma escola estadual parceira; e no período subsequente o ensino técnico, o qual era oferecido tanto pelo Centro Paula Souza (ETECs), quanto pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

O Vence Concomitante era destinado aos alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio, e aos alunos do EJA - Educação de Jovens e Adultos. Nessa modalidade, eram oferecidos aos estudantes cursos técnicos em instituições de ensino particulares credenciadas, pagas pelo Estado. O Concomitante visava complementar a formação básica dos alunos no contraturno de suas aulas regulares.

Um dos principais objetivos do programa, era que o técnico fosse um estímulo ao aluno que terminasse o 9º ano do ensino fundamental, para que mantivesse seus estudos no ensino médio e obtivesse, ao se formar, o certificado de ensino médio juntamente com o diploma de técnico. Visando diminuir assim, as taxas de evasão escolar e qualificar o estudante para a entrada no ambiente competitivo do mercado de trabalho.

O método de entrada para o Vence concomitante se dava por meio da inscrição pelo site do programa. Caso o número de vagas disponíveis fosse ultrapassado, a forma de escolha passava a ser sorteio. O modo de entrada para o Vence integrado variava de acordo com a instituição parceira escolhida, pelo Centro Paula Souza, a via de entrada é através do seu vestibulinho padrão para o ingresso nos seus cursos técnicos; e pelo Instituto Federal, a maneira de ingresso se dava também por meio de sorteio.

Em 2011, o governo previu um investimento de mais de R\$60 milhões para a aplicação do programa. No mesmo ano, abriu sua primeira chamada pública para realizar convênios com instituições privadas. Para concorrerem, essas instituições deveriam pertencer a uma cidade em que houvesse mais de 40 mil habitantes. As expectativas para o primeiro ano do programa visavam a participação de 155 municípios, mas o número alcançado foi de 95 municípios, com o total de 30 mil vagas para a modalidade concomitante. A previsão de vagas para o ano seguinte (2012), segundo a SEE - Secretaria Estadual de Educação, seria de aproximadamente de 125 mil vagas. Segundo as projeções do governo, até 2014 mais de 450 mil estudantes seriam beneficiados.

Em 2012, deu-se início a modalidade integrada, que juntamente com a concomitante atenderam 17.280 jovens. No mesmo ano, o programa Rede Ensino Médio Técnico - RETEC passou a se chamar Vence. A mudança não ficou apenas no nome, houve também um plano de expansão, o qual o programa estendeu sua atuação para todos os 645 municípios do Estado, e

prometeu a criação de mais de 23.572 vagas para 2013, estimando um investimento de R\$ 100 milhões ao todo.

Em 2015, houve um corte no número de vagas em 50%, as vagas para a modalidade concomitante passaram de 20 mil para 10 mil, segundo o governo essa foi uma medida de redução de gastos. Devido ao fato de os cortes terem ocorrido após a matrícula de diversos alunos, tal situação teve uma grande repercussão na mídia.

Em 2016, o governo interrompeu totalmente a modalidade concomitante, que representava 84% do total de vagas segundo o jornal Folha. Nesse ano também, não houve a abertura de vagas para a modalidade integrada nos Institutos Federais, mantendo apenas 1.606 vagas com as Etecs.

Em 2018, segundo a Secretaria de Ensino, não há previsão de abertura para novos editais na modalidade concomitante. A parceria entre a Secretaria da Educação com o Centro Paula Souza permanece, garantida em edital para o ano de 2018 o total de 1.501 vagas para a modalidade Ensino Médio Integrado ao Técnico - ETIM. Em relação a parceria com o Instituto Federal, não há mais registros nem informações sobre a mesma.

Uma questão interessante levantada durante esta pesquisa, é no que se refere ao número de vagas prometidas anualmente em notas lançadas no site da secretaria, e o número efetivo apontado pelo jornalista Paulo Saldaña, utilizando dados disponibilizados pela própria Secretaria da Educação, via Lei de Acesso à Informação. Nas postagens, a Secretaria apontava que em 2013, mais de 31.000 matrículas foram realizadas, enquanto no jornal, os dados levantados apresentaram que o número de vagas oferecidas no referido ano não passaram de 20.124.

A categoria trabalhada no Estudo de Caso da EE Prof José Vieira Macedo, principal objeto de análise desta pesquisa, trata do Vence Integrado em parceria com o CEETEPS. Esta modalidade é um regime de colaboração, firmado através do convênio de cooperação técnico - educacional de ação integrada entre a Secretaria de Estado da Educação e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, criado para a consolidação do Programa Expansão da Educação Profissional Gratuita do Estado de São Paulo II, que como apresentado, foi instituído em 2009, o qual consiste em ampliar a oferta de cursos técnicos dos eixos tecnológicos de Gestão e Negócios, Informação e Comunicação. Um dos principais motivos apresentados para a

escolha desses eixos, é no tocante da estrutura física exigida para a execução dos mesmos, conforme apresentado no Plano de Expansão II; tais eixos selecionados exigem apenas salas de aula e laboratórios de informática e gestão. A definição dos cursos escolhidos é feita mediante a uma análise de demandas detectadas e os arranjos produtivos da região onde uma classe descentralizado será instituída.

Este convênio de cooperação técnico - educacional divide as responsabilidades e obrigações entre a SEE e o CEETEPS. A Secretaria de Educação fica responsável pela disponibilização das salas de aula nas Escolas Estaduais, pelo pagamento do consumo de energia elétrica, água, telefone no período de vigência do convênio e responsabiliza-se pela adequação e conservação física do espaço para o desenvolvimento dos cursos técnicos. Ela permite a utilização da biblioteca escolar/sala de leitura, reservando espaço para o acervo bibliográfico mínimo indispensável para instalação dos cursos técnicos e utilizando-a quando necessário. Disponibiliza sala de professores, salas de aula, e sala para o Laboratório de Gestão e para montagem de dois Laboratórios de Informática para aulas práticas dos respectivos cursos do Eixo Tecnológico Gestão e Negócios e Eixo Tecnológico Informação e Comunicação. Por fim, é de responsabilidade da SEE fornecer refeições aos alunos das classes descentralizadas do CEETEPS.

O Centro Paula Souza fica responsável por instalar as habilitações profissionais técnicas do Eixo Tecnológico Gestão e Negócios e as habilitações profissionais do Eixo Tecnológico Informação e Comunicação. Também são responsáveis por disponibilizar e contratar docentes para lecionarem nos Cursos Técnicos, providenciar o registro e acompanhamento acadêmico dos alunos, assim como os diplomas e certificados dos mesmos. É também de sua responsabilidade a seleção dos alunos para os cursos e programas, disponibilizar pessoal de apoio no período destinado à realização dos cursos, para a realização de serviço de vigilância, limpeza e auxílio aos docentes e alunos. Por fim, é de sua responsabilidade a compra de mobiliários, equipamentos e softwares necessários à instalação dos Laboratórios de Gestão e de Informática e compra do acervo bibliográfico mínimo indispensável para instalação dos cursos.

São José dos Campos

São José dos Campos é a segunda maior cidade do interior de São Paulo; capital da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, conta com cerca de 695.992 habitantes (IBGE, 2016). Está a cerca de 100 km da capital, é um dos mais importantes tecnopolos do Estado e do país, e se encontra entre as 20 cidades com maior Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil.

Ainda que seja uma cidade rica, com um PIB per Capita de R\$ 41.107, o município não foge muito da realidade brasileira, quando a questão é desigualdade e concentração de renda. Em 2010, enquanto o Índice de Gini no Brasil era de 0,5304, se classificando como um dos países mais desiguais do mundo; o Índice de Gini de São José dos Campos era de 0,5633. A questão da desigualdade e segregação sócio-espacial, tema trabalhado pelo Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba, é um fator determinante ao se olhar para as políticas públicas e como se dispõem os serviços públicos municipais. A educação básica na cidade não foge dessa realidade, a desigualdade presente entre as escolas estaduais expressam resultados significativos, quando analisado o principal indicador de qualidade da educação do Estado, o IDESP - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo.

A cidade, junto com Monteiro Lobato, fazem parte da Diretoria de Ensino da Região de São José dos Campos, em que há 77 escolas públicas jurisdicionadas à Diretoria; delas, 51 escolas em São José apresentam 23.071 matrículas no Ensino Médio, e juntas renderam um desempenho um pouco acima do visto no resto do Estado, em que seu IDESP em 2016 chegou a 2,68, enquanto a do Estado atingiu 2,3. Contudo, no município conforme exposto, há diferenças consideráveis nesse índice, quando se analisa as escolas em diferentes regiões. Como por exemplo, a E.E. Prof Dinora Pereira Ramos Brito, situada na região sudeste da cidade, no Jardim do Lago, um local vulnerável e com carência de serviços públicos; O IDESP dessa escola em 2016 foi de 1,45, explicitamente abaixo da média da diretoria, e muito longe da meta de se alcançar um índice 5,0 no 3º ano até 2030. Já a E.E José Mariotto Ferreira Major Aviator, instalada dentro do DCTA - Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial, apresenta uma realidade e rendimentos diferentes, atingindo um índice de 4,70.

Há também as escolas que oferecem outras modalidades de ensino médio, além do modelo regular, as quais apresentaram notas bem distintas, como a E.E. Profª Ilza Irma Moeller Cóppio, que desde 2013 veio a ser uma escola de período integral, em que devido a todas as suas especificidades (dedicação exclusiva dos professores, atividades extracurriculares, apoio e participação da comunidade, etc) apresentou um IDESP de 5,39, ultrapassando a meta de 2030.

Assim, o quadro das escolas estaduais de Ensino Médio de São José dos Campos é muito diverso, e para entendê-las, antes de tudo, é necessário analisar onde estão inseridas na cidade, e quem as compõe.

EE Prof. José Vieira Macedo

Através do DECRETO-LEI N. 14.562, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1945, foi criado o Ginásio Estadual de São José dos Campos, cumprindo com as disposições da legislação federal referentes ao ensino secundário. Desenvolvido através de uma ação conjunta do Estado para com o Município, em que a cidade deveria ceder o terreno e as instalações necessárias para criação da escola estadual.

Já com o DECRETO DE 24 DE JULHO DE 1970, o 1º Ginásio Estadual de São José dos Campos, passou a se chamar Professor José Vieira Macedo, fazendo uma homenagem a um baluarte do ensino básico em São Paulo, político e pioneiro do Ensino Primário em São José dos Campos.

A E.E. Prof. José Vieira Macedo, também conhecido como “Macedo”, mantém as suas atividades e passou por diversas transformações. A escola que antes oferecia todos os ciclos do fundamental e também o curso de magistério, hoje se restringe ao Ensino Médio. Ela faz parte da Diretoria de Ensino Região de São José dos Campos, conta atualmente com uma equipe de 78 funcionários, atende a 643 alunos no EM, e funciona nos três turnos.

A escola fica localizada na Zona Sul da cidade, no bairro Jardim Satélite, um importante centro comercial do município. O bairro é composto por famílias de maioria classe média (B2 e C) e abarca cerca de 27.900 habitantes, sendo um dos maiores bairros de São José, ganhando o título de “cidade-bairro”. O Jardim Satélite, também tem outras duas escolas estaduais que oferecem o EM - Ensino Médio, a E.E. Prof Joaquim Andrade Meirelles e a E.E. Prof Francisco

Lopes de Azevedo. No Bosque dos Eucaliptos, bairro vizinho, há também a E.E Profa Ayr Picanço Barbosa de Almeida e a E.E. Profa Zilah Ferreira Viagi Passarelli de Campos.

ETEC São José dos Campos

A Escola Técnica Estadual Profa. Ilza Nascimento Pintus, Inicialmente chamada “Escola Técnica Estadual de São José dos Campos”, foi criada e instituída como unidade de ensino do CEETEPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no dia 18 de setembro de 2008, por meio do Decreto nº 53.450, no Município de São José dos Campos. A escola começou a atuar em 2009, passando a ser a sede da região administrativa das Etecs do Vale do Paraíba e Litoral Norte de São Paulo, totalizando 14 Etecs e 16 Classes Descentralizadas, conhecidas como “Extensões”.

A Etec Profa. Ilza Nascimento Pintus é sede das Classes Descentralizadas EE Prof. José Vieira Macedo, EE Profª Mª. Aparecida Veríssimo M. Ramos e E.E. Profª Elídia Tedesco de Oliveira, localizadas em São José dos Campos; e da EMEF Irmã Irene A. Lopes "Irmã Zoé" em Paraibuna. Contudo, os seus cursos atraem um público de estudantes de diversos municípios, tais como Jambuí, Caçapava, Jacareí, Monteiro Lobato, Santa Branca, entre outras.

A escola oferece os cursos de Técnico e ETIM de Administração, Técnico e ETIM de Automação Industrial, e Técnico e ETIM de Informática. Ocupa um lugar de destaque entre as escolas públicas da região com a sua média do Enem, além do elevado número de aprovações dos seus alunos nos principais vestibulares do Brasil.

Extensão - EE Prof. José Vieira Macedo

Durante o “Plano de Expansão II” do Centro Paula Souza, houve o início da parceria do CPS com a SEE para a criação de salas descentralizadas das Etecs; entre as Etecs do Vale do Paraíba, apenas duas aceitaram se engajar neste projeto, sendo uma delas a Etec de São José dos Campos. Em 2009, houve um processo de pesquisa e listagens das escolas estaduais de São Paulo, sendo designadas e avaliadas pelas Delegacias de Ensino, as quais consideravam para a sua triagem aspectos como estrutura física, disponibilidade de salas ociosas e localização. Nesta

época, a EE Prof. José Vieira Macedo tinha disponível em suas dependências quase metade das suas salas, sendo o total de nove salas ociosas. Preenchendo os demais critérios, o Vieira Macedo se enquadrou nos parâmetros exigidos para receber salas da Etec e veio a se tornar uma das extensões da hoje Etec Prof^a Ilza Nascimento Pintus (informação verbal)².

A Classe Descentralizada EE Prof. José Vieira Macedo iniciou as suas atividades no 2º semestre de 2009 com os cursos de Técnico em Transações Imobiliárias (único na Região do Vale do Paraíba) e com o Técnico em Contabilidade. Em 2011, foi incluso o curso técnico em Logística e no 1º semestre de 2012, iniciou-se a primeira turma do Técnico em Marketing.

Também em 2012, a escola recebeu dois cursos do Programa Vence da modalidade integrada. Sendo no período matutino responsabilidade da E. E. Professor José Vieira de Macedo prover o ensino regular para os alunos, e no período vespertino a Etec prover os cursos de Técnico em Administração e Técnico em Marketing.

Resultados

Taxas e Índices Escolares

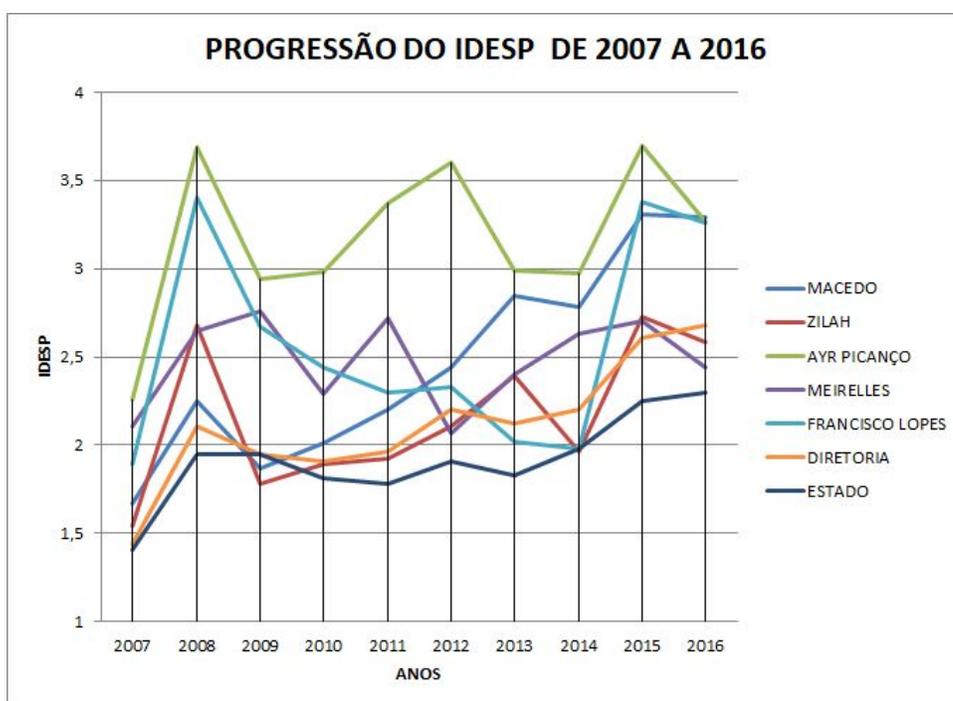
O primeiro ponto explorado, foi no tocante dos dados da escola como um todo, não se limitando apenas as respostas obtidas nos questionários com os grupos de alunos e atores da escola selecionados, que serão posteriormente introduzidas; mas utilizou-se dos dados disponíveis na plataforma do Qedu, a qual disponibiliza as informações compiladas do Censo Escolar, em que possibilitou analisar a taxa de distorção idade-série; a taxa de abandono e reprovação; o número de matrículas e as médias e as taxas de participação do Enem disponíveis. Estas taxas e números não seguiram um período contínuo, dado as disponibilidades das taxas e dados.

Outro índice analisado, foi o Índice de Desenvolvimento da Educação de São Paulo - IDESP, durante o período de 2007 a 2016. Com a finalidade de comparação, a E.E. Prof Joaquim Andrade Meirelles e a E.E. Prof Francisco Lopes de Azevedo do Jardim Satélite; e a E.E Prof^a Ayr Picanço Barbosa de Almeida e E.E. Prof^a Zilah Ferreira Viagi Passarelli de Campos do

² Informação obtida através das respostas do atual e da ex-coordenadora da Extensão do Macedo no questionário online enviado em Janeiro de 2018.

Bosque dos Eucaliptos; foram utilizadas na análise do IDESP, dado o critério de serem do mesmo bairro e do bairro vizinho.

A leitura do gráfico de progressão do IDESP abaixo permite-nos identificar a evolução do índice do Macedo entre 2007 até 2016. Mesmo com algumas quedas, é possível notar um crescimento do desempenho da escola analisada. É importante observar que existem três períodos os quais podem ser destacados, a escola pré-programa Vence (até 2011); a escola com o programa Vence, mas sem nenhuma turma do ETIM realizando o Saresp (2012 e 2013); e por fim, o período com as turmas do ETIM realizando o Saresp (de 2014 em diante).



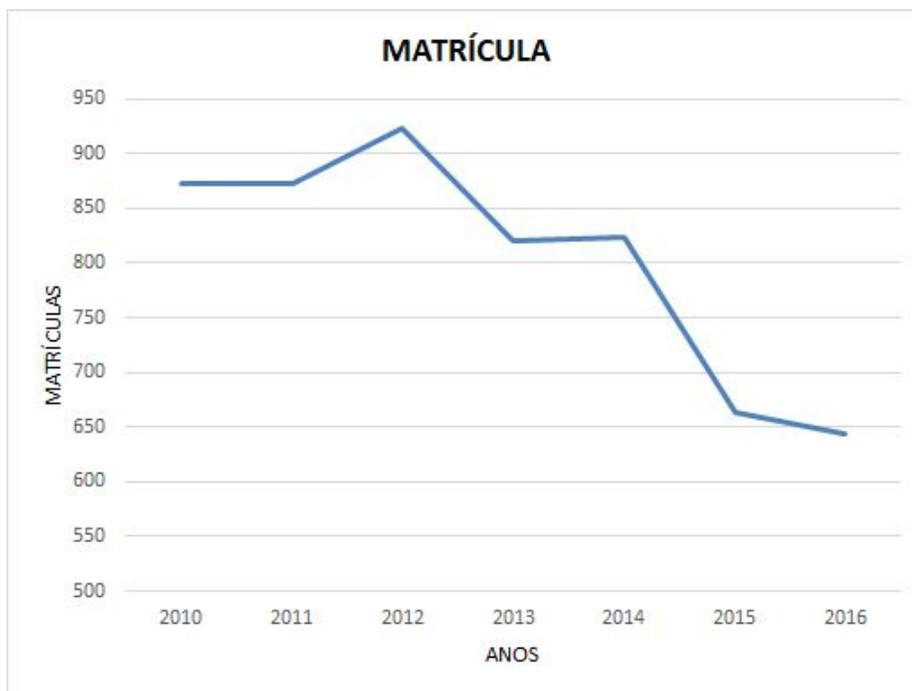
No primeiro período, a escola apresenta um índice razoavelmente mais abaixo do que as demais escolas da região, salvando o caso da escola Zilah Ferreira, como também da Diretoria de Ensino e do Estado. Nota-se que todas as escolas, até a mais bem posicionada, estão bem distantes da média meta a ser alcançada de 5 pontos.

No segundo período, apesar de não poder afirmar que a melhora no resultado do IDESP foi mediante a participação da turma Vence, foi possível observar que a escola apresentou um crescimento constante, indo no contrafluxo das escolas Ayr Picanço e Francisco Lopes. Pode-se

perceber que o Macedo, pela primeira vez dentro do intervalo trabalhado, ficou atrás apenas do Picanço.

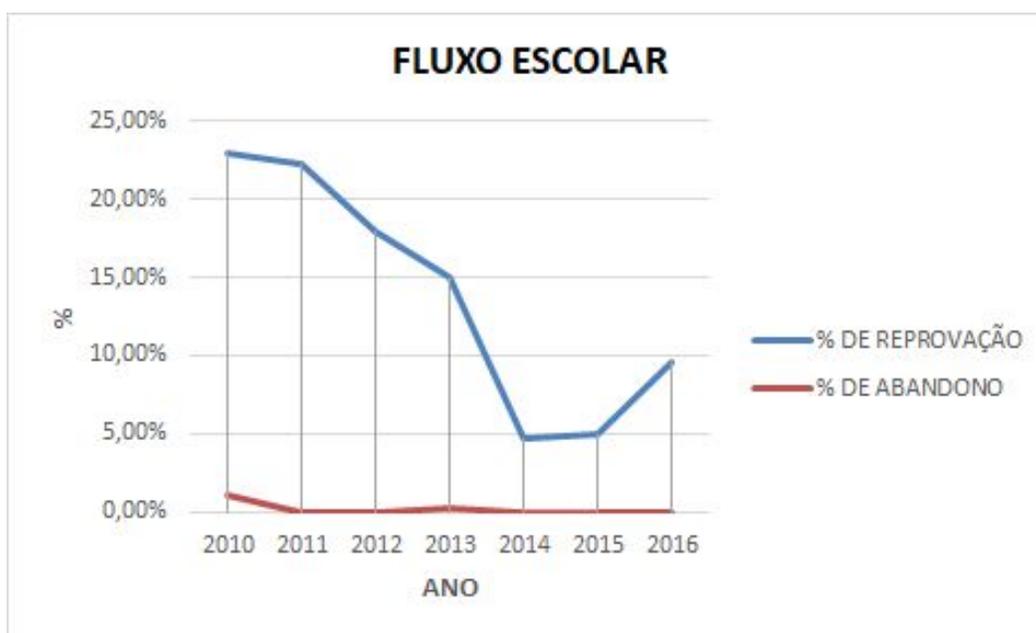
No terceiro período, já contando com a influência das duas turmas do ETIM no Saesp, a escola demonstrou uma pequena queda entre 2013 e 2014, mas passou a avançar novamente em 2015. Um fator que chama a atenção nesse período, foi o salto que a escola Francisco Lopes apresentou; uma suposição a tal crescimento foi devido a escola ter se tornado integral. E por fim, em 2016, o Macedo, o Francisco Lopes e o Ayr Picanço convergiram para praticamente a mesma nota; um cenário muito diferente daquele que se encontrava no início em 2008.

Em relação ao número de matrículas, a escola atingiu seu auge em 2012 no início do programa com 923 alunos matriculados, contudo em 2015 houve uma diminuição em mais de 280 matrículas, passando a totalizar 663 estudantes. Quando questionado a ex-coordenação a motivação da queda do número de matrículas, obteve-se a resposta de que foi devido a evasão dos alunos, contudo essa informação não corresponde com os dados do Censo Escolar, presentes no gráfico de Fluxo Escolar.



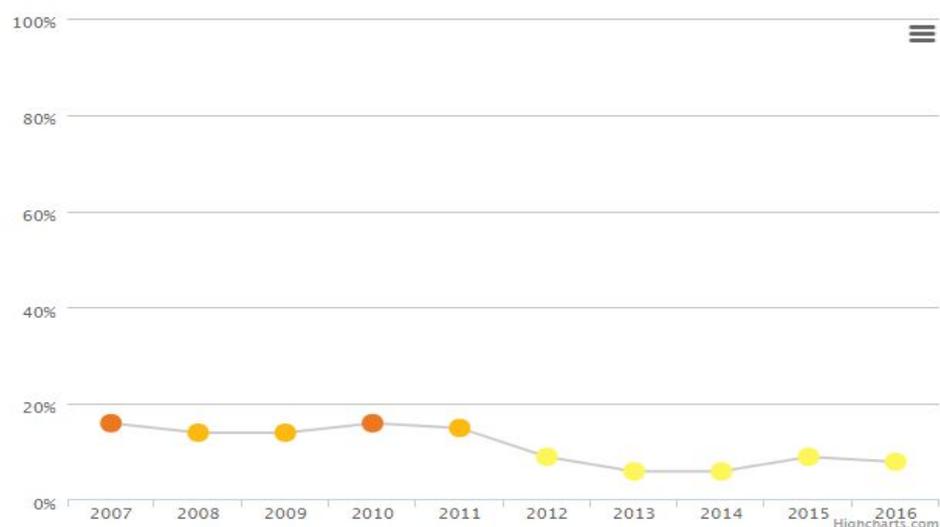
Analisando o fluxo escolar (taxas de repetência e de abandono) é notoriamente visível a diminuição proporcional da porcentagem de reprovações ao longo dos anos. No primeiro período, as taxas eram extremamente altas; em 2010, dos 872 alunos matriculados,

aproximadamente 202 ficaram retidos e 9 abandonaram a escola. Esses expressivos números já demonstravam um grande problema em relação aos seus índices, uma vez que acima de 5% é se recomendado que a escola já comece a articular estratégias para contenção (Qedu). No segundo período, é possível ver uma pequena diminuição no fluxo em relação a movimentação do ano anterior. Enquanto no último período, a escola mostrou uma grande queda, principalmente entre os anos de 2013 e 2014, sendo neste último ano, aproximadamente 39 alunos retidos para um total de 824 matriculados.

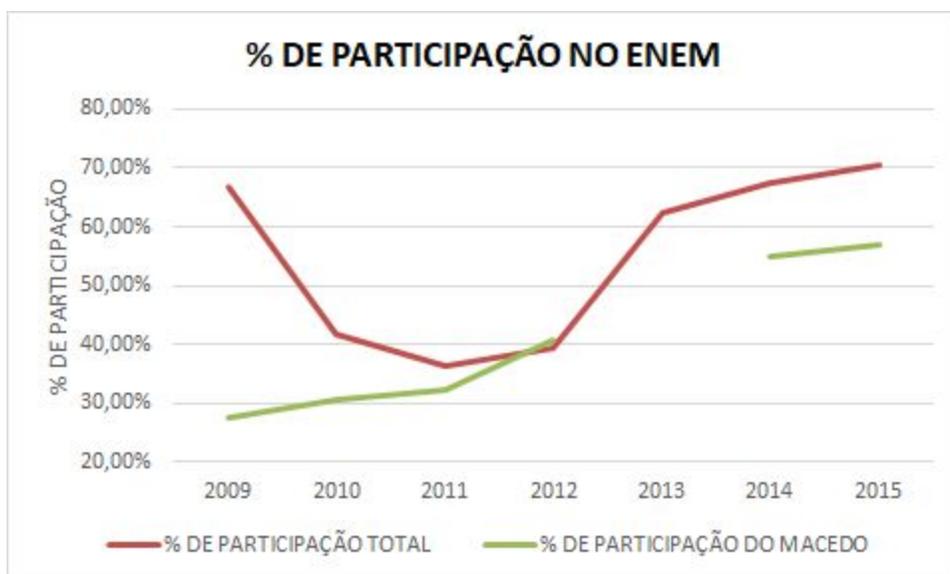


A tabela abaixo apresenta a taxa de distorção idade-série dos alunos do Macedo. Tal taxa, calcula a porcentagem dos alunos que estão dois anos ou mais fora da idade esperada para suas referidas séries. Esse cálculo está estritamente ligado ao fluxo escolar da escola, devido ao atraso gerado pelas reprovações e evasões. O gráfico mostra que os anos posteriores aos que apresentaram altas porcentagens de retenção, também apresentaram uma alta taxa de distorção idade-série; dando destaque para os anos de 2010 e 2011 com uma alta distorção, e 2014 e 2015 com baixas taxas.

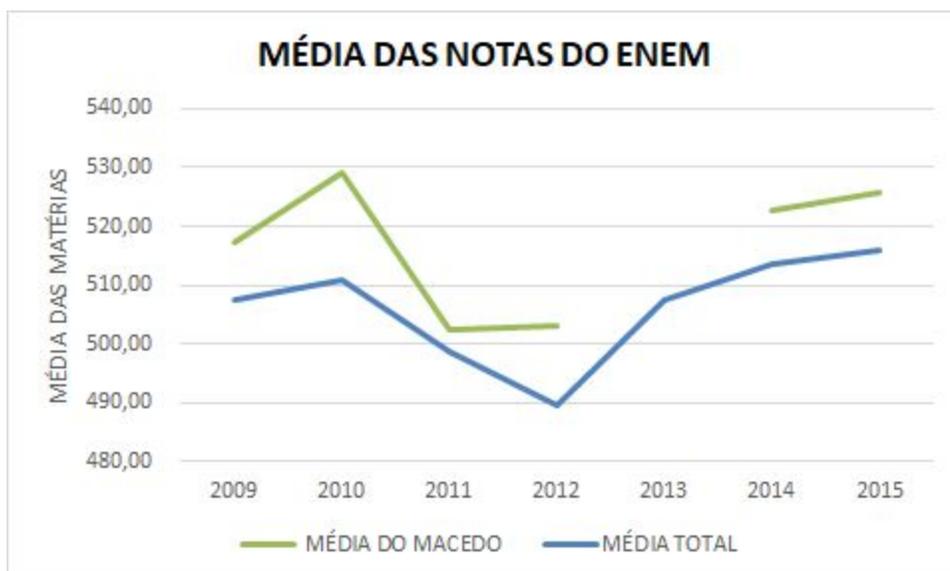
Distorção Idade-Série, Jose Vieira Macedo Professor, 2007 até 2016



A avaliação do rendimento da média dos alunos no Enem foi uma tarefa complicada uma vez que, o Inep só considera representativas as médias das escolas com uma porcentagem de participação maior que 50%. Dado que a maior parte das taxas de participação foram menores que a média recomendada, não foi possível comparar a média do Macedo antes e depois da implementação do programa. Apenas em 2014 e 2015, que foi possível fazer uma breve comparação com as demais escolas da cidade que divulgaram suas notas; novamente, as taxas de participação foram baixas, respectivamente 55,03% e 56,99%, mas suficientes para expressarem participação. Nesses anos, o José Vieira Macedo alcançou uma média de 522,84 e 525,80 enquanto a média das demais escolas públicas foram 513,71 e 515,98, com 67,49% e 70,36% de taxas de participação.



3



Infraestrutura Escolar

Diferente do que apontado por estudos sobre a importância do papel das escolas, e como a desigualdade de recursos entre elas pode vir a gerar impactos nos resultados dos alunos e nos seus rendimentos; o caso analisado trata-se de uma escola onde as duas modalidades de ensino desfrutam praticamente das mesmas condições de infraestrutura e recursos.

³ A escola não disponibilizou as médias do ENEM de 2013.

O prédio do José Vieira Macedo condiz com a sua idade e apresenta uma estrutura antiga, fechada e antiquada, dado que entre a rua da escola até o acesso as suas dependências, os alunos precisam passar por três portões que contêm grades, correntes e cadeados, além de serem monitorados constantemente pelos Agentes de Organização Escolar. Do lado de dentro do prédio, esse padrão se mantém, havendo portões dividindo todas as passagens aos demais ambientes.

O prédio do Macedo apresenta um andar térreo e um andar superior. No andar superior é onde se concentram as salas da Extensão da Etec e as demais salas de aula; neste andar, há uma passagem que interliga dois lados da escolas, mais especificamente dois corredores, um com as salas dos alunos do Ensino Regular, chamado “lado do Macedo” e outro com as salas dos alunos do Etim, chamado de “lado da Etec”; no andar térreo é onde se localizam as demais infraestruturas que serão apresentadas.



A infraestrutura da escola, disponível de igual modo aos dois módulos, apresenta um laboratório de informática; sala de leitura; quadra coberta; quadra descoberta desativada; pátio coberto e descoberto; palco; cantina; sanitários do lado de dentro da escola; cozinha; refeitório; laboratório de ciências desativado; dois corredores com salas de aula no segundo andar da escola; salas de aula para o Centro de Línguas no térreo; bicicletário; sala da coordenação; sala da direção; sala dos professores; sala de vídeo/auditório e secretaria. A escola, segundo o Censo

Escolar de 2016, possui também saneamento básico completo e água filtrada. É importante destacar que apesar de todas essas estruturas citadas, a escola não possui dependências acessíveis aos portadores de deficiência física.

Em relação aos seus equipamentos, segundo o Censo, a instituição possui aparelho de dvd; impressora; retroprojeto; televisão; acesso à internet e banda larga. Uma mudança significativa que pode ser identificada foi na quantidade de computadores, em 2011 haviam na escola 8 computadores para uso dos alunos e 5 para uso administrativo; a partir de 2012, a escola passou a ter 22 computadores para uso dos alunos e 9 para uso administrativo.

Uma questão relevante ao se analisar o levantamento dos equipamentos, é que do ano de 2016 até 2018 a escola passou por mais de três invasões. Assim, não se tem noção de fato de quais equipamentos exatamente a escola possui hoje.

As únicas diferenças identificadas de acesso à infraestrutura e materiais entre o Regular e o Etim, foram vistas nas salas destinadas ao ensino técnico, ou seja, quando os alunos do Etim estão sob a responsabilidade da Extensão da Etec. A Extensão possui na escola dois laboratórios de informática; uma sala dividida para a coordenação, professores e para a biblioteca das literaturas básicas dos cursos técnicos; armários para os alunos do Etim; além de um laboratório de gestão.

Conforme apresentado no “Programa Vence”, entre as responsabilidades atribuídas ao Macedo na parceria do programa, estão a de ser responsável pela adequação e conservação física da infraestrutura da escola, tanto das áreas comuns, quanto das salas cedidas à Etec; pelo pagamento das despesas do prédio; como também, em oferecer a quantidade de salas necessárias para a instalação da extensão. Em relação a execução deste seu papel, a escola apresentou uma série de problemas relacionados a sua conservação.



O prédio de modo geral, apresenta problemas consideráveis em sua estrutura, há goteiras pelos corredores; rachaduras nas paredes; pinturas descascadas; desníveis perigosos no chão da quadra; banheiros com problemas nas fechaduras e até mesmo sem portas; ventiladores quebrados; entre outros problemas estruturais. Nas suas demais atribuições no programa Vence, aparentemente não houve descumprimento ou grandes problemas.



As atribuições da Extensão da Etec dentro do programa Vence, não estão diretamente ligadas à infraestrutura do prédio da escola, mas sim estão voltadas à compra de mobiliários, equipamentos e softwares necessários para a instalação dos laboratórios de gestão e de informática; além da compra do acervo bibliográfico mínimo indispensável para instalação dos cursos. De modo geral, a Extensão cumpre com o demandado.

Pôde-se identificar que a infraestrutura da escola é um fator que incomoda de forma considerável parte dos alunos de ambos os módulos. Em uma pergunta aberta feita no questionário aplicado aos alunos, questionou-se quais eram as três coisas que eles consideram um problema na escola e se pudessem mudariam; 45,5% dos alunos do Macedo e 39,4% dos alunos entrevistados do Etim citaram de forma direta e indireta (citando algum problema específico da estrutura, como o banheiro) que um dos problemas que eles mudariam na escola seria a sua infraestrutura.



Por fim, uma das questões ligadas à estrutura do prédio mais representativas vistas ao longo da pesquisa, foi no tocante da divisão física das turmas da Etec e do Macedo. Como se já não houvesse um sentimento por grande parte dos alunos de que há um tratamento e oportunidades desiguais entre os dois módulos na escola, como também diferença no modelo de seleção, no uniforme, entre outras distinções expressas; identificou-se também que a separação física entre as salas e a “denominação” dos corredores, retrata e reforça simbolicamente a divisão existente entre os módulos. Esse por sua vez, foi o tema levantado e discutido com a sala do primeiro ano da Turma de Marketing, através da pesquisa participativa de campo feita em Maio de 2018. A pesquisadora teve o papel de mediadora da discussão, não interferindo na posição dos alunos, mas apenas apresentando palavras-chave e imagens como a foto abaixo, como também organizando as sequências de falas.



A discussão, como apresentado na metodologia, iniciou-se a partir de uma rápida fala introdutória da pesquisadora, apresentando os conceitos de desigualdades de oportunidades educacionais e dos privilégios existentes dentro da educação; ao decorrer da sua fala, fora questionado aos alunos sobre se notavam alguma variável diferente entre os dois módulos de ensino. Conforme o debate foi ganhando aderência e foi procedendo, a questão das rixas entre o Regular e o Etim tomou conta da discussão, sendo essas placas da imagem acima citadas por uma aluna, desencadeando dois tipos de reações, além da neutralidade, nos alunos e alunas.

A primeira reação, foi do grupo que apresentou que a culpa do distanciamento e das rixas entre os módulos era primeiramente da escola, pois a estrutura do seu prédio gerava intrinsecamente uma separação entre os alunos e dificultava a integração; além de que também os professores e a direção apresentam um “favoritismo” para com a Etec. Uma fala que buscou exemplificar esta situação, foi a de uma aluna ao dizer que sentia que a escola se esforçava mais para colocar um professor substituto nas salas do Etim, do que do Regular. E também, que a utilização dessas setas da imagem acima, passaram de ser placas para a facilitação dos primeiros dias de aula, para placas delimitadoras e segregadoras, mostrando para cada módulo o seu “devido lugar”.

Professores, Funcionários, Equipe Diretiva e Coordenação Etec

Durante o período de acompanhamento da escola, aplicação dos questionários e realização das entrevistas, o Macedo estava passando por um processo de transição de gestão iniciado desde 2016 com a saída da Diretora que implementou o Vence na escola. Antes da entrada da atual diretora efetiva no início de 2018, a escola havia passado por três outras gestões eventuais. As mudanças ocorreram também nos cargos comissionados, no caso, nos cargos de vice-diretor e coordenador pedagógico.

O corpo docente da escola passou por algumas transformações também dentro desse intervalo de tempo, como com algumas mudanças no quadro dos professores. As principais motivações levantadas foram que houve uma parcela de professores que se aposentaram; professores eventuais que foram realocados para outras escolas; como também, professores que vieram transferidos da E.E Professor Joaquim Andrade Meirelles, situada no mesmo bairro do Macedo, dado que esta veio a se tornar uma Escola de Tempo Integral - ETI e repassou para o Macedo uma parcela dos seus alunos e professores.

O quadro de funcionários da escola também sofreu algumas alterações. Na visita de campo realizada, foi possível observar que ele era composto desde funcionários que estavam na escola a mais de 28 anos, como também por funcionários recém alocados. Do início do programa em 2012 até 2016, houve uma redução em 30,33% das matrículas do ensino médio regular, também em 2016 algumas salas do Centro de Línguas foram fechadas. Com essa redução de alunos, alguns Agentes de Organização Escolar - AOE foram realocados para outras unidades. Em 2017 com a entrada de novos alunos e novos programas, o número de funcionários precisou ser alterado novamente, passando a receber novos AOE.

Já a Coordenação da Extensão da Etec, desvinculada da direção do Vieira Macedo e da SEE, pareceu manter um quadro mais constante, com o mesmo coordenador desde 2015, e com um quadro muito parecido de professores.

A partir desta breve descrição, é possível identificar que o quadro de pessoal do Macedo passou e ainda tem passado por mudanças. Esse fator implica nas experiências que as turmas tanto do Regular quanto do Etim têm e tiveram; sendo esta variação um ponto importante ao se

analisar as respostas dos questionários aplicados aos alunos, principalmente quando abordado questões sobre o relacionamento deles para com o corpo da escola.

O fato de aplicar o questionário para a ex-coordenadora pedagógica, cujo o seu período de atuação foi de 2010 até o fim de 2015, e para a atual diretora, que assumiu a escola em abril de 2018, possibilita explorar em suas respostas perspectivas diferentes da mesma escola e do mesmo programa, dado que há a visão de quem acompanhou o processo de implementação do programa e de quem está lidando hoje com ele.

Do mesmo modo, os questionários aplicados aos professores trazem perspectivas diferentes, dado que há entre os oito professoras e professores os que estão atualmente aposentados, os que deram aula em “turnos” diferentes, efetivos, temporários e com tempos distintos de atuação na rede.

Em relação aos funcionários, o acesso obtido foi através de conversas durante a visita de campo e entrevista semi-estruturada. Questionários também foram enviados para quatro AOE, mas os mesmos não obtiveram retorno.

Do lado da Etec, o questionário foi enviado para o atual e para a ex-coordenadora da Extensão. A antiga coordenadora atuou na escola de 2011 até 2014 e participou da implementação do programa Vence na escola. Já o atual coordenador, teve a experiência de acompanhar diferentes turmas do Etim, possibilitando trazer um olhar comparativo.

Os resultados obtidos a partir da análise das respostas dos quatro grupos, principalmente da Equipe Diretiva, Professores e Coordenação da Etec, podem ser divididos em três blocos: (i) Programa Vence; (ii) Alunos e (iii) Transformações.

i) Programa Vence

O programa Vence foi abordado inicialmente aos grupos de duas maneiras diferentes, o primeiro modo foi aplicado ao questionário da Equipe Diretiva e da Coordenação da Etec, partindo do pressuposto que já sabiam o que é o Vence; e a segunda maneira foi aplicada ao questionário dos Professores e na entrevista com a AOE, indagando se conheciam ou não o programa.

As respostas obtidas mostraram que dentre os grupos entrevistados, o programa Vence é conhecido pela grande maioria, mesmo que de maneira rasa. Isto é, dos professores entrevistados 75% disseram conhecer o programa, entre estes, quando questionados sobre o que é o Vence e o que sabem a respeito dele, as respostas mais recorrentes dadas o definiam como um programa que integra o Ensino Médio ao Ensino Técnico. Dentre as respostas, apenas uma professora apresentou uma visão mais aprofundada sobre o Vence, citando desde quando o programa se chamava RETIM; a parceria entre a SEE e o CEETEPS; os objetivos do programa, entre os quais combater a evasão dos alunos da rede e aproximar o EM da realidade do estudante. A AOE entrevistada, explicou o programa de forma parecida com a maioria dos professores.

É interessante destacar a porcentagem que respondeu que não sabia o que era o programa Vence, isso pois todos os professores participantes responderam que deram/dão aula tanto para o Etim quanto para o Regular. Assim, mesmo inseridos no programa, haviam professores que não o conheciam, nem algumas terminologias como “Etim”. Muito disso explica-se por resumir e denominar as turmas do Etim de “Etec”; no Macedo é muito pouco citado estes outros nomes como “Vence”, “Etim”, “Integrado” etc.

A diretora e a ex-coordenadora responderam de formas distintas sobre o que conhecem do programa; a coordenadora relatou mais sobre os impactos positivos do Vence para a vida dos alunos, enquanto a diretora apontou conhecimentos mais técnicos como regras e requisitos básicos. No caso do atual e da ex-coordenadora da Extensão, já se esperava respostas mais estruturada e completas relacionadas ao programa, dado que ele é praticamente 50% das turmas técnicas atendidas na Extensão.

Também foram questionados quais as suas opiniões sobre o programa, os benefícios e pontos positivos, assim como os desafios e pontos negativos para os professores, funcionários, alunos e gestores. A maioria das respostas dos docentes classificam o programa como muito positivo para os alunos, por conta das oportunidades da formação técnica logo após o fim do EM; por melhorar o currículo; ser ensino integral e garantir a permanência dos alunos na escola; haver uma seleção de “alunos diferenciados” no início do programa; melhorar o processo de ensino-aprendizagem; além da transformação do sentido do EM para os alunos. Quanto aos pontos negativos, esses estão ligados essencialmente à falta de suporte do Estado, isto é, a falta

de repasse de recursos e investimentos; de uma infraestrutura adequada; falta de profissionais e a inexistência de capacitação destes para trabalharem de forma integrada e em cima dos objetivos do programa.

De forma semelhante, a ex-coordenadora e a diretora da escola apontaram que o programa é muito bom para o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional do aluno. Para a direção da escola o programa é excelente, pois traz maior dedicação, comprometimento e profissionalismo por parte de todos. Os pontos negativos estão no tocante da falta de recursos financeiros, humanos, tal como atividades e materiais complementares.

Para o coordenador e para a ex-coordenadora da Extensão, o programa é positivo, pois utiliza-se das salas ociosas das escolas públicas e oferece mais oportunidades. Também foi perguntado sobre as principais conquistas da Extensão; em suas respostas disseram que além dos resultados positivos atingidos pelos alunos, a Extensão no Macedo conseguiu alcançar uma integração entre os cursos, como também mantém três turmas integradas de Administração e Marketing, além de manterem os cursos de Contabilidade, Logística, Transações Imobiliárias e Marketing Modulares noturnos. Em questão dos desafios que a Extensão enxerga do Vence Integrado, estão nas relações e integração de horários; a gestão compartilhada dos cursos; e apontam também que a Extensão enfrenta problemas na infraestrutura do prédio e falta de recursos humanos para o módulo regular.

Assim como apresentado, dentro do programa os papéis e responsabilidades são divididos entre a SEE, representado pela direção do Macedo, e entre a CEETEPS, representado pela coordenação da Extensão. Nos questionários aplicados buscou-se avaliar se as partes sabem e cumprem o seu papel no programa, assim como se sabem o papel do outro e se este o cumpre.

Ao perguntar no questionário da Equipe Diretiva qual o papel da E.E Prof José Vieira Macedo no programa e se ele tem sido cumprido, as respostas mostraram que a escola tem a percepção dela ser um prédio descentralizado da Etec, assim como de oferecer o conteúdo da Base Nacional Comum Curricular - BNCC aos alunos do Etim. A coordenação da Extensão respondeu que o papel do Macedo na parceria é de fornecer a formação do Ensino Médio para os alunos do Etim e que a Escola tem cumprido o seu papel .

Com a pretensão de se obter exatamente as respostas sobre se a Escola cumpre de fato com o proposto na parceria, outra questão posta no questionário perguntou diretamente se a escola disponibiliza alimentação para os alunos do ETIM; manutenção da infraestrutura da escola; sala de professores e salas para a montagem de um laboratório de gestão e para dois laboratórios de informática para a Etec. No questionário da Equipe Diretiva, as profissionais responderam que sim, apesar de haver a necessidade de os ambientes serem mais modernos. Do lado da coordenação da Etec, as respostas foram igualmente positivas, descrevendo que foram disponibilizadas nove salas, sendo duas para a montagem de três laboratórios e uma para Secretaria/Sala de Professores e Biblioteca; e que a mesma oferece alimentação desde o final de 2012. Um fator pontuado importante até então não apresentado, foi na questão da oferta de passe escolar gratuito para os alunos do programa, por meio da parceria da SEE e o Governo Municipal de São José dos Campos.

Do mesmo modo, foi perguntado para as direções qual o papel da Etec no programa e se esse papel foi/é cumprido. A diretora e a ex-coordenadora responderam que o papel deles é de oferecer a parte de Ensino Técnico e de promover o desenvolvimento profissional dos alunos, e que sim, a Etec tem feito a sua parte. Do lado da atual e ex-coordenação a resposta foi a mesma, de que o papel da Etec é proporcionar a formação técnica aos alunos e que tem sido cumprido.

Como feito em relação ao Macedo, perguntou aos gestores da Etec se a Extensão cumpre com a parte dela da parceria e disponibiliza pessoal para a limpeza no período da realização dos cursos; segurança e pessoal para a prestação de serviços de auxílio aos docentes e alunos. De modo diferente da primeira resposta, a Etec não cumpre plenamente com as contrapartidas estabelecidas na parceria do programa, uma vez que o único serviço que ela disponibiliza é o de limpeza durante os períodos do técnico. A Etec chegou a disponibilizar, de 2011 até 2014, dois seguranças no período noturno, mas hoje não mais. Segundo o coordenador, o Centro Paula Souza cancelou o contrato para contenção de despesas. Uma questão pontuada pertinente, foi que a Etec apesar de não oferecer aporte financeiro para o Macedo, ela fornece suporte técnico na questão da eletricidade da escola, consertos nas tomadas, trocas de lâmpadas e de reatores

Na questão do relacionamento entre as partes, perguntou-se em ambos os questionários como é a relação entre a coordenação da Extensão e a direção do Macedo, tal qual é/era a relação

com a Sede Etec Prof^a Ilza Nascimento Pintus. Da parte do Vieira Macedo, responderam que tanto na outra gestão quanto na atual a relação com a coordenação é excelente, harmoniosa e baseada no diálogo e cooperação das partes; quanto com a Sede, o entrosamento deixava a desejar até 2016, deste ano em diante não foi incluso nas respostas. Em relação ao lado da Etec, ambos responderam que a relação estabelecida entre as partes é bastante amigável e de parceria; já com a Sede, a relação passou por uma melhora, sendo no início um pouco difícil, mas realizam hoje reuniões e Conselho de Classe em conjunto. Por fim, somando com essas últimas perguntas levantadas, procurou saber se há reuniões e/ou outros instrumentos de articulação e integração entre as duas coordenações, para discutir questões em conjunto sobre os alunos. Das duas partes as respostas foram positivas, que a avaliação do aluno é unificada e os casos dos alunos são discutidos no conselho de classe, onde tem a participação da Etec e Macedo.

Por fim, foi perguntado aos professores, equipe diretiva e coordenação da Etec o que poderia ser feito para melhorar o ambiente e os relacionamentos de uma escola que recebe o programa Vence. O grupo de professores citaram que é necessário que haja atividades e projetos que aproximem e integrem os alunos; haja um esforço da comunidade escolar para estabelecer uma relação de igualdade entre os módulos; que seja realizado uma mudança na estrutura da escola; e até mesmo surgiu a proposta de que a escola se torne apenas de turmas de alunos do Vence. Houve um questionamento expresso por um docente, de que o que poderia ser melhorado não depende das equipes gestoras e dos profissionais que atuam na escola, mas que dependeria de ações das Instituições superiores. A diretora não respondeu esta questão, e a ex-coordenadora a respondeu em um sentido estrutural, de que para melhorar o ambiente para receber o Vence teria que haver mais salas com “oportunidades de ensino mais atual” e de levar com mais seriedade a BNCC. Para a ex-coordenadora é necessário eventos que integrem as turmas e mude a cultura existente na escola; finalmente, para o atual coordenador da Extensão é necessário “Que as escolas estaduais entendessem melhor o programa e que este só trará benefícios para a Escola. Que não ‘enxerguem’ como ‘alunos da ETEC’ que é como a Escola vê hoje os alunos do VENCE.”

ii) Alunos

Dada a extrema importância que há na relação entre a escola e os seus alunos, com o intuito de entender qual a visão dos docentes e da direção sobre os módulos, assim como de formar modelos referenciais da imagem a qual a instituição construiu sobre os estudantes; uma parte do questionário foi separada para tratar das relações e da imagem dos professores, da equipe diretiva e dos funcionários para com os alunos.

Assim, com o levantamento feito dos dados qualitativos, é possível insinuar que há uma divisão bem clara de perspectivas entre os alunos do Regular e do Etim. Quando questionados sobre o comportamento, fluxo, rendimento entre outras características do Regular, todos os professores participantes responderam que o tal apresenta um perfil mediano; na questão dos rendimentos, as respostas trouxeram algumas caracterizações como “sem compromisso”, “pouco interesse pelo Ensino Médio”, “sem perspectiva de futuro”, “mais dificuldade na aprendizagem”, “rendimento baixo”, “não têm perspectivas de aplicação do conteúdo estudado na sua vida”, entre outras citações voltadas a falta de foco na formação acadêmica. Quanto ao fluxo, muitos professores responderam que há muitas faltas e abandono. A questão da estrutura familiar e da condição socioeconômica apareceu em três respostas, citando que há muitos casos no Regular de problemas e desestruturação familiar; assim como muitos alunos, dado dificuldades financeiras, necessitam trabalhar. Esses motivos por vezes acabam afetando o desempenho dos alunos e o sentido que a escola tem em suas vidas, levando em muitos casos a evasão e ao abandono definitivo escolar. No questionário Equipe Diretiva, houve uma divergência quanto as respostas, sendo o Ensino Regular caracterizado tanto como “medianos”, quanto como “comprometidos com o processo de aprendizagem”.

Em relação aos alunos do Etim, as respostas mais recorrentes dos professores utilizavam as terminologias “comprometidos”, “focados” e “responsáveis”. Mas houveram algumas pontuações quanto à generalização, isto é, esses atributos positivos se aplicavam a parte dos alunos, mas não a sua totalidade. No questionário Equipe Diretiva, os alunos são caracterizados como alunos “excelentes”, “questionadores”, “comprometidos” e “estudiosos”; duas pontuações em especial na resposta da ex-coordenadora, apresentou que apesar do nível ser mais elevado, o perfil dos alunos está mudando, pois as novas turmas estão sendo menos dedicadas que as

demais. Na fala da diretora, ela apresenta que os alunos do Etim não são tão comprometidos com o EM, como são com o Técnico.

As demais perguntas nos questionários buscaram explorar de forma mais comparativa as características dos módulos e do relacionamento entre os atores escolares. A coordenação da Etec não respondeu essas questões, dado que não tem contato com o Ensino Regular do Macedo.

De forma simplificada, nestas questões aplicadas aos professores buscou-se comparar o *background* do Ensino Fundamental dos dois módulos e as perspectivas que esses grupos têm para o futuro. Em relação as bases de conhecimento dos alunos, os professores relataram serem bem parecidas, ambas com defasagens. Há uma pequena diferença citada quanto as escolas do fundamental de uma parcela de alunos do Etim, pois alguns estudantes são provenientes de boas escolas municipais, como também, mais recentemente, de escolas particulares; estes alunos por sua vez, acabam tendo uma base de conhecimento mais ampla que o restante. Já no tocante da perspectiva de futuro dos estudantes, houveram dois tipos de respostas mais recorrentes, o primeiro tipo faz uma maior distinção entre os módulos, na qual os professores apontam para Etim como um grupo de alunos diferenciados que visam se aprimorar profissionalmente e buscam em sua maioria ingressar na faculdade; o outro tipo de resposta não faz distinção entre os módulos, ele apresenta que há tanto em um quanto no outro estudantes interessados em uma formação acadêmica, classificados como “bons alunos”.

Outro objetivo buscado foi sondar as relações e as percepções de relações existentes dos professores e da direção para com cada um dos módulos. A primeira relação abordada foi o relacionamento entre o Regular e o Etim, segundo a visão tanto dos professores quanto da direção, este convívio e relacionamento entre as turmas não é visto de forma plenamente harmoniosa, isto é, houve um consenso nas respostas de que eles não se enxergam como um corpo único de alunos, mas que a escola é dividida e eles dizem serem diferentes um dos outros. Por conta desta dita “separação”, os módulos desenvolveram uma “discriminação” entre si e conseqüentemente distanciamento e falta de integração.

Em relação da experiência entre os professores e a direção com os alunos do Ensino Regular, as respostas demonstraram um relacionamento positivo e bom, sem nenhuma hostilidade ou apenas com conflitos pontuais. No caso do Etim os retornos foram bem parecidos,

sendo um relacionamento positivo também com conflitos pontuais. Em determinadas respostas, tanto da parte de alguns professores, como da ex-coordenadora, houveram pequenas variações na classificação da relação, variando de “boa” (Ensino Regular) para “muito boa” (Etim).

Um ponto essencial que buscou se analisar durante as entrevistas e os questionários, foi no sentido de identificar diretamente e indiretamente se há um tratamento diferenciado para com cada uma das modalidades. A primeira abordagem perguntou se eles acham que o Regular e o ETIM são tratados de maneiras desiguais pelos professores, funcionários e pela direção; houve uma divergência entre as respostas dos professores e da direção, para a maioria dos docentes não há diferenças, apenas uma professora disse que no passado já houve e um professor que disse que ainda há. Seguindo essa linha, a ex-coordenadora respondeu que essas desigualdades existem, e a diretora justificou dizendo que “Os alunos tem posturas diferentes dos alunos do curso regular. Isso pode colaborar para que haja essas desigualdades”. Na sequência, foi questionado se eles próprios acreditavam que faziam essa distinção; a maioria respondeu que não, a não ser por um professor que respondeu sim e uma professora que disse se esforçar para que não ocorra, mas dado o retorno obtido por cada um dos módulos, isso acabava por influenciar a relação. Da parte da direção, a ex-coordenadora respondeu que sim, tratava os alunos de forma diferenciada, dado também pelos retornos que davam nas atividades e projetos; e a diretora respondeu que se esforçava para tratá-los igualmente.

Perguntou-se aos professores se se sentiam motivados de maneiras distintas a darem aula para determinado módulo de ensino em função de outro; a resposta foi semelhante com as demais acima citadas. Uma parte dos professores relataram que no início a motivação era maior para o Etim, mas com o passar das turmas essa motivação se equalizou, ou até mesmo se inverteu por conta da mudança do perfil dos alunos.

Por fim, perguntou-se aos professores se eles se sentiam cobrados de maneira diferente quando relacionado as aulas, prazos, como outras demandas do Etim; a maioria respondeu que não. Apenas duas professoras responderam que sim, em relação aos prazos e notas, assim como maior envolvimento da família. Na direção as respostas se dividiram entre não e sim.

iii) Transformações

Neste último bloco de questões buscou-se levantar informações sobre o histórico do Macedo, as transformações que ocorreram com a entrada do Vence, bem como responder questionamentos levantados sobre quais benefícios o programa trouxe/traz essencialmente para a escola.

As questões majoritariamente foram direcionadas para os professores e direção que estavam na escola antes da adoção do programa, neste caso, dos oito professores entrevistados, quatro estavam na escola neste período; como também a ex-coordenadora. Além das questões direcionadas para este bloco, duas questões foram voltadas para os docentes que estavam na escola no primeiro e/ou segundo ano do programa, sendo o total de seis professores.

Dentre os assuntos abordados, para a ex-coordenadora e os professores que estavam na escola antes do programa, foi-lhes perguntado sobre como era o Macedo, qual era a sua imagem na época e se ela se alterou com a entrada das turmas do Etim. Nas respostas dos docentes a escola foi definida como “normal”; “heterogênea”; que tinha “problemas com indisciplina”; faltava recursos e era uma escola “Regular”. Houve entre as respostas um destaque para uma informação que até então não havia aparecido, sobre um outro programa o qual a escola participava, que trabalhava aspectos de gestão e organização escolar. Na resposta não foi citado o nome do “programa”, mas supondo com base nas postagens do antigo blog da Escola, o “programa” que se trata é o Projeto Jovem de Futuro⁴ do Instituto Unibanco. Houve também a participação da escola em outro programa, este por sua vez municipal, chamado “VemSer”, mas que era voltado para as questões de combate às drogas. Por fim, no questionário pareceu haver uma contradição entre as respostas dos professores, pois enquanto um descreveu que antes de 2012 a escola tinha salas superlotadas, outro professor cita que haviam poucos alunos; a informação que aparenta ser a mais plausível, dadas as condições necessárias para receber o programa Vence, é que a escola tinha salas sobrando. Em relação a sua imagem, os professores e a ex-coordenadora apresentaram que a imagem da escola melhorou com a entrada do programa, principalmente por conta de questões como a maior participação da família e mudança do olhar da comunidade.

⁴ “Principal projeto do Instituto Unibanco, o Jovem de Futuro (JF) é uma tecnologia educacional criada em 2007, desenvolvida e testada para estimular o aprimoramento contínuo da gestão escolar, com o objetivo de melhorar os resultados de aprendizagem dos estudantes de escolas públicas de Ensino Médio.” INSTITUTO UNIBANCO (2015)

Sobre a adaptação da escola com a nova modalidade de ensino, os professores disseram que houveram mudanças nos horários de saída dos alunos e necessitou-se fazer adequações no currículo para os estudantes do Vence, dada as exigências do Centro Paula Souza; a escola passou a atender também aos pais dos alunos do Etim. Um problema apresentado foi a falta de pessoal para dar conta das demandas, agora, dos dois módulos. Como apresentado pela ex-coordenadora, no início a adaptação foi difícil, mas que com o cotidiano eles conseguiram se “apropriar das diferenças entre os segmentos e entender o Programa”.

No quesito de recepção e reação dos alunos do Ensino Regular, segundo os professores, houve um estranhamento entre os estudantes, o qual veio a se perpetuar para os anos seguintes. No início havia brigas e desentendimentos entre os segmentos, conforme relatos obtidos na entrevista com a AOE, hoje apesar de haver ainda um distanciamento, a relação está bem melhor.

Na parte final das perguntas, questionou-se sobre o que mudou, ou não, na escola com a estrada do programa. Segundo as respostas dos professores e da direção, a escola não recebeu repasses ou verbas adicionais com a entrada do Vence; assim como não sofreu reformas nem recebeu material extra, apenas um aumento na quantidade da merenda. No sentido de recursos humanos, a única mudança que se teve foi com funcionários da limpeza e com os professores do técnico. A opinião ficou dividida quanto se a segurança da escola melhorou, se manteve ou piorou; parte dos professores acha que se manteve, e outra parte, contando com a ex-coordenadora creem que piorou, principalmente depois que cortaram a empresa de segurança que a Etec disponibilizava. Em relação aos rendimentos da escola, todos responderam que melhoraram, batendo por vários anos as metas do IDESP. Apesar dos resultados positivos, alguns professores disseram que o perfil dos alunos mudou apenas em partes, enquanto outra professora respondeu que piorou; todavia, a maior parte disseram que o perfil dos alunos melhorou, no sentido de compromisso, “grau cognitivo” e produtividade.

No tocante à mudanças no salário dos professores, não houveram alterações, apenas bônus dada as metas atingidas no IDESP. Por fim, foi-lhes perguntado qual foi o maior desafio durante esse processo de receber o programa Vence; nas respostas dos professores e da ex-coordenadora, apareceu a questão da falta de capacitação para os professores lidarem com o programa; o relacionamento e integração entre os módulos; a escola conseguir se adequar às

diretrizes em geral do programa; assim como os professores entenderem o Vence e os seus objetivos.

Alunos do Ensino Regular e Alunos do Etim

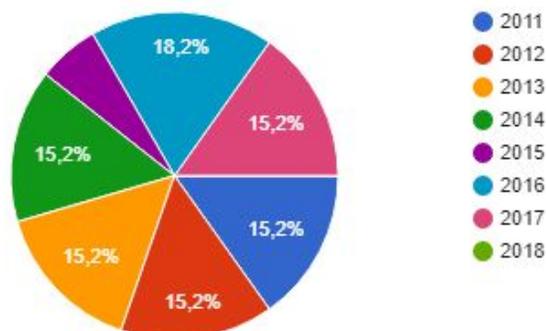
Esta parte da seção dos “Resultados” descreve detalhadamente os resultados obtidos nos questionários online aplicados aos alunos do Ensino Regular da EE Prof José Vieira Macedo e aos alunos do Ensino técnico Integrado ao Médio da Extensão do Vieira Macedo; além das informações obtidas durante a visita de campo. Como também, busca comparar estes resultados e avaliar os possíveis pontos de Desigualdades de Oportunidades Educacionais, da mesma maneira que visa analisar os impactos do programa Vence na escola e na vida dos alunos ao longo dos seus seis anos de implementação.

Perfil dos alunos

A direção escolhida para selecionar os alunos e alunas para aplicar o questionário, foi voltada para conseguir a maior representatividade possível de cada ano do programa, supondo que haveria visões e experiências diferentes ao longo de mais de 6 anos de execução. No entanto, apesar de ter conseguido uma diversificação das respostas, a distribuição dos anos não ocorreu de forma totalmente equilibrada. No caso dos alunos do Ensino Regular, conforme apresenta o primeiro gráfico abaixo, foi possível balancear mais os anos, apesar de não ter conseguido acesso a nenhum aluno que ingressou na escola em 2018; todavia, é interessante ressaltar que no caso do ensino regular, foram aplicados os questionários para os alunos que entraram em 2011, um ano antes da primeira turma do Etim, com o propósito de analisar como foi o processo de recepção e adaptação com a entrada do programa. Já no caso dos alunos do Etim, no segundo gráfico respectivamente, esse valor foi distribuído de forma mais desproporcional, se concentrando mais nos anos iniciais; em contrapartida, o questionário conseguiu abranger todos os anos em que houve o programa.

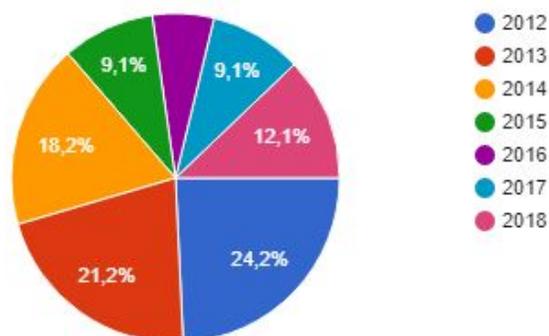
Que ano você ingressou na escola?

33 respostas



Que ano você ingressou na escola?

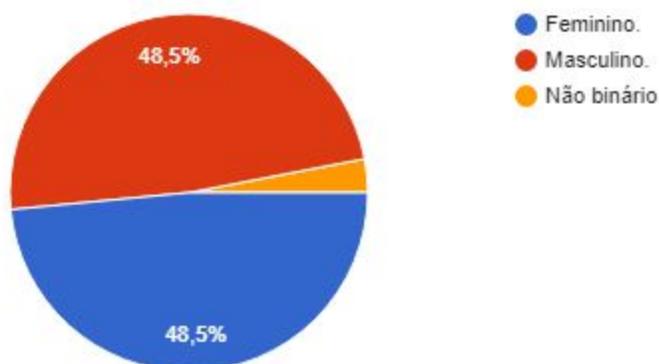
33 respostas



As primeiras questões presentes nos questionários, buscaram identificar as características dos estudantes participantes. A primeira informação levantada foi quanto ao gênero dos alunos, no Regular foi possível analisar que o questionário foi distribuído de forma mais equânime, 48,5% tanto para o gênero feminino quanto masculino; houve ainda uma resposta identificada como “não binário”.

Gênero:

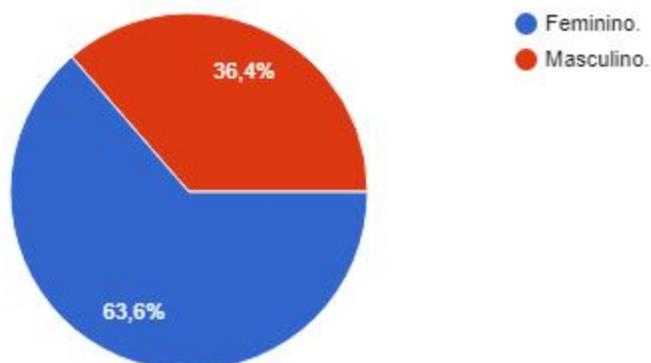
33 respostas



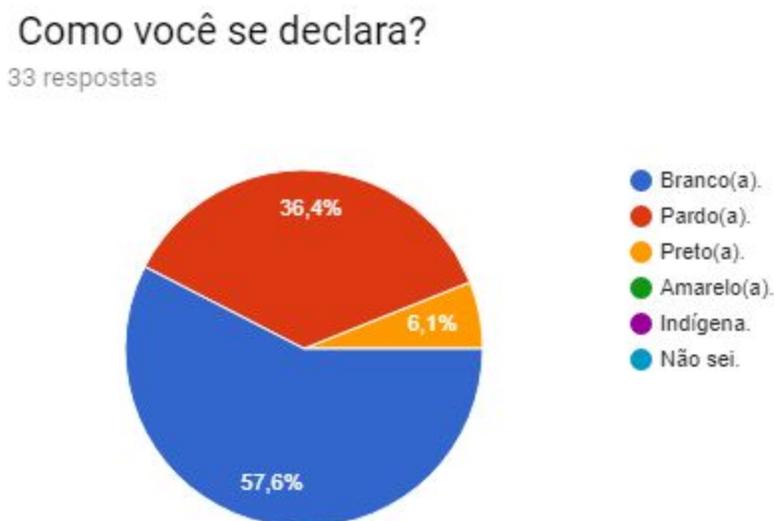
Já no caso do Etim, o gráfico possibilita identificar que a maioria que respondeu o questionário se identificam com o gênero feminino. Um adentro relevante levantado com o questionário dos coordenadores da Etec, aponta que uma das principais mudanças que se notou na escola do início até hoje no programa, foi relacionada a predominância cada vez mais visível do número de meninas nas turmas do Vence. Assim, apesar de essa desproporção afetar algumas questões seguintes, ela representa em partes, a composição das turmas do Etim.

Gênero:

33 respostas



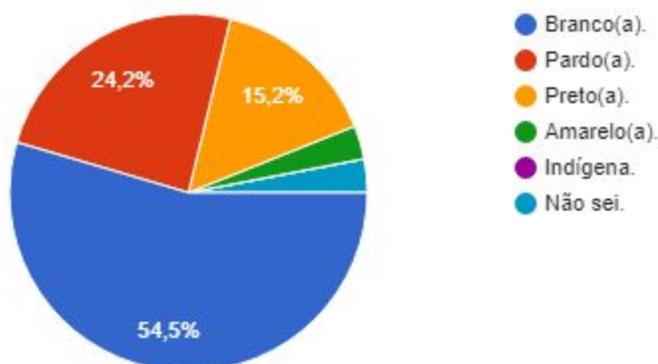
Quanto à autodeclaração de qual etnia o aluno se identifica, no questionário do Regular as respostas foram majoritariamente “Branco(a)” com 57,6% e “Pardo(a)” com 36,4%, por último “Preto(a)” aparecendo com 6,1%.



O Etim segue uma proporção parecida, com 54,5% dos alunos se declarando como “Branco(a)”, 24,2% como “Pardo(a)”, 15,2% como “Preto(a)”, 3% como “Amarelo(a)” e 3% como “Não sei”. Apesar de parecida a porcentagem das duas maiores, é possível identificar que há uma maior representatividade de alunos que se consideram pretos, como também um aluno que se declara amarelo. Contudo, dado que se trata de uma autodeclaração, as respostas podem ser subjetivas e este número de pardos e negros pertencerem a um grupo muito parecido.

Como você se declara?

33 respostas



Nas questões seguintes aplicadas, todas foram apresentadas aos alunos evidenciando que as respostas deveriam ser condizentes com o ano em que o aluno estava na escola, caso este não esteja mais.

Em relação a cidade onde os estudantes do Regular moram/moravam, 100% respondeu que reside/residia em São José dos Campos. 90,9% das respostas do Etim, também identificaram em suas respostas São José dos Campos; porém outras cidades como Jambeiro, Paraibuna e Jacareí aparecem nas respostas, ambas com 3%. Durante a visitação de campo, igualmente foi possível encontrar no Etim alunos de outras cidades, como Monteiro Lobato e Taubaté. Algo que chamou a atenção na visita e em outras conversas informais realizadas, foi em relação ao número de alunos oriundos de Jambeiro, que se mantiveram praticamente constantes durante todo o programa na escola. Quando questionados sobre a motivação de a escola atrair desde 2013 um contingente considerável de alunos de Jambeiro, os estudantes responderam que isso se dava por conta de o município não disponibilizar outras modalidades de escola ou curso além do Ensino Regular, assim como a qualidade do serviço oferecido ser baixa. Desta forma, para a prefeitura lidar com esta demanda, o município fornece transporte escolar gratuito até São José dos Campos em três turnos.

Quanto aos residentes em São José dos Campos, a região os quais os alunos do Regular estão/estavam localizados se dividem em 96,1% que residem/residiam em bairros na Zona Sul

(região onde está localizada a escola) e 3,1% que residem/residiam na Zona Leste do município. O tempo de deslocamento que esses alunos levam/levavam para chegar até a escola era em torno de “30 minutos ou menos” para 84,8% e “até 1 hora” para 15,2%.

Os alunos do Vence residentes em São José, também mantiveram um perfil mais diversificado de regiões onde moram/moravam, sendo 26,4% residentes na Zona Leste, 6,6% na Zona Sudeste, 13,2% na Zona Norte, 3,3% na Zona Oeste e 49,5% vindos da Zona Sul. Os alunos das outras cidades também foram incluídos na questão referente a quanto tempo levam/levavam de deslocamento até a escola, assim, somado este fator junto com a maior diversificação regional apresentada, o tempo informado pelos estudantes de locomoção é de que 15,2% dos estudantes levam/levavam “até 2 horas” todos os dias, 48,5% levam/levavam “até 1 hora” e 36,4% declararam que levam/levavam “30 minutos ou menos”.

Neste primeiro bloco de questões, é possível observar o que o programa Vence no Macedo atrai alunos de diversas regiões tanto da cidade, quanto de outros municípios da Região do Vale do Paraíba. O perfil preponderante do Etim é composto por alunas do gênero feminino, enquanto no Regular é mais equilibrado. Em relação a etnia dos alunos, a distribuição aparentou ser equilibrada, de modo que a maioria se autodeclarou Branca.

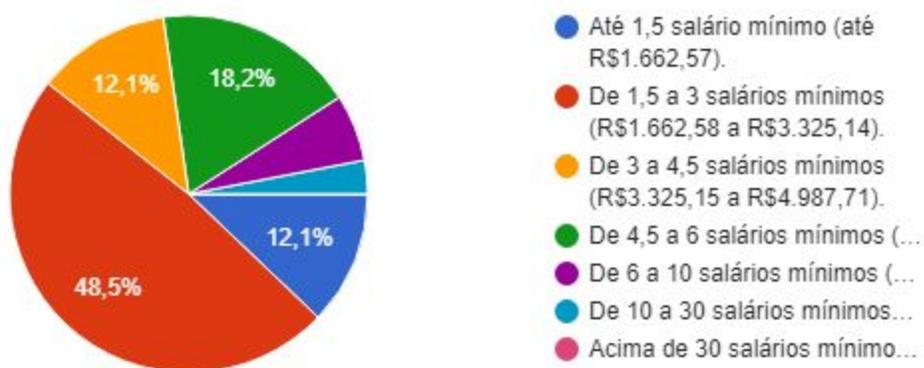
Perfil Socioeconômico e Familiar

Quanto as questões referentes a buscar traçar um perfil socioeconômico e familiar, como apresentado na metodologia, foram adaptadas de formulários socioeconômicos de provas aplicadas pelo Inep como, Enceja e Enem. O intuito destas questões buscava oferecer dados para comparar os módulos e constatar ou não se a renda destes é realmente diferente, conforme presente nas falas dos alunos tanto nas respostas abertas dos questionários quanto nas conversas ocorridas na visita de campo. Nestas falas, há um entendimento por parte dos alunos quanto a renda média dos alunos do Etim ser maior que a dos alunos do Macedo. Deste modo, foram feitas algumas questões para explorar os seus perfis, como também para servir de base para analisá-los à luz da teoria de Desigualdade de Oportunidades Educacionais, já aqui introduzidas, as quais têm em grande parte das suas constatações os pilares familiares e de renda, como principais pontos propulsores ou minimizadores das Desigualdades Educacionais.

A primeira questão presente no questionário abordando essa temática, perguntou ao alunos e ex-alunos quanto a renda total da sua família, tendo como base o Salário Mínimo de São Paulo Faixa I (R\$1.108,38). Para os alunos do Vence, conforme o gráfico abaixo, 48,5% dos estão na faixa de “1,5 a 3 salários mínimos (R\$1.662,58 a R\$3.325,14)”; 18,2% estão na faixa de “4,5 a 6 salários mínimos (R\$4.987,72 a 6.650,28)”; 12,1% de “3 a 4,5 salários mínimos (R\$3.325,15 a R\$4.987,7)”; 12,1% até “1,5 salário mínimo (até R\$1.662,57)”; 6,1% de “6 a 10 salários mínimos (R\$6.650,29 a R\$11.083,8)” e 3% de “10 a 30 salários mínimos (R\$11.083,9 a R\$33.251,4)”.

Qual a renda total da sua família, incluindo seus rendimentos?

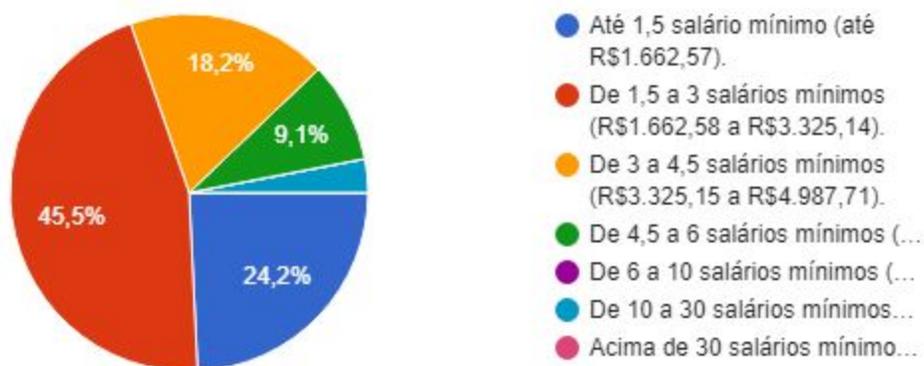
33 respostas



Já os resultados da renda total familiar dos alunos do Regular de 45,5% de “1,5 a 3 salários mínimos (R\$1.662,58 a R\$3.325,14)”; 24,2% de “1,5 salário mínimo (até R\$1.662,57)”; 18,2% de “de 3 a 4,5 salários mínimos (R\$3.325,15 a R\$4.987,71); 9,1% de “4,5 a 6 salários mínimos (R\$4.987,72 a R\$6.650,28) e 3% de “10 a 30 salários mínimos (R\$11.083,9 a R\$33.251,4)”.

Qual a renda total da sua família, incluindo seus rendimentos?

33 respostas



No questionário dos alunos e ex-alunos do Etim, quanto a quantidade de moradores que vivem ou viviam na residência incluindo o aluno durante o seu período de Ensino Médio, 9,1% dos alunos e ex-alunos responderam que em suas residências há/haviam de 1 a 2 pessoas; 69,7% de 3 a 4 pessoas e 21,3% de 5 a 6 pessoas. Já em relação a quantidade de pessoas de sua residência que são/eram economicamente ativos durante o Ensino Médio, incluindo o aluno, 36,4% disseram que há/havia 1 pessoa; 42,4% 2 pessoas; 15,2% 3 pessoas e 6,1% 4 pessoas. Em relação a quem compunha o núcleo de sua moradia, 93,9% dos alunos moram com a mãe; 66,7% moram com irmão(s); 57,6% moram com o pai; 15,2% avô e/ou avó; 9,1% padrasto ou madrasta e 6% outros. Por fim, quando questionado sobre o lugar onde eles moram/moravam durante o Ensino Médio, 72,7% disseram morar em um imóvel próprio; 18,2% imóvel alugado; 9,1% imóvel “cedido”.

No questionário dos alunos e ex-alunos do Regular, quanto a quantidade de moradores que vivem ou viviam na residência incluindo o aluno durante o seu período de Ensino Médio, 3% dos alunos e ex-alunos responderam que em suas residências há/haviam de 1 a 2 pessoas; 54,6% de 3 a 4 pessoas; 33,3% de 5 a 6 pessoas; 3% de 7 a 8 pessoas e 6% 9 a 10 pessoas. Já em relação a quantidade de pessoas de sua residência que são/eram economicamente ativos durante o Ensino Médio, incluindo o aluno, 39,4% disseram que há/havia 1 pessoa; 27,3% 2 pessoas; 15,2% 3 pessoas; 12,1% 4 pessoas e 6,1% 5 pessoas. Em relação a quem compunha o núcleo de

sua moradia, 81,8% dos alunos moram com a mãe; 72,7% moram com irmão(s); 72,7% moram com o pai; 21,2% avô e/ou avó; 9,1% padrasto ou madrasta e 9,1% outros. Por fim, quando questionado sobre o lugar onde eles moram/moravam durante o Ensino Médio, 69,7% disseram ser em um imóvel próprio; 21,2% imóvel alugado; 9,1% imóvel “cedido”.

Outra variável escolhida ao se explorar as questões socioeconômicas e familiares dos atuais e ex-alunos, foi quanto ao grau de escolaridade tanto da mãe quanto do pai. É importante levar em consideração tais características familiares dos alunos, uma vez que tanto a questão dos graus alcançados de escolaridade, quanto a estratificação educacional entre os familiares, são questões intergeracionais e que influenciam as questões de acesso e permanência à escola das crianças e jovens, conforme apresenta Demeterco (2009) em relação a questão das desigualdades de oportunidades extraescolares. Lahire (1997) também apresenta a importância da escolarização da família e transposição dos conhecimentos para os alunos, pois durante o período escolar estes alunos assimilam os conhecimentos adquiridos pela família para com os conteúdos escolares.

Em relação ao Etim, 3% das mães ou mulheres responsáveis pelos alunos não completaram a 4.^asérie/5.^oano; 9,1% completaram a 4.^a série/5.^o ano, mas não completaram a 8.^a série/9.^o ano; 6,1% completaram a 8.^asérie/9.^o, mas não completaram o Ensino Médio; 48,5% completaram o Ensino Médio, mas não completaram a faculdade; 12,1% completaram o ensino superior; 15,2% completaram a pós-graduação e 6,1% não sabem. Já em relação aos pais ou homens responsáveis pelos atuais e ex-alunos, 9,1% não completaram a 4.^a série/5.^o ano; 21,2% completaram a 8.^a série/9.^o ano, mas não completaram o Ensino Médio; 51,5% completaram o Ensino Médio, mas não completaram a faculdade; 15,2% completaram a faculdade e 3% não sabem.

Finalmente, em relação ao Regular, 3% das mães ou mulheres responsáveis pelos alunos não completaram a 4.^asérie/5.^oano; 12,1% completaram a 4.^a série/5.^o ano, mas não completaram a 8.^a série/9.^o ano; 15,2% completaram a 8.^asérie/9.^o, mas não completaram o Ensino Médio; 51,5% completaram o Ensino Médio, mas não completaram a faculdade; 12,1% completaram o ensino superior; 3% completaram a pós-graduação e 3% não sabem. Já em relação aos pais ou homens responsáveis pelos atuais e ex-alunos, 3% nunca estudaram; 6,1% não completaram a 4.^a série/5.^o ano; 18,2% completaram a 8.^a série/9.^o ano, mas não completaram o Ensino Médio;

39,4% completaram o Ensino Médio, mas não completaram a faculdade; 6,1% completaram a faculdade; 6,1% completaram a pós-graduação e 9,1% não sabem.

Retomando a teoria das Desigualdades de Oportunidade Educacionais, um dos pontos que se chegou a conclusão ao se analisar as teorias selecionadas, foi no tocante do grau de influência que as questões socioeconômicas têm para com as oportunidades educacionais; ao ponto de não serem suficientes para garantirem um desempenho escolar desejável os alunos, mas que garantem condições básicas de uma maior estabilidade das suas atividades escolares. Deste modo, é de se levar em consideração a diferença na renda das famílias entre os módulos, assim como em paralelo com o tamanho da família e os ativos economicamente; em que se têm uma renda média maior em relação aos atuais e ex-alunos do Etim, em relação ao Regular. Em relação a configuração familiar (Lahire, 1997), a presença do pai e/ou da mãe é bem parecida entre os módulos, de modo que há uma espécie de “compensação” da presença maior de um dos progenitores.

Educação

A educação é um tema chave para esta pesquisa, as perguntas iniciais buscaram entender a visão dos estudantes sobre essa temática, assim como suas avaliações, experiências e pretensões relacionadas à questão.

A fim de traçar desde o início da trajetória dos alunos, no questionário foram lhes perguntado sobre em qual tipo de escola os alunos estudaram no fundamental. No caso do Ensino Regular 87,9% vieram somente de escolas públicas; 9,1% estudaram em escola pública e em escola particular e 3% somente em escola particular. No Etim os números foram semelhantes, 84,8% dos alunos estudaram somente em escola pública; 9,1% somente em escola particular e 6,1% em escola pública e em escola particular.

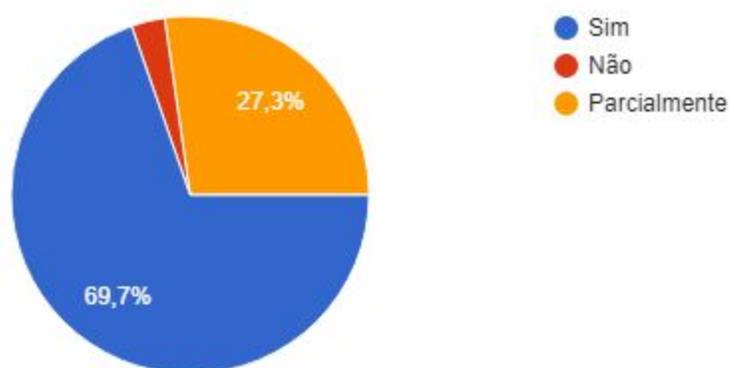
Dado o cenário do Ensino Médio brasileiro, em que a escola não faz sentido nem é interessante aos jovens, conforme as palavras da presidente do Inep Maria Inês Fini, há uma taxa de evasão elevada nos anos finais do ensino básico. De acordo com a divulgação feita pelo Inep em 2017, o Censo Escolar apresentou um aumento na taxa de evasão entre 2014 e 2015, e a maior taxa identificada foi vista entre os alunos matriculados na primeira série do EM com

12,7%; seguida por 12,1% de evasão dos matriculados na segunda série; 7,7% do nono ano e 6,7% dos matriculados na terceira série do ensino médio. Assim, dado a esta crise e descolamento da realidade da escola para com o aluno, no questionário os estudantes foram indagados sobre as suas motivações e vivências no Ensino Médio.

Inicialmente foi questionado aos alunos se a escola faz sentido para eles, conforme o primeiro gráfico abaixo, 69,7 do Ensino Regular respondeu% que sim, 27,3% que parcialmente e 3% que não. Em relação aos seus fluxos e as suas trajetórias, perguntou-se se já eles já haviam sido reprovados, 84,8% dos alunos e ex-alunos responderam que não e 15,2% sim; já se abandonaram a escola durante o período de aulas e ficaram fora da escola o resto do ano, 90,9% disseram que “Não”, 6,1% disseram que “Sim, uma vez” e 3% responderam que “Sim, duas vezes ou mais”.

A escola faz sentido para você?

33 respostas



Aos alunos do Regular, foram-lhes questionados também sobre qual é/foi a principal motivação de cada aluno para permanecer no Ensino Médio. As duas principais respostas demonstradas no seguinte gráfico apontaram em primeiro lugar “Ingressar na faculdade”, com 45,5%, e “Mercado de trabalho” com 24,2%. De forma semelhante, em seguida se perguntou a

respeito da prioridade que seria dada ao concluir o Ensino Médio, as duas principais respostas foram “Prestar vestibular e trabalhar” com 30,3% e “Trabalhar” com 21,2%.

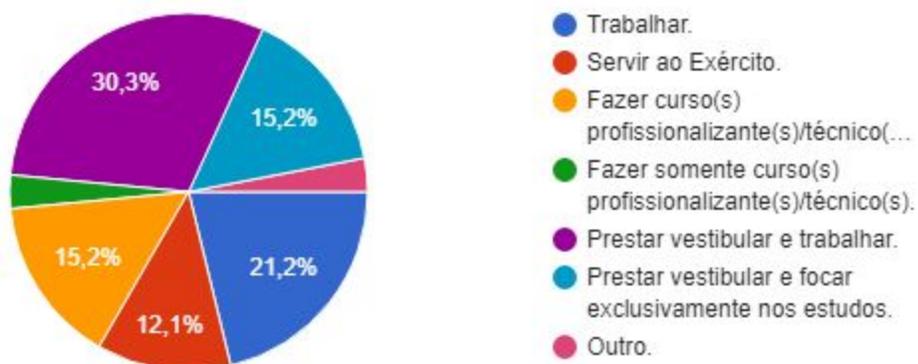
Qual é/foi a sua principal motivação para permanecer no Ensino Médio?

33 respostas



Qual é/foi a sua prioridade ao concluir o Ensino Médio?

33 respostas

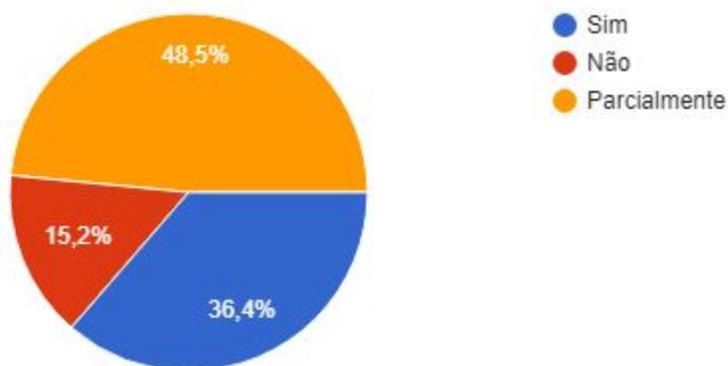


No caso dos alunos do Etim, a primeira diferença entre as respostas aparece na questão se a “escola faz sentido para você”, de forma distinta do visto nas respostas do modular, em que mais da metade respondeu que sim; para 48,5% dos alunos do Integrado a resposta foi

“Parcialmente”; 15,2% “Não” e 36,4% “Sim”. Quando perguntado se já haviam sido reprovados, 97% respondeu que “Não” e 3% que “Sim, duas vezes ou mais”; já se abandonaram a escola durante o período de aulas e ficaram fora da escola o resto do ano 97% responderam que “Não” e 3% “Sim, uma vez”.

A escola faz sentido para você?

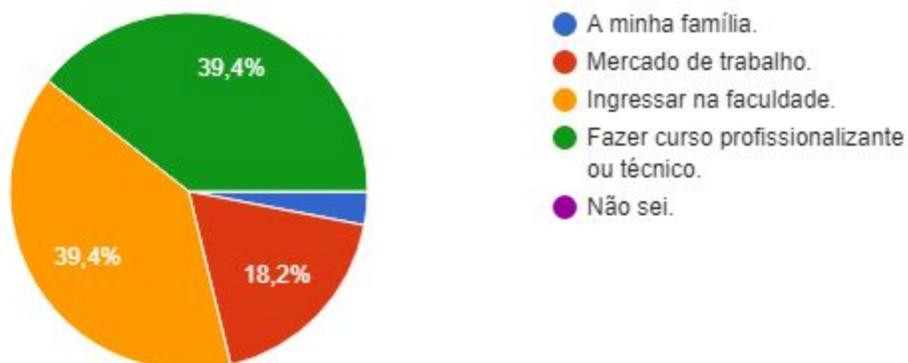
33 respostas



De semelhante modo, os alunos foram questionados também sobre qual é/foi a principal motivação para permanecer no Ensino Médio; “Fazer curso profissionalizante ou técnico” aparece de forma expressiva, tanto quanto “Ingressar na faculdade”. A opção “Mercado de trabalho” aparece em seguida com 18,2%. Quanto à prioridade ao terminar o EM, 54,5% responderam “Prestar vestibular e trabalhar”, 21,2% “prestar vestibular e focar exclusivamente nos estudos”, em seguida com 15,2% responderam “Trabalhar”.

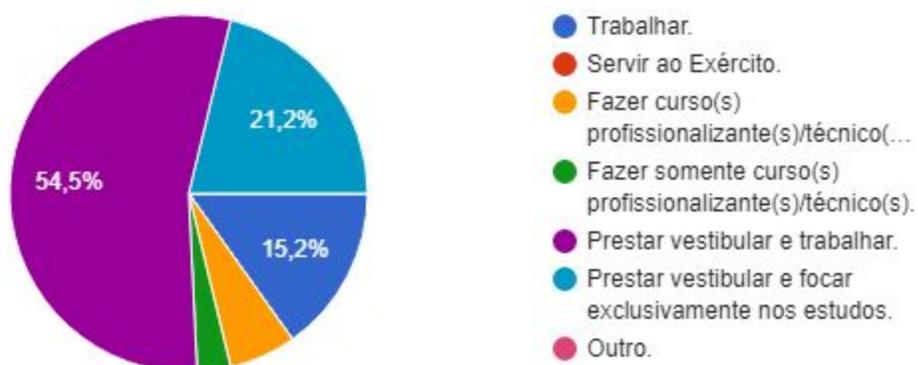
Qual é/foi a sua principal motivação para permanecer no Ensino Médio?

33 respostas



Qual é/foi a sua prioridade ao concluir o Ensino Médio?

33 respostas



Com estas respostas, é possível identificar um descompasso entre os retornos e visões apresentadas pelos professores e direção, para com o conteúdo respondido pelos atuais e ex-estudantes. Durante as questões e a abordagem sobre os alunos, de forma significativa, muitos professores retrataram em suas falas que os alunos do Ensino Regular não apresentam terem foco na formação acadêmica, tal como falta a eles perspectiva de futuro; mas ao se analisar as

respostas obtidas com o grupo entrevistado desta modalidade, o “Ensino Superior” aparece entre a maior parte delas, e até mais do que no Etim, quando comparada as respostas. No entanto, este número se fragmenta e distingue-se mais quando se trata da prioridade do aluno ao concluir o Ensino Médio. Essa distinção entre as respostas podem fazer uma relação entre o que se almeja e o que se pode alcançar, pelo menos de forma imediata. O fator socioeconômico pode ser uma hipótese de explicação desta diferença, assim como apoio e exemplo familiar, as estatísticas de gênero, o incentivo dos professores, além do ecossistema o qual os alunos estão inseridos. Um pequeno exemplo disso, é a abordagem da temática de vestibulares; a questão dos vestibulares aparecia nas turmas do Etim desde o primeiro ano, já no Regular, durante a visita de campo e nos questionários aplicados, praticamente não se foi falado sobre. Por fim, nota-se também uma outra diferença entre as respostas quanto a motivação para permanecer no Ensino Médio, que é o “fator família”, para o Regular 15,2% responderam “A minha família”, enquanto para o Ensino Integrado esse valor é de apenas 3%.

De forma muito semelhante, as respostas do Ensino Regular e Ensino Integrado quanto a questão de se os seus pais ou responsáveis os incentivavam a estudar, fazerem a tarefa e a não faltarem às aulas, foram em sua maioria positivas com 81,8% para os alunos ambas as modalidades; foi parcial para 12,2% dos alunos do Regular e 15,2% para Etim; e negativo para 6,1% do Regular e 3% Etim. A princípio, supunha-se que o grau de escolaridade dos pais e responsáveis dos alunos influenciariam de forma determinante o apoio desses e/ou a percepção dos alunos quanto a este ponto, todavia, apesar de haver um grau de escolaridade mais elevado entre os pais dos alunos do Vence, não foram significativos os seus impactos no apoio ao estudante. Mas este ponto será retomado ao se avaliar as trajetórias dos alunos egressos da escola.

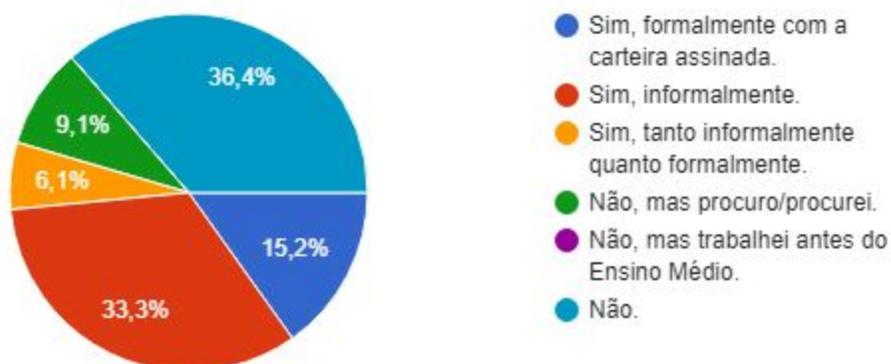
Duas variáveis utilizadas para ver a questão de incentivo e facilidade ao estudo, foram a relação ao ambiente de estudo que o aluno tinha fora de sua residência, e a questão do acesso à internet, sendo esta uma variável complementar também ao seu perfil econômico. 72,7% dos alunos do Regular responderam que possuem um lugar adequado para estudarem e 27,3% que disseram não ter. Já em relação à internet, 87,9% dos alunos responderam ter acesso a computador e internet, com capacidade suficiente para realizarem as atividades escolares, 9,1%

disseram não possuírem computador e apenas acesso à internet por meio de 3g; e 3% só tinham computador, mas sem acesso à internet. Relativo as respostas dos alunos e ex-alunos do Etim, 75,8% disseram ter um lugar adequado para estudar em suas residências e 24,2% disseram não ter. Já em relação a acesso à internet, todos os alunos tinham, sendo 81,8% os que tinham computador e capacidade suficiente para realizarem as atividades escolares; 12,1% que tinham computador, mas uma internet com baixa capacidade para realizarem as suas atividades escolares e 6,1% que não possuíam computador, apenas acesso à internet por meio de 3g.

Conforme os dados apresentados, a maioria de ambas as modalidades apresentaram ter um ambiente e ferramentas adequadas para os estudos. Entretanto, há outras questões que podem ser fatores que desestimulam, dificultam e atrapalham os estudos dos alunos; como terem que trabalhar de forma concomitante aos estudos. No questionário aplicado ao Regular, conforme o gráfico abaixo, 15,2% dos alunos afirmaram trabalharem/terem trabalhado com carteira assinada durante o EM; 33,3% trabalharam informalmente; 6,1% trabalharam das duas maneiras; 9,1% não trabalharam, mas procuraram; e 36,4% não trabalharam. Ao alunos que trabalharam, foram-lhes questionadas as finalidades, 52,6% disseram trabalhar/terem trabalhado para alcançarem a independência financeira; 21,1% para ajudarem nas despesas das suas casas e sustentarem as suas famílias; 15,8% para adquirirem experiência e 10,5% por outras finalidades. Para estes mesmos alunos, perguntou-se se o trabalho atrapalha ou atrapalhou os seus estudos, 68,4% disseram que não atrapalha/atrapalhou e 31,6% disseram atrapalhar/ter atrapalhado.

Você trabalha ou trabalhou durante o Ensino Médio?

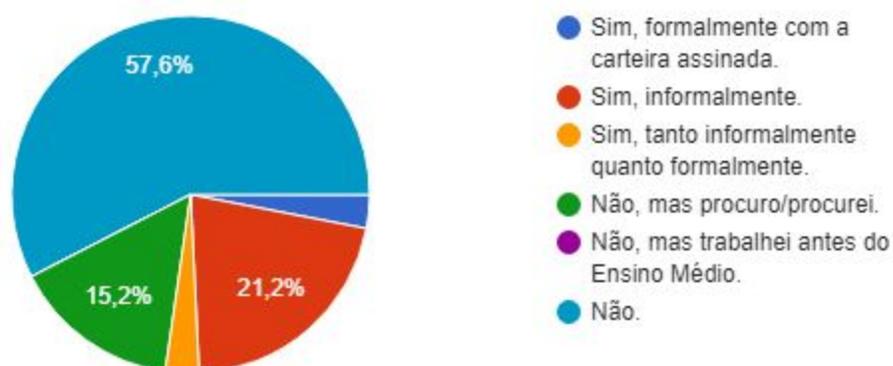
33 respostas



Em relação aos alunos do Etim, a princípio já têm um diferencial quanto aos demais, pois por fazerem parte do programa Vence eles estudam em período integral, assim torna-se quase impossível de trabalharem, pelo menos de forma informal. De todo modo, perguntou-se a eles se trabalham/trabalharam durante o EM, conforme o gráfico abaixo, 3% dos alunos afirmaram trabalhar/terem trabalhado com carteira assinada durante o EM; 21,2% trabalharam informalmente; 3% trabalharam das duas maneiras; 15,2% não trabalharam, mas procuraram; e 57,6% não trabalharam. Ao alunos que trabalharam, foram-lhes questionadas as finalidades, 45,5% disseram trabalhar/terem trabalhado para alcançarem a independência financeira; 9,1% para ajudarem nas despesas das suas casas e sustentarem as suas famílias; 27,3% para adquirirem experiência e 10,5% por outras finalidades. Para estes mesmos alunos, perguntou-se se o trabalho atrapalha ou atrapalhou os seus estudos, 80% disseram que não atrapalha/atrapalhou e 20% disseram atrapalhar/ter atrapalhado.

Você trabalha ou trabalhou durante o Ensino Médio?

33 respostas



Com base nestas últimas informações, é presumível supor que pela diferença entre 72,8% dos alunos do Etim não terem trabalhado, em decorrência dos 45,5% dos alunos do Regular que não trabalharam, pese no fluxo, desempenho acadêmico e nas condições desses darem procedência aos estudos, dado que devido ao grau de escolaridade destes aluno, os serviços os quais estão/estavam introduzidos deviam ser pouco qualificados, e uma especificidade que se tem em relação ao mercado de trabalho para o jovem é que a depender das condições os quais se submetem no início das suas “vidas profissionais”, como subcondições de serviço, falta de estabilidade e baixos retornos financeiros, tendem a transpassar para a vida profissional adulta, uma vez que a acumulação dessas experiências nessa fase inicial, permanece promovendo a manutenção das desigualdades e da pobreza (SOUZA et al., 2003).

Com o intuito de mapear as atividades que os alunos fazem/fizeram além da escola convencional, perguntou-lhes quanto a uma série de atividades complementares. As respostas do grupo do Regular em comparação com o Etim na primeira questão sobre atividades extraescolar permite-nos identificar que há diferenças menos e mais significativas entre eles. Em relação ao curso de língua estrangeira, curso de informática, curso profissionalizante e atividades esportivas, os resultados foram bem parecidos, havendo uma diferença média de 20% a mais para os alunos do Etim, a não ser para os cursos profissionalizantes. Já para atividades como curso preparatório para vestibular e atividades artísticas há uma diferença considerável, sendo

que 54,4% dos alunos do Etim fazem/fizeram estas atividades, em contraste a 24,4% dos alunos do Regular.

Já para mapear atividades culturais, perguntou-se aos módulos quais das atividades listadas foram realizadas por eles nos últimos três meses. As atividades como ler um livro; ir ao cinema; assistir uma peça de teatro e ir a um show/outro evento musical foram as respostas que mais convergiram; tanto para resultados mais altos como a média de 60% dos alunos que leram um livro, quanto para mais baixo em que apenas 5% dos alunos foram a um teatro. Já nas respostas mais distintas entre si, aparecem entre elas terem lido um livro de literatura clássica; visitarem um museu, amostra ou exposição; e irem a uma apresentação de dança; há uma diferença média aproximada de 20% a mais para o Etim na execução e participação dessas atividades.

Etec e Programa Vence

A partir deste bloco de questões, as perguntas entre os módulos passam a se diferenciar para alcançar as especificidades das experiências de cada um dos grupos, em relação a acesso à informação, como também de capacitação em relação ao programa disponibilizado na escola.

Como apresentado anteriormente, para estudar na Etec tanto nas suas sedes, quanto nas suas extensões é necessário passar por um vestibulinho que ocorre duas vezes ao ano. Esse vestibulinho em São José dos Campos é divulgado através de folhetos e banners em locais públicos e privados, em ônibus, nas escolas e cursinhos. Em São José dos Campos há uma gama de cursinhos preparatórios para vestibulinhos que são voltados para alunos que estão completando o nono ano e indo para o Ensino Médio. Nesses cursinhos, o foco principal da maioria é preparar os alunos para a prova do Colégio Embraer Juarez Wanderley⁵; mas para além deste vestibulinho, esses cursos capacitam para provas de bolsa e para o vestibulinho da Etec.

Assim, no início desse bloco de questões, buscou-se saber dos alunos do Vence sobre como eles ficaram sabendo da prova; e aos alunos do Regular, se ouviram falar deste Vestibulinho da Etec, caso tenha ouvido, de que forma souberam e se prestaram ou não a prova. Os principais meios de informação que os estudantes do Vence tiveram, foram através da

⁵ Colégio mantido pelo Instituto Embraer, o qual atende a alunos de baixa renda oriundos de escolas públicas.

indicação de amigos e familiares com 39,4%, seguida de na escola e no cursinho, ambos com 18,2%.

Em relação aos alunos do Regular, quando questionados se ouviram falar do Vestibulinho da Etec, 78,8% responderam que sim e 21,2% que não. Aos que ouviram, perguntou-lhes como que ficaram sabendo da prova, 46,4% disseram que ficaram sabendo mediante a escola, seguida de 21,4% através de cartazes e/ou folders e 17,9% através da indicação de amigos ou familiares. Destes alunos do Regular que ouviram falar do Vestibulinho, 53,6% não prestaram e 46,4% prestaram. Aos 53,6% que não prestaram, quando questionados sobre a motivação, 60% dos alunos responderam que não tinham interesse em fazer curso técnico; 13,3% por conta de não conseguirem trabalhar durante o ano letivo, dado que é integral; 13,3% não gostaram das opções de curso e os demais 12,14% devido a outros motivos.

Foram questionados aos alunos do Vence e aos alunos do Regular que prestaram o vestibulinho se haviam feito cursinho preparatório. Da parte do Vence, 48,5% disseram que não fizeram, 27,2% fizeram em uma instituição particular, 6,1% fizeram em um cursinho particular com bolsa e 18,2% fizeram em uma instituição popular. Dos alunos do Ensino Regular que prestaram o Vestibulinho, 90,9% disseram não terem feito cursinho e 9,1% fizeram em uma instituição particular. Aos alunos do Regular, também lhes foram questionados se apesar de não terem feito o técnico na Extensão do Macedo, eles cursavam algum curso técnico em outra escola; 57,6% dos alunos responderam que não; 27,3% responderam que sim, em outra instituição de ensino e 15,2% responderam que sim, pela Etec.

Quanto ao acesso à informação do Vestibulinho, os métodos que foram mais eficientes para o alcance dos alunos, foram a divulgação entre a rede de contatos e pela divulgação na escola. Também pode ser observado que grande parte dos alunos do Ensino Regular ficaram sabendo do Vestibulinho da Etec; assim os principais prognósticos para explicar o porquê a distinção de acesso à Etec (desconsiderando o fato de ser para o programa Vence ou não) é para os alunos que não quiseram prestar a prova, a questão do interesse destes jovens aos cursos técnicos oferecidos; e para os estudantes que prestaram o Vestibulinho, levantou-se a hipótese de ser a questão do acesso desses alunos a preparação, através principalmente de cursinhos preparatórios.

Em relação ao programa Vence e a sua imagem, foi questionado aos alunos do Regular se os mesmos conheciam este programa; 81,8% dos alunos disseram não conhecer e 18,2% disseram conhecer. Destes que o conheciam, quando questionados sobre o que sabiam sobre o ele, parte o descreveu como sendo um programa do governo que oferece ensinamentos técnicos gratuitos junto ao ensino médio. E outra parte o avaliou como sendo “muito bom”, ou ainda que “só de ouviu falar”. É interessante analisar que o nome do programa não é apenas mal difundido externamente, mas internamente na escola também. Previamente ao se aplicar o questionário aos alunos e aos professores, durante a primeira visita de campo, notou-se que o nome do programa não é recorrentemente utilizado, assim, para analisar se de fato era ou não divulgado sobre as salas de Etim na escola, foi também perguntado ao regular se eles sabiam que tinham “salas da Etec” na escola quando se matricularam; 54,5% dos alunos responderam que não sabiam e 45,5% responderam que sabiam. Quando perguntou aos atuais e ex-alunos do Regular o que sabiam sobre estas salas, 30,3% dos alunos responderam que não sabiam nada sobre as salas da Etec; alguns estudantes alegaram que não sabiam muita coisa por conta dos módulos serem bem divididos; os demais responderam de modo geral que são salas de aula iguais ao do Macedo, mas que os alunos estudam em período integral e cursam o técnico no período da tarde.

Para os alunos do Etim, a imagem do programa Vence também é nebulosa; quando questionados se sabiam ou foram avisados que ao se inscreverem no vestibulinho da Etec para a Extensão do Macedo, eles iriam participar do programa Vence, 69,7% responderam que não e 30,3% responderam que sim. Em seguida, quando lhes foram perguntado se sabiam sobre o que se tratava este programa, 42,42% responderam que não sabiam nada sobre o programa; parte respondeu que é o Ensino Técnico junto ao Ensino Médio; outros que é um programa do governo com o Centro Paula Souza/Etec. É interessante notar que apesar de grande parte dos que responderam serem alunos já formados, ou seja, alunos que passaram três anos nesse programa, uma parte muito significativa não sabia o que ele era, nem o que se tratava.

Relacionamentos e Escola

O relacionamento construído entre a instituição, seus agentes e o aluno, apresentou, nos seguintes relatos dos estudantes e ex-estudantes, ser um dos fatores fundamentais para pautar o

envolvimento, a motivação e o empenho do mesmo para os assuntos da escola, como para se tender para as demais questões envolvendo a permanência e a continuidade no estudo. Assim, parte deste bloco de questões aplicadas para os atuais e ex-alunos tanto do Etim quanto do Regular, buscaram levantar as avaliações dos estudantes sobre o seus relacionamentos com o corpo da escola e as suas vivências e experiências.

Entre as primeiras questões introduzindo o assunto para o módulo Integrado, foi-lhes perguntado por quais motivos eles escolheram estudar na Extensão do Vieira Macedo; as duas principais motivações vistas em suas respostas foi quanto a localização, como também por conta de oferecer o curso técnico integrado e ser única unidade a qual ministra o curso de marketing nesta modalidade. Nota-se que a questão da localização, naturalmente ao se olhar para o tempo de deslocamento que estes alunos levam/levavam, não seria a princípio uma hipótese levantada, mas ao se analisar mais cuidadosamente e olhar para as outras unidades que oferecem e ofereciam ou o Etim ou o Técnico, nota-se que ficavam em regiões mais complicadas a depender do bairro em que o aluno reside na cidade e também eram menos servidas de transportes públicos, fator importante dado que 81,8% dos alunos utilizam o ônibus para ir à escola.

Do lado dos alunos do Ensino Regular, as maiores motivações alegadas por eles para irem estudar no Macedo, foi por conta também da localização da escola ser mais próxima de suas residências; e por ser a melhor opção acessível dentro do leque de escolas públicas disponíveis para estes alunos. Uma minoria respondeu que foram transferidos automaticamente do fundamental para lá, outros apresentaram que também não foi por escolha deles, mas sim por terceiros. É interessante destacar dois principais pontos quando comparadas essas respostas com as do parágrafo anterior; a primeira questão é o fato de a qualidade da escola não ter sido citada entre os alunos do Etim. E o outro ponto está relacionado que os alunos do Vence de certo modo, tiveram a possibilidade de escolha e optaram pelo Vieira Macedo, diferente do apresentado por parte do Regular; essa questão é importante ao se analisar os rendimentos, a motivação e o comprometimento dos módulos para com a escola, além de o grande fato desses alunos serem selecionados por vestibulinho, que acaba por “captar” alunos com um perfil mais característico.

Em sequência das questões, perguntou-se aos alunos do Etim sobre o quanto se sentiam integrados e parte da escola, 15,2% classificaram o seu nível de pertencimentos com a escola

como ruim ou muito ruim, 30,3% classificaram como regular, 27,3% como bom e 27,3% como muito bom. Quando avaliada essa relação de forma segmentada, é possível identificar que há uma experiência majoritariamente positiva, que se manifesta nas relações com os principais atores da instituição, que foram os professores, os quais os alunos classificaram a sua relação com eles como muito boa com 27,3%, boa com 57,6% e regular com 15,2%. Em relação com os funcionários da escola, 27,3% dos alunos classificaram essa relação como muito boa, 45,5% como boa, 24,2% Regular e 3% como péssima. Já quanto a relação dessa modalidade com a direção e coordenação da escola o quadro se transforma, sendo 12,1% como muito boa, 42,4% como boa, 21,2% como regular e 24,2% como péssima. E por fim, uma avaliação adicional, que não serve de modo a comparar com o Ensino Regular, mas que é útil ao se avaliar a experiência desses alunos do Vence, é a relação deles com a coordenação da Etec presente na escola, 33,3% a classificaram como muito boa, 45,5% como boa, 18,2% como regular e 3% como péssima.

Já dos alunos do Regular, 9,1% classificaram o seu nível de pertencimentos com a escola como ruim ou muito ruim, 36,4% como regular; 18,2% como bom e 36,4% como muito bom. De forma segmentada, a começar pelos professores os alunos classificaram a suas relações com eles de forma que 18,2% disse ser muito boa, 45,5% boa, 33,3% regular e 3% péssima. Quanto com os funcionários 42,4% disseram ser uma relação muito boa, 54,5% boa e 3% regular. Finalmente em relação com a diretoria e a coordenação 12,1% disseram ser muito boa, 60,6% disseram ser boa, 21,2% regular e 6,1% péssima.

É interessante observar que entre os questionários dos módulos há uma diferenciação nas respostas, de certo modo até contrassensual, uma vez que ao analisar as respostas das entrevistas feitas com as gestoras, por exemplo, supõe que a relação da direção com os alunos do Vence é mais harmônica, se não, tão boa quanto a relação estabelecida com o Regular; mas conforme as respostas nos questionários isso não pode ser identificado. Quando tratado sobre esta questão com alguns alunos por fora do questionário, no tocante da motivação destes retornos “negativos” do Vence para a direção da escola, alguns ex-alunos atribuíram a uma série de conflitos que ocorreram principalmente na escola em 2016 durante a troca de gestão da equipe diretiva da escola, entre a direção provisória, o grêmio e os alunos do Vence. Entre a relação com os funcionários do Macedo, a avaliação feita pelo Vence também foi mais negativa, já para essa

diferença, atribuiu-se ao fato de os alunos estudarem em tempo integral e passarem mais tempo na escola e terem mais contato com eles, assim como também por conta de o módulo ter um fluxo maior dentro da escola, dado que há mais intervalados e também o horário de almoço, o qual os alunos podem deixar a escola e retornarem para a hora do técnico. Segundo os relatos dos alunos, muitos AOE's são bem mais taxativos com o Vence em relação aos horários e a circulação pela escola, do que com o Regular. Já a relação entre os professores e alunos dos dois módulos aparentou ser mais equilibrada, sendo o primeiro resultado o qual o Etim avaliou melhor a sua relação, do que o Regular; esse retorno possibilitou uma maior confluência entre os relatos dos professores anteriormente apresentados e com estes dos alunos.

Já para avaliar o relacionamento entre os módulos, segundo a perspectiva dos alunos do Etim, foi feita uma questão aberta perguntando a eles sobre as suas relações com o Ensino Regular; contudo, a questão sofreu uma ambiguidade na interpretação pelos alunos, os quais entenderam o “Ensino Regular do Macedo” como sendo a parte do Ensino Médio do Etim. Assim, parte das respostas foram desconsideradas. Já a parte que entendeu como se tratando do relacionamento deles para com os alunos do Regular, as suas falas se dividiram em diferentes narrativas, o primeiro grupo de respostas dos alunos classificaram a relação entre eles e o Regular como boa, mas que poderia ser/ter sido melhor, muitos atribuíram isso a falta de momentos de interação entre eles. Já outros alunos a definiram como não muito boa, principalmente os alunos das primeiras turmas, pois disseram que a recepção dos alunos do Etim não foi positiva, visto que muitos estudantes não entendiam a propostas das novas turmas na escola; como havia também competitividade entre eles e conflitos por conta dos alunos do Etim receberem privilégios e tratamentos diferenciados da escola. Uma minoria por fim, definiu a relação entre eles como sendo muito boa e que se davam bem.

Em relação a visão dos alunos do Regular sobre o relacionamento deles com os alunos do Etim, ou como conhecidos “Etec”, foi bem fragmentada. Uma parcela dos alunos do Regular avaliaram a relação entre os módulos como “boa” ou “normal”, mas não vieram a detalhar muito essa relação. Outro grupo de alunos fez uma avaliação mais negativa desse relacionamento, apontando principalmente a questão da rivalidade entre os módulos, e que de ambas as partes haviam alunos que não tratavam bem o outro grupo. Já uma outra pequena parcela de alunos,

disseram não ser possível avaliar a relação entre eles, pois disseram que não tiveram/têm contato ou relação suficiente com os alunos do outro módulo. Por fim, outro conjunto de alunos definiram a relação como “muito boa”, citando que fizeram amizades com os alunos do Etim; alguns alunos do Regular disseram que essa interação foi possível devido a atividades feitas em conjunto, como por exemplo, aulas de inglês no Centro de Línguas da escola. Essa observação é interessante pois apresenta um modelo de como que poderia tanto construir uma relação entre os jovens, como melhorá-la, a partir das oportunidades de atividades onde os alunos possam interagir. Uma observação adicional sobre a interação entre os módulos da escola, foi que durante a visita de campo feita durante a pesquisa, os alunos estavam se preparando para as festividades Juninas e notou-se que estavam ensaiando uma apresentação conjunta; o que poderia passar apenas como uma atividade corriqueira em uma escola, pareceu ser muito positiva, uma vez que o que se tinha de informação até então, era que havia ocorrido durante esses anos apenas atividades e projetos os quais as salas competiam entre si, as quais estimulavam uma rivalidade não muito positiva; principalmente dado as especificidades da escola, em que não apenas ocorre rivalidade entre os módulos de ensino, como também ocorre entre as salas do Etim; elas se dividem entre três anos de Etim de Administração e três anos de Etim de Marketing, os quais apesar de estarem dentro do mesmo programa, desenvolveram com o passar dos anos rivalidades entre si.

Retornando ao questionário e buscando explorar mais a visão entre os alunos, perguntou aos alunos e ex-alunos do Vence se eles acreditam que há diferenças entre eles e o Regular, e se sim, quais diferenças. Apenas 18,18% dos alunos disseram que não acreditam que haja diferenças, já os demais responderam que acreditam e apresentaram diferentes justificativas. Parte descreveu estas diferenças no sentido de o Integrado ter maior dedicação com os estudos, melhor desempenho, mais disciplina e preocupação com o futuro. Outra parcela de alunos que acreditam que os módulos não são iguais, se referiram ao tratamento recebido pela escola, tanto no sentido de maior cobrança, como de maior cuidado e atenção. Já uma minoria respondeu afirmando que há diferenças de classes sociais e nas palavras de um aluno, “Os alunos da etec possuem maior acesso a cultura durante a vida”. Como já abordado pelos estudantes na questão anterior, quando questionados sobre se os alunos do Regular são tratados de maneiras desiguais

pelos professores, funcionários e pela direção; apenas 8% dos alunos discordaram, enquanto os demais concordaram, citando exemplos de tratamento diferenciados, como também de uma expectativa maior da parte dos professores.

Sim, os alunos da Etec em sua grande maioria eram mais preparados e tinha maior acompanhamento dos familiares referente aos estudos, enquanto os alunos do ensino regular em sua grande maioria tinha que conciliar estudo e trabalho. (Aluno Anônimo, 2018).

Já a relação das respostas dos alunos do Regular foi bem diferente, em que 66,66% dos alunos discordaram e acham que não há diferenças entre os alunos. A parcela dos demais alunos que concordaram que há diferenciações, apresentaram relatos e como se sentiam em relação a esse tratamento. Quando analisadas as atribuições feitas pelos próprios alunos dessas diferenças, apareceram motivações bem distintas, partindo de questões desde como os alunos se vestiam; a situação socioeconômica dos alunos; a presença de uma “rivalidade” aflorada tanto devido ao comportamento de “superioridade” da parte do Etim, como desenvolvida pelas atitudes dos professores, os quais segundos os alunos, eles forneciam regalias e um tratamento diferenciado para eles, como possível ser identificado na seguinte fala de um aluno não identificado: “Sim, os da Etec são mais ouvidos e têm privilégios. A própria diretoria afirmou diversas vezes que os alunos da Etec são melhores”. Já outros alunos, interpretaram a questão como se questionando se há diferenças curriculares e de organização, isto é, apresentaram que há diferenças no sentido de carga horária, horários de saídas, e até mesmo que no primeiro ano do programa, nas “turmas piloto” o horário de intervalo dos módulos era separado, o que dificultava ainda mais a integração das partes.

“Eu estudei um ano no Macedo e três na Etec. E como aluno do Macedo percebi que os professores não tem o mesmo interesse de ensinar os alunos do Macedo como tem com os alunos da Etec. Muitas aulas são preparadas apenas para a Etec. É o mesmo conteúdo, de fato, mas a forma que é apresentada é totalmente diferente.” (Aluno Anônimo, 2018).

Complementando a questão anterior, perguntou-se aos alunos se eles achavam que o Regular e a Etec eram tratados de maneiras desiguais pelos professores, funcionários e pela direção. Nessa abordagem, somente 17,39% dos alunos do Regular disseram que não acham o tratamento desigual, já os demais alunos citaram que principalmente os professores faziam essa distinção entre eles.

Depois de explorados os relatos que mostram as desavenças existentes nestes anos de programa, buscou-se sondar as experiências e como os estudantes se sentem/sentiam como alunos do Vence; visando não em si pegar as vivências unicamente pessoais, mas as narrativas que confluíam para grupos de perspectivas semelhantes. Os três tipos de respostas que mais apareceram, foram os alunos que gostaram da experiência, aprenderam muito nos três anos com os projetos e a rotina, mas acharam que o ensino em si, deixou a desejar. Houveram os alunos que se sentiram privilegiados, tanto pelo Ensino Médio quanto pelo Técnico. E já houveram aqueles que sentiram que foi muito cansativo e muita pressão para pouco resultado. Em meio as falas, mais uma vez as questões dos “privilégios” dos alunos do Etim apareceram, como os conflitos com o Regular. Um ponto que apareceu também foi a questão do ambiente da escola, quanto a sua infraestrutura ser precária e faltar alguns recursos materiais, como também o problema que assola grande parte das escolas brasileiras, que é tanto a falta e a ausência de professores, como a baixa qualificação e capacitação dos presentes.

Com o mesmo intuito, foi aplicada uma questão igual para os alunos e ex-alunos do Regular. Os alunos responderam de forma mais concisa, mas que puderam ser divididas também em três tipos de respostas. O primeiro tipo é em relação aos alunos que disseram que foi uma experiência ou muito boa ou boa, e que gostaram. O outro grupo de respostas, apresentaram que uma parte dos alunos disse que foi uma experiência boa ou “parcialmente boa”, mas uns sentiram que o ensino foi fraco e deixou a desejar e outros se sentiram deixados de lado pela escola. Por fim, o último grupo de alunos, responderam que não se sentem/sentiam bem, se sentem/sentiam excluídos e rejeitados pela escola, assim como pressionados, desvalorizados e não ouvidos.

No começo me senti um pouco inferior, parecia que não importasse o que eu fizesse na escola não teria reconhecimento. Tinha momentos que éramos invisíveis ao olhos de alguns professores. Isso tira a desmotivação da grande maioria, não foi atoa que muitos foram desistindo no caminho. Depois me acostumei a essa situação, mostrei meu melhor independente de ser considerada ou não, até porque eu que vou correr atrás dos meus sonhos. (Aluno Anônimo, 2018).

Por fim, perguntou-se aos grupos de alunos o que eles acham que poderia ser feito para melhorar o ambiente e os relacionamentos de uma escola que tem turmas de Ensino Médio Regular e turmas de Ensino Técnico Integrado ao Médio. Os alunos tanto do Etim, quanto do Regular apontaram que em primeiro lugar deveriam haver atividades (projetos, dinâmicas,

atividades “escolares” e “extracurriculares”) desde o início do programa; não separar as salas em corredores diferentes; misturar as turmas; ter o mesmo uniforme; conscientizar os professores e escola no geral para que não haja tratamento diferenciado, estereótipos, nem comparações.

Ex-alunos e Ex-alunas

Dos trinta e três entrevistados, 72,7% são ex-alunos do Etim da Extensão do José Vieira Macedo. E dos trinta e três entrevistados do Ensino Regular, 63,6% são ex-aluno. Conforme os objetivos desta pesquisa apresentados no início do texto, um dos propósitos da referida pesquisa é de analisar as trajetórias desses grupos de ex-alunos entrevistados.

Ex-alunos Etim

A começar pelos ex-alunos do Etim, 100% finalizaram o Ensino Médio, sendo apenas 4,2% (um aluno) que completou em outra escola por questões de saúde. No caso do Etim, procurou-se saber também sobre a influência do curso técnico para a sua formação e trajetória. Conforme o questionário, 54,2% dos alunos não atuam diretamente com a área de formação do técnico, sendo 12,5% que seguiram a área do técnico e 33,3% que seguiram a área do técnico tanto nos estudos, quanto no trabalho.

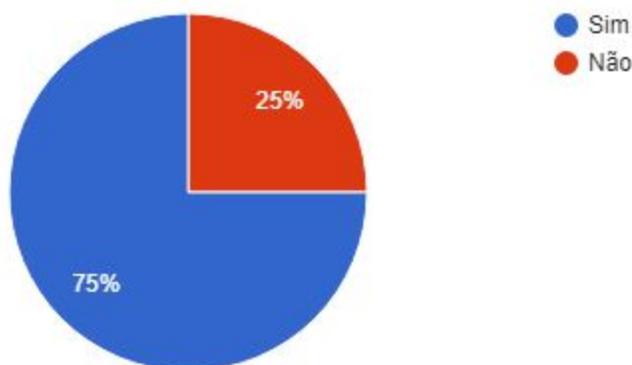
Quando questionados sobre se o curso técnico os ajudaram no mercado de trabalho, 50% dos alunos disseram que sim, enquanto 33,33% disseram que não, ao passo que 16,7% não sabem. Perguntaram-lhes também o quanto que o Ensino Técnico foi útil para eles depois de formados, para 50% dos alunos o Técnico não foi útil ou foi pouco útil.

Quanto as atividades que os ex-alunos atualmente realizam ou já realizaram, 45,8% disseram terem feito ou fazerem curso profissionalizante; 8,3% fizeram/fazem outro curso técnico além do realizado no Etim; 12,5% Tecnólogo; 12,5% Licenciatura; 50% dos alunos Bacharelado; 20,8% trabalham/trabalham informalmente; 16,7% realizam/realizaram um trabalho autônomo ou em um estabelecimento familiar; 54,2% trabalharam/trabalham formalmente; 4,2% servem/serviram o Serviço Militar; 4,2% são funcionários públicos e 4,2% outros.

De forma simplificada, foi perguntado se o aluno fez ou faz ensino superior, conforme o gráfico demonstra, 75% dos ex-alunos do Etim disseram fazer ou terem feito, enquanto 25% não fazem. Desses 25% que não ingressaram no Ensino Superior, quando questionados quais os principais motivos de não terem engajado no ensino superior 33,3% disseram não ser importante para a área deles de atuação; 16,7% não têm interesse; 33,3% ainda não foram aprovados, mas continuam tentando; 33,4% por questões financeira e prioridades e 16,7% por conta de intercâmbio.

Você fez/faz ensino superior?

24 respostas



Em relação aos 75% dos alunos que fazem ou fizeram Ensino Superior, lhes foram questionado sobre os seus caminhos até chegarem aos seus respectivos cursos, a instituição de ensino, modalidade de pagamento entre outros desdobramentos desse tema que será abordado a seguir.

Dos ex-alunos do Etim, 50% não fizeram cursinho; 33,3% fizeram cursinho popular, 5,6% fizeram particular; 5,6% fizeram com bolsa e 5,6% fizeram cursinho popular e com bolsa. A média de tempo que levaram da conclusão até o ingresso à faculdade foi de 61,1% que entraram assim que se formaram; 27,8% que levaram um ano para entrar e 11,1% que levaram dois anos para entrar.

66,7% dos ex-alunos do Etim estudam/estudaram em instituições de ensino privadas, enquanto 33,3% estudam/estudaram em instituições públicas. Em relação a modalidade de

pagamento 33,33% têm a mensalidade gratuita, dado que estudam em universidades públicas; 16% pagam integralmente a mensalidade; 5,6% têm bolsa de estudos parcial e 44,44% dos alunos recebem bolsa de estudos integral. Destes alunos, 61,1% não participam nem do ProUni, nem do Fies; e 38,9% recebem bolsa do ProUni.

Entre os cursos dos alunos estão Comunicação Social, Logística, Engenharia de Produção, Psicologia, Ciências da Computação, Letras, História, Pedagogia, Ciências Contábeis, Arquitetura e Urbanismo e Medicina. Quando indagados sobre as principais motivações para a escolha do curso, 77,8% escolheram por realização pessoal; 44,4% pelo mercado de trabalho; 11% retorno financeiro; 11% prestígio social e 16,7% outros.

Ex-alunos Regular

Em relação aos ex-alunos do Ensino Regular, 100% dos que responderam ao questionário finalizaram o Ensino Médio, sendo que 19% o completou em outras escolas; entre os motivos de não terem completado no Macedo, estão a falta de sentido na escola, desmotivação e questões de saúde. No caso dos ex-alunos, 38% estavam na escola antes da implementação do programa Vence, desta forma, buscou-se explorar sobre este período e entender como foi do ponto de vista dos alunos a entrada das turmas da Etec. Entre as respostas dos alunos, observou-se que o clima inicial não foi pacífico, além de os alunos ficarem bem segregados, houveram relatos de brigas e violência física, cartazes escrito “Vaza Etec”, vaias para os alunos do Etim. Em relação a comunicação da direção para com os alunos que já estavam na escola, foi tida como muito superficial, ao ponto que alguns responderam que não houve comunicação, enquanto os demais responderam que chegaram a serem avisados, mas sem muitos detalhes. Para os alunos, os pontos positivos foi que com as novas turmas, surgiram novos projetos, mais diversidade, pessoas com outras perspectivas, mais focos acadêmicos, entre outras influências positivas nos estudos. Em relação aos pontos negativos, foram os pontos já citados anteriormente, como o favoritismo da direção e dos professores, comparações e rixas.

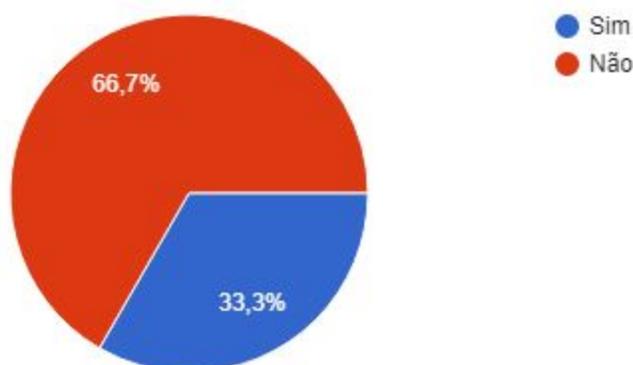
Quanto ao curso seguido pelos ex-alunos do Ensino Regular, entre as atividades que estes atualmente realizam ou já realizaram, 4,8% fazem supletivo/ EJA, 28,6% disseram terem feito ou fazerem curso profissionalizante; 47,6% fizeram/fazem Ensino Técnico; 4,8% Licenciatura; 19%

Bacharelado; 19% trabalham/trabalham informalmente; 14,3% trabalham/trabalharam autônomos ou em um estabelecimento familiar; 52,4% trabalharam/trabalham formalmente; 9,5% servem/serviram o Serviço Militar e 4,8% outros.

De forma mais simplificada, se perguntou também aos ex-alunos se eles fazem ou fizeram Ensino Superior; conforme o gráfico demonstra, 66,7% dos ex-alunos do Regular disseram não fazer/terem feito e 33,3% fazem ou já fizeram. Desses 66,7% que não ingressaram no Ensino Superior, quando questionados quais os principais motivos de não terem engajado, 20% disseram não ser necessário para a área de atuação; 10% não foram aprovados e não prestaram novamente; 30% ainda não foram aprovados, mas continuam tentando; 20% por questões financeiras; 20% conconta do trabalho e 20% por outros motivos.

Você fez/faz ensino superior?

21 respostas



Em relação aos 33,3% dos alunos que fazem ou fizeram Ensino Superior, lhes foram questionado sobre os seus caminhos até chegarem aos seus respectivos cursos, a instituição de ensino, modalidade de pagamento entre outros desdobramentos desse tema que será abordado a seguir.

Dos ex-alunos do Regular, 57,1% não fizeram cursinho; 28,6% fizeram cursinho popular e 14,3% fizeram particular. A média de tempo que levaram da conclusão do EM até o ingresso à faculdade foi de 42,9% os que entraram assim que se formaram; 14,3% que levaram um ano para entrar; 14,3% que levaram dois anos para entrar e 28,6% os que levaram quatro anos ou mais para entrarem.

85,7% dos ex-alunos do Regular estudam/estudaram em instituições de ensino privadas, enquanto 14,3% estudam/estudaram em instituições públicas. Em relação a modalidade de pagamento 14,3% têm a mensalidade gratuita, dado que estudam em universidades públicas; 14,3% pagam integralmente a mensalidade; 14,3% têm bolsa de estudos parcial e 42,9% dos alunos recebem bolsa de estudos integral. Destes alunos, 42,9% não participam nem do ProUni, nem do Fies; 28,6% recebem financiamento do Fies e 28,6% recebem bolsa do ProUni.

Entre os cursos dos alunos estão Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Ciências Contábeis, Nutrição, Fisioterapia e Administração. Quando indagados sobre as principais motivações para a escolha do curso, 71,4% escolheram por realização pessoal; 57,1% pelo mercado de trabalho; 42,9% retorno financeiro; 28,6% prestígio social e 14,3% outros.

Conclusão

A partir destes resultados obtidos, foi possível identificar que um programa estadual com a magnitude e complexidade como o Vence, durante a sua formulação e planejamento, indubitavelmente deveria incluir no levantamento de riscos e desafios para a sua implementação, o processo de introdução do programa Vence nas escolas participantes; com o foco não apenas na questão da gestão compartilhada entre escola estadual e classe descentralizada da Etec, como já feito através de material e ações formativas, mas deveria se centrar também na questão da preparação dos professores e profissionais da escola que recebem essas turmas de Ensino Técnico Integrado ao Médio, como igualmente desenvolver um procedimento de informação e adaptação dos alunos do Ensino Regular destas escolas. Para esse processo de adaptação, algumas recomendações serão apresentadas, baseadas nos dados e resultados da pesquisa com a comunidade escolar ao longo do projeto.

No tocante dos professores, funcionários e equipe diretiva, as ações que se apresentaram imediatas tanto para as escolas que irão receber o Vence, como para as escolas que já o receberam, é na questão da postura a se adotar para os alunos do programa e para os alunos do Ensino Regular. Essencialmente não deveriam haver distinção entre os módulos, dado o modelo adotado no convênio do programa, em que o Ensino Médio é igual para ambos os módulos,

sendo desde a questão dos professores, do material e basicamente do currículo (apesar de oficialmente haver pequenas diferenças para algumas matérias, tal como para a carga horária). Contudo, como os alunos do Vence passam por um processo seletivo, o Vestibulinho da Etec, há uma tendência a esses alunos terem uma base igual mínima de conhecimento, tal como um perfil médio parecido, neste caso, não pautado essencialmente pelo Vestibulinho, mas pela opção do curso técnico da Etec escolhido pelos alunos no programa. Que na experiência com o Macedo, alunos das turmas dos cursos de Técnico em Administração e do Técnico em Marketing apresentavam claramente um perfil médio parecido e constante, logo diferentes entre eles; e essa questão não foi somente constatada de forma empírica, como também alegada pela escola e pelos alunos dos mais diversos anos. Outro fator que deve ser levado em consideração para definir como serão selecionados os métodos de abordagem com os alunos, é o perfil médio dos estudantes da modalidade Regular. Esse perfil, pode vir a variar de acordo com o município e o bairro a qual a escola está inserida, assim como as escolas fundamentais da região, entre outras variáveis que influenciam no tipo do aluno.

Após delimitado o perfil destes alunos, é recomendado que explore e planeje abordagens que façam sentido e sejam mais efetivas para cada um destes grupos; com a finalidade de que não prejudique a “experiência” de ambas as modalidades e não haja uma “equidade formal” no tratamento dos professores com os módulos. Isto é, usando como exemplo o caso do Macedo, se os professores partirem do nível do rendimento dos alunos do Etim, os quais estudam em período integral, a maioria não trabalha, o perfil de interesse em estar na escola é maior, tiveram minimamente uma bagagem básica garantida pelo processo seletivo, têm pais com uma escolaridade maior, entre outras características que possibilitam que estes alunos se dediquem mais as atividades da escola; os docentes “perderão” os alunos do Regular, pois de forma global generalizado-os com base nos levantamentos das pesquisas, esses alunos do regular que tem um perfil que contrasta com a do Etim, sejam por iniciarem mais cedo no Mercado de Trabalho e terem um tempo médio na escola menor que os do Vence, por exemplo, acabam que terão mais dificuldades e/ou serão excluídos do processo educacional do EM; e acabará que a escola atual continuará a não fazer sentido e a conversar com os alunos. E caso se professores adotarem uma postura contrária, em que eles não sigam o nível médio dos alunos do Etim, mas sim do perfil

dos alunos do Regular especificamente do Macedo, a experiência destes alunos também não será positiva, pois não terão motivação para se engajarem nos conteúdos que escola passará, nem ela complementar e fará o seu papel para a educação desses estudantes; que no caso é/era o que se ocorria no Vieira Macedo, e os alunos do Vence acabavam por procurar um respaldo no CASD Vestibulares (Cursinho Popular do ITA) para as suas demandas para os vestibulares, por exemplo. E isso acabava por frustrar esses alunos, e apesar da experiência do todo da escola ter sido avaliada como positiva por grande parte dos estudantes, a questão do Ensino Médio foi frustrante para eles.

É de considerar que apesar de receber o programa Vence, estas escolas ainda estão inseridas no contexto das escolas estaduais de São Paulo; e isso traz consigo, os seus problemas estruturais, como a falta de recursos complementares para a execução das aulas, como material, laboratório, internet com qualidade, etc; além da falta e alto absenteísmo de professores; professores mal qualificados; entre outras mazelas que são problemas estruturais envolvidos no sistema, que claramente não são fáceis de se lidar, e nem o objetivo desta pesquisa. Com isso, se a recomendação à princípio fosse para selecionarem as escolas melhores para participar do programa Vence, dado que lidariam melhor com esses alunos de “maior nível”; o que estaria sendo propondo, seria a manutenção das desigualdades educacionais, não dentro da escola como buscou-se analisar neste estudo de caso, mas entre o todo das escolas estaduais. Pois as melhores continuariam a receber bons alunos e serem boas, e as mais fracas por sua vez, continuariam do mesmo modo, ruins; o qual se perderia aí a oportunidade de estes alunos do Vence, com um perfil diferenciado, influenciar para melhor as escolas antes não tão boas. E isso foi visto no caso do Macedo, entre os comentários dos alunos do Regular que estavam antes da implementação do programa em 2012, os quais disseram que a entrada dessa modalidade, trouxe alunos com perfis e visões diferentes, em que impactaram positivamente a escola e deram um incentivo aos demais na questão dos estudos. Ou então também, como visto ainda que de maneira rasa, a questão da melhora dos índices da escola, à destacar o Idesp, o qual o Macedo passou a ter progressivamente um resultado melhor contando com a participação também das turmas do Vence, batendo durante vários anos as metas estipuladas para a escola, melhorando as suas notas no Saresp e o seu fluxo de alunos.

Mas duas questões precisariam ser muito bem tratadas para dar procedência ao argumento anterior. A primeira é seguindo a linha da capacitação dos professores e da escola para lidarem com os módulos, não apenas com de forma pedagógica como apresentada, mas comportamental, a qual foi muito comentada pelos alunos, em referência a distinção que ocorre e ocorria de tratamento entre os módulos. A escola que recebesse o programa, e até mesmo as que já o executam, deveriam receber uma formação para lidarem com esses alunos; poderia ser uma espécie de recomendação em cartilhas como um documento mandado para as escolas que receberam as Extensões sobre a “Gestão Compartilhada”, ou então propriamente uma formação de gestores e professores, sobre os impactos sobre os alunos a partir das cobranças, tratamentos e posturas que tomam, por exemplo. Além do mais, fatores importantes que deveriam ser alteradas, para melhorarem o “clima organizacional” da escola, seria a questão dos uniformes diferenciados, que apesar de serem úteis para a identificação e organização da escola, trazem um efeito simbólico de diferenciação dos alunos, o qual o classifico a partir de uma fala onde um aluno do Regular que se retratava a um aluno do Vence, de -“Colarinho Verde”-, que estava se referindo a cor do uniforme usado pelos alunos do Etim. Outro ponto que foi levantado pelos alunos, foi a questão de misturarem nas salas de aula os alunos dos módulos, porém não se chegou a uma posição exata sobre isto; mas o que certamente seria recomendado é a questão de misturar as salas como um todo pela escola, pois no caso do Vieira Macedo, os módulos são divididos em lados e corredores diferentes da escola, que dificulta a interação entre os mesmo, que seria extremamente necessário e benéfico; mais uma vez aqui, teria que se sacrificar a questão da facilidade da organização e identificação, para se melhorar o clima na instituição. Finalizando o último ponto da primeira “questão”, atividades e projetos em conjunto são essenciais. Não que garantam um convívio totalmente harmonioso, mas faz com que os alunos desenvolvam relações, lembranças e laços entre si. Quanto as atividades, o que se foi relatado foi que houveram alguns projetos importantes na escola, mas que eram sempre com um teor de competição e não de cooperação, que podia até melhorar as relações entre os alunos da mesma sala, mas que, sem desmerecer os seus esforços, dado o maior tempo que os alunos tinham disponível na escola e como sala, em todos estes projetos, as turmas do Etim sobressaíram, se reafirmando para com o corpo da escola e para os alunos do Regular a sua “posição superior”,

que por vezes os alunos do regular nem se empenhavam mais em algumas atividades, por “já saberem” o resultado.

A segunda grande questão é a necessidade de se trabalhar em diversas dimensões o tocante da imagem e o que é o programa Vence. Pois se nem 69,7% dos alunos do Vence foram avisados e sabem o que é e do que se trata este programa, não se é de assustar que 81% dos alunos do Regular não o conheça, nem que seja superficial o conhecimento dos professores sobre o mesmo. Como já dito anteriormente, na escola estudada, os alunos do Regular são chamados de “Macedo” e os alunos do Etim são chamados de “Etec”; a partir do apresentado no Referencial Teórico sobre a potência desta instituição -Etec- e o que essas escolas técnicas de “elite” representam, é também simbólico a maneira como eles são chamados, e como são vistos; este fator explica também o fato de terem orgulho de usarem o uniforme da Etec, pois em outro momento, em 2015, tentou-se implementar um uniforme do “Vence” para os alunos e este não foi aceito, pois os estudantes queriam utilizar o mesmo uniforme que os demais alunos da Etec de São José dos Campos (hoje chamada de Etec Prof^a Ilza Nascimento Pintus), a sede. Quando principalmente as primeiras turmas do Vence no Macedo entraram, elas não foram avisadas que estavam participando deste programa, tanto que foi um choque para praticamente todos os alunos quando ao entrarem na escola, souberam que “de manhã” (horário do Ensino Médio) eles eram alunos da rede estadual como todos os outros, e que não teriam acesso ao material do Ensino Médio da Etec, mesmo tendo feito o mesmo vestibular que os demais alunos do EM e do Etim da Etec Sede. Assim, mesmo que indiretamente, os alunos do Vence desejam serem vistos como os alunos da “Etec”, e isso vai continuar causando cisão dentro da escola, onde continuará existindo dois grupos diferentes e separados de alunos, que continuarão sofrendo distinção, comparação e rixa. Assim, é necessário construir a ideia de unidade, a ideia de “alunos da E. E. Prof. José Vieira Macedo”. Por fim, não só para o Macedo, mas para todas as escolas que recebem o programa Vence, é necessário que sejam transparentes desde de o momento de divulgação, seleção e matrícula, que esses alunos são alunos da rede de educação estadual de São Paulo e não alunos do Ensino Médio da Etec; para que se assim, o programa construa a sua imagem e seja transparente, para que os alunos se matriculem conscientes e entrem claramente com a ideia de serem alunos e alunas da respectiva escola estadual participante do programa.

As origens, aspirações e trajetórias dos alunos de ambos os módulos, foram relevantes desde o início da pesquisa, os quais foram destacados nas hipóteses, nos objetivos e nas questões formuladas para o questionário. Dado que já foram apresentados de forma mais explicativa e detalhada nos Resultados, nesta seção, se teve como objetivo tratar destas questões de maneira a relacioná-las, ao mesmo tempo confirmando ou negando as hipóteses e confluindo os seus resultados para se chegar na resposta da pergunta inicial de pesquisa (“O programa estadual “Vence” reproduz as Desigualdades de Oportunidade Educacionais entre os alunos do Ensino Médio Regular e do Ensino Técnico Integrado ao Médio (Etim)?”).

Na questão do perfil socioeconômico, ao se comparar os levantamentos, é possível constatar que aproximadamente 45% dos alunos de ambas as modalidades, apresentam praticamente as mesmas características e variáveis socioeconômicas; quando observada a outra metade, os resultados retratam que os alunos do Etim apresentam as suas médias dos resultados socioeconômicos mais elevados que a soma das médias do Regular. Dada a essa inflexão que ocorre, pôde-se compreender o porquê que os alunos do Vence são estereotipados como “melhores de vida”. A variável que mais destacou essa diferença, foi na questão da renda familiar, pois ainda que cerca de 60% dos alunos do Vence tenham uma renda familiar de até 3 salários mínimos, este valor salta para 88% dos alunos do Regular. Em todas as demais perguntas de abordagem socioeconômica, a proporção que representa um perfil mais elevado tendeu majoritariamente para os alunos do Etim. No tocante das questões socioculturais, foram notadas pequenas diferenças entre os módulos, de forma que foi possível assumir que houve aproximadamente 15% de participação a mais dos alunos do Etim em cursos e formações apresentados no questionário. Já na questão das atividades que os alunos realizaram pelo menos uma vez nos últimos três meses, apesar de haver uma similaridade na proporção da realização das atividades, os alunos do Etim se apresentaram também mais participativos; assim pode-se supor que há uma participação maior de alunos e ex-alunos do Etim, em atividades culturais e em cursos de extensão e complementares.

Já para os resultados sobre Educação, uma questão em especial que a princípio pareceu refutar parte da hipótese de que “Os alunos do Etim têm mais projeções e probabilidades de entrarem em um curso superior, do que os alunos do Ensino Regular”, foi a que questionou os

alunos sobre quais as suas motivações principais de permanecerem no EM, de forma surpreendente ao considerar as falas dos professores e da direção, o “ensino superior” apareceu em 45,5% das respostas dos estudantes do Regular, mais que a proporção de 30,4% do Etim. Porém, esta hipótese não pôde ser totalmente refutada, pois ao se questionar as prioridades dos alunos ao se formarem, 30,3% do Ensino Regular respondeu que pretendem “prestar vestibular e trabalhar”, 21,2% responderam “trabalhar” e apenas 15,2% responderam “prestar vestibular e focar exclusivamente nos estudos”. Já para 54,5% dos alunos do Etim a prioridade ao se formar foi/é “prestar vestibular e trabalhar”, para 21,2% “prestar vestibular e focar exclusivamente nos estudos” e para 15,2% “trabalhar”. Quando analisados por fim os resultados das trajetórias na educação dos ex-alunos, levantou-se que 66,7% dos ex-alunos do Regular disseram não fazerem ou terem feito ensino superior; já quanto aos ex-alunos do Etim, 75% responderam que fazem ou fizeram ensino superior. Sendo assim, através da retomada desses dados é possível visualizar que dentre os grupos de alunos e ex-alunos que entrevistamos, houveram diferenças entre as suas pretensões e trajetórias ligadas à educação, os quais os alunos e ex-alunos do Vence mais uma vez apareceram de forma dominante nos resultados e mostraram que os seus caminhos tendem a serem mais voltados ao Ensino Superior.

Quanto as condições de acesso à informação e acessibilidade ao programa, o alcance do Vestibulinho da Etec pareceu ser alto, sendo que 78,8% dos alunos do Regular ficaram sabendo sobre o processo seletivo e sobre a Etec. Assim, se garante que houve um acesso à informação mais democrático. Quanto as condições para se prestar a prova, 51,5% dos alunos do Vence fizeram cursinho para o Vestibulinho, já dos alunos do Regular que fizeram o Vestibulinho, apenas 9,1% cursaram. Assim, um ponto que poderia se questionar é sobre o quanto de influência que esses cursinhos preparatórios tiveram no desempenho desses alunos no vestibular, como também se esse fator não pode ser utilizado para explicar uma base melhor de conteúdo do fundamental dos alunos do Etim, e conseqüentemente uma posição mais crítica e exigente sobre a qualidade do ensino na escola.

No tocante aos impactos do programa na escola, sobre questão de recursos que a mesma passou ou não passou a receber, em uma das hipóteses levantadas na pesquisa, presumia que a escola passou a receber mais recursos humanos, financeiros e materiais, assim como melhores

colocações a partir da vinda do Vence. Através dos Resultados, concluiu-se que não houveram mudanças significativas com a entrada do Vence; a escola passou apenas a receber uma quantidade maior de alimentação escolar (merenda) e uma pequena equipe de limpeza no período da tarde e da noite nas salas em que a Extensão da Etec ocupa. Já em relação aos melhores rendimentos com a vinda do programa, constatou-se ser verídico, uma vez que a escola passou a atingir por vários anos as suas metas no IDESP, melhorando assim o seu desempenho no SARESP e também no fluxo de alunos.

Na questão da efetividade do curso técnico na vida dos ex-alunos do Etim, foi apresentado que 33,3% dos ex-alunos do Etim seguiram a área do seu curso técnico tanto no curso superior, quanto em seus empregos; 12,5% seguiram a área do curso técnico no ensino superior e 54,2% não atuam diretamente com a área do técnico nem em seus cursos, nem em seus empregos. Sendo este resultado das trajetórias tomadas pelos alunos considerado equilibrado. Em relação se o técnico os ajudaram no mercado de trabalho, 50% dos alunos responderam que ajudou. Por fim, chegou-se à conclusão de que para metade dos ex-alunos do Etim, o curso técnico foi relevante e útil. Todavia, não se deve ignorar a outra porção de alunos que disseram não terem sentido utilidade suficiente para com o técnico; recomenda-se que estes alunos sejam ouvidos e que se estude se as suas avaliações são questões relacionados exclusivamente aos indivíduos ou se pode ter sido uma falha em sua formação e no conteúdo da escola.

Com os levantamentos resumidos e comparados, e a partir das análises destes resultados e o estabelecimento de conexões com as teorias, pôde-se responder a pergunta de pesquisa de que o programa Vence, do modo em que está inserido e sendo conduzido na E. E. Prof. José Vieira Macedo, reproduz as desigualdades de oportunidades educacionais na vida dos alunos. De forma que essas desigualdades foram divididas em dois segmentos, já apresentados no Referencial Teórico, os quais foram os fatores intraescolares e os fatores extraescolares. No caso dos fatores intraescolares, os destaques para os pontos que mais atingem os alunos do Macedo e impactam no relacionamento deles para com a escola, é primeiramente, de forma geral, a subdivisão de categorias existente dentro da escola, ainda que não ocorra de maneira genuína como no caso da alteração no currículo dos dois módulos como em alguns sistemas apresentados por Ringer

(1989) com alguns sistemas na Europa, e Lucas (2001) nos Estados Unidos; mas a maneira que ocorre na escola estudada, é que ao ela seccionar os alunos em segmentos, intrinsecamente já se fará uma separação entre eles. Os indivíduos que fazem parte de grupos dentro de um todo mais geral, passam a serem vistos, forma específica, como segmentos distintos; e inerentemente quando se há mais de um modelo, surgem fatores secundários, que podem ser definidos nesse caso como sendo as comparações, os relacionamentos, as preferências e os tratamentos diferenciados. Outro fator intraescolar já citado, é na questão da “equidade formal” trabalhada por Pereira (2015), pois se levar em consideração a manutenção da práticas pedagógicas de tratar todos os alunos de forma igual, ainda que tenham características e dificuldades diferentes, essas dificuldades se perpetuam e no caso do Macedo, causam implicações em ambas as modalidades.

Já a questão dos fatores extraescolares que podem vir a causar estratificação educacional, a família é o elementos o qual recebeu maior atenção ao longo do trabalho; pois através das suas condições socioeconômicas, a importância com que dão para os estudos, assim como a maneira os quais estão estruturados, acabam por influir fortemente nos resultados, nas condições de acesso, permanência e a uma parte do controle da qualidade da escola, através da participação destes atores na vida escolar dos estudantes e da instituição (Demeterco, 2009) (Pereira, 2015) (Silva; Souza, 1986). Como visto nos resultados, os alunos do Etim apresentaram um grau de assertividade mais alto nestas variáveis, simultaneamente os resultados destes alunos nas demais questões e projeções apareceram mais altos e constantes. E dado que em grande parte da teoria das Desigualdades de Oportunidades Educacionais as condições socioeconômicas são o fator preponderante, conclui-se que tanto devidos aos fatores intraescolares, quanto extraescolares os alunos do Etim apresentam vantagens sobre aos demais.

A relação entre Ensino Médio e o Ensino Técnico na situação dos alunos do Vence, apontam também para uma das características apresentadas no levantamento teórico sobre o ensino técnico no Brasil. O fator aparente inicial da participação destes alunos no programa, é que apesar de terem uma condição financeira mais considerável a partir das comparações feitas, estes alunos ainda não têm/tiveram condição para estudarem em escolas melhores particulares, nem provavelmente passaram nas provas para os outros colégios que ofereciam a possibilidade de um ensino melhor; assim, considerando o cenário das escolas públicas estaduais, parte dos

alunos interessados em terem uma educação melhor escolheram o Etim do Vieira Macedo como uma opção. Como presente por Cláudio de Moura Castro (2005) em seu livro, à medida com que se tem a possibilidade de se cursar um ensino melhor gratuito, comparado com as demais escolas disponíveis, respaldando-se também na questão do peso da imagem de qualidade e resultados vinculadas às escolas ligadas a Etec no cenário atual, grande parte dos alunos do Etim, possivelmente entraram no Vence não ou não apenas para se qualificarem para o mercado de trabalho e a sua introdução sequencial, mas escolheram esta instituição pela possibilidade de se ter um ensino melhor. Ainda que durante os questionários a questão da qualidade da escola em si não tenha aparecido, tanto como a questão da disponibilidade do curso de Marketing no porquê de escolherem o Vieira Macedo, por exemplo; mas esta suposição se baseou mediante os fatos das demais respostas de pretensões e trajetórias dos alunos. Assim, retomando com a questão da situação do Vence no Macedo e a sua ligação com a teoria do histórico do ensino técnico no Brasil, a situação da escola apresenta a questão do problema da ocupação de alunos em cursos técnicos integrados gratuitos pela motivação não inicial do programa, de se ter uma qualificação dos jovens para a sua entrada no mercado de trabalho, mas para terem um Ensino Médio melhor do que o disponível. Estes alunos, por geralmente terem mais condições, acabam por se preparar melhor para os vestibulinho, e quem trabalha e necessita efetivamente do técnico acaba por não conseguir ter tanta preparação para estas provas como os demais alunos que procuram o EM; e esta clivagem foi visível também mediante ao fato de mais alunos do Etim terem feito cursinho preparatório, do que os alunos do Regular, que também prestaram estas provas.

Finalmente, o que se deixa de sugestão para futuras pesquisas, dado que se compreende a importância do tema principalmente no cenário de reforma do EM, a começar pela parte teórica, é de se aprofundar em outros fatores da desigualdade de oportunidades educacionais, como com os objetos de questão racial, disposição territorial dos alunos, gênero, etc; assim como levantar os dados e traçar o perfil da rede estadual de educação e São Paulo nas suas diversas variáveis; como por fim, explorar detalhadamente o processo de formulação e desenho deste programa. Nos aspectos voltados à pesquisa de campo, sugere-se que se avalie a diferença dos custos e despesas entre uma escola com Etim e sem Etim, e que o valor que estas Extensões despendem para manterem o Vence, apesar da dificuldade de se obter a mensuração destas

informações/dados, sejam comparados com os resultados e as suas propostas iniciais do programa, calculando o seu custo-benefício. Outra sugestão crucial para as seguintes pesquisas é, se possível, que se faça a pesquisa utilizando mais instrumentos quantitativos e que o modelo de estudos de caso, sejam o modelo de estudos de casos múltiplos (Yin, 2001).

Referências

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Coautoria de Maria Alice Nogueira. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU; CHAMPAGNE, P. Os Excluídos do interior. Escritos de educação. Coautoria de Maria Alice Nogueira. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 219-227, 2004

BRASIL. Congresso. Senado. Constituição (1988). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. da Educação.

BRASIL. Dante Henrique Moura. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

BRASIL. Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

BRAZOROTTO, Cíntia Magno; VENCO, Selma. A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO NO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO: IMPLANTAÇÃO DE POLÍTICA PARA INTEGRAÇÃO OU DESINTEGRAÇÃO? Educare Et Educare: revista de educação, Cascavel, v. 2, n. 23, p.1-13, jul. 2016. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/16093/11110>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

CAMPELO KOSLINSKI, Mariane; ALVES, Fatima. Novos olhares para as desigualdades de oportunidades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca. Educação & Sociedade, v. 33, n. 120, 2012

CARMO, Roberto Luiz do et al. Atlas das Condições de Vida em São José dos Campos. São José dos Campos: Equipe da Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 2004. 51 p.

Disponível em: <<https://servicos2.sjc.sp.gov.br/media/26424/atlas.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

CONGRESSO CBM. Etecs e fatecs: passaporte para o mundo do trabalho. Disponível em: <<http://congressocbm.com.br/etecs-e-fatecs-passaporte-para-o-mundo-do-trabalho/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

DA SILVA, Alda Pinto; NEY, Marlon Gomes; DA COSTA CAETANO, Rodrigo. Desigualdades de oportunidades educacionais reveladas pelo ENEM no estado do Rio de Janeiro: Agenda Social. p. 43- 64,

DEMETERCO, S. M. S. Sociologia da educação. 2 ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.

DETRIACHI FILHO, Edson. A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA: Estudo de uma Unidade do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. 2012. 127 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação,, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Marília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104852/detriachifilho_e_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 nov. 2017.

DUBET, François. O que é uma escola justa? a escola das oportunidades. São Paulo, SP: Cortez, 2008. 119 p

EDUCAÇÃO PÚBLICA. Educação profissional no brasil: da industrialização ao século xxi. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0109.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

ENEM POR ESCOLA. Ranking 2017 são José dos campos. Disponível em: <<https://enemporescola.com.br/escola/35013560/medias>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

ENSINO MÉDIO. Brasília. Available at: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf [Accessed 8 Jan. 2018].

EETEC DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Etec de são José dos campos: contexto histórico. Disponível em: <<http://historiaetecsjcampos.blogspot.com/2014/02/blog-post.html>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

EETEC SÃO JOSÉ DOS CAMPOS EXTENSÃO VIEIRA MACEDO. Sobre a extensão vieira macedo. Disponível em:

<<http://etecvieiramacedo.blogspot.com.br/2015/02/sobre-extensao-vieira-macedo.html>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

ETEC VIEIRA MACEDO. Sobre. Disponível em:

<<https://etecvieiramacedo.wordpress.com/sobre/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. Alckmin esvazia bandeira eleitoral para o ensino técnico na rede de sp. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/09/1818223-alckmin-esvazia-bandeira-eleitoral-para-o-ensino-tecnico-na-rede-de-sp.shtml>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

FRANCO, Leonardo Tote. A contribuição da memória no fortalecimento da reputação institucional: o caso dos 45 anos do Centro Paula Souza. 2014. 95 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, Cásper Libero, São Paulo, 2014. Disponível em:

<http://www.aberje.siteprofissional.com/monografias/memoria_paulasouza45anos.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2017.

G1. Com 'vestibulinho', etecs se destacam entre escolas públicas de sp no enem. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/10/entre-20-escolas-publicas-de-sp-com-maiores-medias-no-enem-19-sao-etecs-com-vestibulinho-etecs-se-destacam-entre-escolas-publicas-de-sp-no-enem.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

G1. Professor estadual com licenciatura ganha em média r\$ 16,95 por hora. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/06/professor-estadual-com-licenciatura-ganha-em-media-r-1695-por-hora.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

G1: Corte em programa deixa alunos sem aulas na região de Sorocaba. Sorocaba, 6 fev. 2015. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/02/corte-em-programa-deixa-alunos-sem-aulas-na-regiao-de-sorocaba.html>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

GARCIA, Sandra Regina de Oliveira. O fio da história: a gênese da formação profissional no Brasil. Núcleo de Estudos da UFMG. Belo Horizonte: Unisinos, n. 2, p. 01-18, 2000.

GUARULHOSWEB. Eniac não dispensa alunos do programa vence apesar de cortes do estado. Disponível em:

<<http://www.guarulhosweb.com.br/noticia.php?nr=91807&t=eniac+nao+dispensa+alunos+do+pograma+vence+apesar+de+cortes+do+estado>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

IBGE. São José dos Campos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-dos-campos/panorama>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

INSTITUTO UNIBANCO. Jovem de futuro. Disponível em: <<http://www.institutounibanco.org.br/jovem-de-futuro/>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LAHIRE, B. Sucesso Escolar os meios populares: As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LUCAS, Samuel. Effectively Maintained Inequality: Education Transitions, Track Mobility, and Social Background Effects. In: The American Journal of Sociology: v. 106, n. 6, p. 1642-1690. May/2001.

MACHADO, Alexandro Fabio et al. Desigualdade de acesso a oportunidades educacionais: acesso à escola de alto desempenho relativo em Carapicuíba. 2017.

MANFREDI, Silvia Maria. Educação profissional no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

MELHOR ESCOLA. Rede estadual Jose Vieira Macedo professor. Disponível em: <<https://www.melhorescola.com.br/escola/jose-vieira-macedo-prof/enem>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

MEU MUNICÍPIO. Dados de São José dos Campos. Disponível em: <<https://meumunicipio.org.br/perfil-municipio/3549904-sao-jose-dos-campos-sp>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Pronatec. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

MINISTERIO DA SAUDE. Índice de gini da renda domiciliar per capita - São Paulo. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginisp.def>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MINISTÉRIO DA SAUDE. Índice de gini da renda domiciliar per capita - São Paulo. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginisp.def>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

MONT'ALVÃO NETO, A. L. Estratificação educacional no Brasil do século XXI. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 54, n.2, p. 389-430, 2011.

- Moura, D. (2007). EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO. Brasília. Available at: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf [Accessed 8 Jan. 2018].
- NEGRI, Barjas; TORRES, Haroldo Da Gama; CASTRO, Maria Helena Guimarães De. Educação básica no estado de são paulo:: avanços e desafios. 1 ed. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, 2014. 483 p.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. Educação & Sociedade, v. 23, n. 78, p. 15-36, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; PÁDUA, Isabel Campos Araújo. A reforma da educação profissional: avanço ou retrocesso? In: Política e Administração em Educação/III Encontro ANPAE/ES. Vitória. Anais. Espírito Santo: ANPAE, 2000.
- PEREIRA, Orcione Aparecida Vieira et al. Desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil: o caso do ensino superior. 2015.
- PEREIRA, Orcione Aparecida Vieira. DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS CONTEMPORÂNEAS. Revista Pesquisa e Debate em Educação, v. 6, n. 1, 2017.
- PROGRAMA DE QUALIDADE DA ESCOLA. O que é o idesp?. Disponível em: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp. Acesso em: 22 ago. 2018.
- QEDU. Jose vieira macedo professor. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/187953-jose-vieira-macedo-professor/sobre>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil: Classe, Gênero e Raça. Desigualdade de oportunidades no Brasil. Ribeiro, CAC, 2009.
- RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Desigualdade de oportunidades no brasil. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2006.
- RINGER, Fritz. On segmentation in modern European educational systems: the case of French secondary education, 1865-1920. In: The Rise of the Modern Educational System: Structural Change and social Reproduction 1870-1920. Cambridge University Press. 1989.

RODRIGUES, José. Celso Suckow da Fonseca e a sua “História do ensino industrial no Brasil”

*. Revista brasileira de história da educação, ., n. 4, p. 5-28, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/viewFile/246/253>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

ROMANELLI, Otaíza de O. História da Educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Jailson Alves dos. As Bases da Reforma do Ensino Médio e da Educação Profissional de Nível Técnico:: As tramas das forças políticas no Congresso Nacional na tramitação da LDB. 2007. 164 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/santosalvest2006.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2017.

SÃO PAULO (Estado). Decreto-lei nº ., de 06 de outubro de 1969. São Paulo, SP.

SÃO PAULO. Especial 40 anos do centro paula souza: conheça a linha do tempo da instituição. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/especial-40-anos-do-centro-paula-souza-conheca-a-linha-do-tempo-da-instituicao/>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Alckmin anuncia abertura de inscrições para o programa rede ensino médio técnico. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/alckmin-anuncia-abertura-de-inscricoes-para-o-programa-rede-ensino-medio-tecnico/>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Alckmin lança programa rede ensino médio técnico. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/programa-rede-ensino-medio-tecnico/>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Ensino técnico é ampliado para todo o estado com o programa vence. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/ensino-tecnico-e-ampliado-para-todo-o-estado-com-o-programa-vence/>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Secretaria abre credenciamento para a rede ensino médio técnico. Disponível em:

<<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/secretaria-abre-credenciamento-para-a-rede-ensino-medio-tecnico/>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Vence. Disponível em:

<<http://www.educacao.sp.gov.br/vence>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO. Classes descentralizadas. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/classes-descentralizadas>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

SILVA, Cleverson Ramom Carvalho; PEIXOTO FILHO, José Pereira; GODINHO, Ana Claudia Ferreira. REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ORIGEM E CONTEXTOS ATUAIS.

SIMIELLI, Lara Elena Ramos. Equidade educacional no Brasil: Análise das oportunidades educacionais em 2001 e 2011. 2015. Tese de Doutorado.

SOUZA, Claudia Maria de. A expansão, a descentralização e a democratização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: campus São José dos Campos. 2014. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, Claudia Maria de. A expansão, a descentralização e a democratização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: campus São José dos Campos. 2014. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, Claudia Maria de. A Expansão, a Descentralização e a Democratização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São José dos Campos. 2014. 60 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão Pública Municipal, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3741/1/CT_GPM_2013_32.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SOUZA, N. R. M. D. et al. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. 2 ed. Belo Horizonte: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2003.

VEJA. Brasil atingiu, em 2010, menor patamar histórico de desigualdade de renda. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/politica/brasil-atingiu-em-2010-menor-patamar-historico-de-desigualdade-de-renda/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

ZIBAS, Dagmar ML. Refundar o ensino médio? Alguns antecedentes e atuais desdobramentos das políticas dos anos de 1990. *Educação e Sociedade*, v. 26, n. 92, p. 1067-1086, 2005.